

QUANDO VOCÊ SE APAIXONA PELA PESSOA ERRADA PELAS RAZÕES CERTAS,

TUDO PODE ACONTECER

WILL Walton

V&R

Tudo pode acontecer

TUDO PODE ACONTECER

WILL Walton

Tradução FABRICIO WALTRICK

V&R
EDITORAS

Edição: Fabrício Valério e Flavia Lago
Editora-assistente: Marcia Alves
Preparação: Carla Bitelli
Revisão: Marina Constantino
Direção de arte: Ana Solt
Diagramação, arte de capa e epub: Juliana Pellegrini
Imagem da capa: peresanz/iStock.com

Título original: *Anything Could Happen*

© 2015 by William Walton
© 2015 Vergara & Riba Editoras S/A
vreditoras.com.br

Todos os direitos reservados. Proibidos, dentro dos limites estabelecidos pela lei, a reprodução total ou parcial desta obra, o armazenamento ou a transmissão por meios eletrônicos ou mecânicos, fotocópias ou qualquer outra forma de cessão da mesma, sem prévia autorização escrita das editoras.

Rua Cel. Lisboa, 989 | Vila Mariana
CEP 04020-041 | São Paulo | SP
Tel.| Fax: (+55 11) 4612-2866
editoras@vreditoras.com.br

ISBN 978-85-7683-933-0

1ª edição, 2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Walton, Will
Tudo pode acontecer [livro eletrônico] / Will Walton ; tradução Fabricio Waltrick. -- São Paulo : Vergara & Riba Editoras, 2015. 2 Mb ; ePUB
ISBN 978-85-7683-933-0
1. Adolescentes gays - Ficção 2. Amizade - Ficção 3. Ficção juvenil I. Título.
15-07935
CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção: Literatura juvenil 028.5

Para minha mãe e meu pai, que me carregam no colo

um

Vou te contar sobre quando me dei conta de que estava realmente apaixonado por Matt Gooby.

A gente estava na igreja. A reverenda Greene chegava ao fim do seu sermão anual de Onze de Setembro:

– Agarrem-se firme ao que é bom. – Com um penteado bufante, seu cabelo loiro balançava enquanto ela se inclinava para a congregação e fazia um apelo sincero. – Nosso lar eterno está só a meio passo de cada um de nós – ela disse. – Quando chegar o momento de darmos esse meio passo (não sabemos quando isso vai acontecer, é claro), provavelmente não vai ser nada bonito. Provavelmente vai *parecer* que não é a hora certa. E, povo – eu adorava o jeito que ela se dirigia à gente –, vou tentar ser bem direta com vocês: a hora de agarrar o que é bom é agora. Não foi ontem. Não vai ser daqui a nove anos. Não vai ser quando nos aposentarmos. Nem quando terminarmos a faculdade. É agora. O que é bom é agora.

Todos fizeram silêncio absoluto. Só os bancos bambos de madeira soltaram alguns rangidos. Tentei não olhar em volta, pois tive a sensação de que algumas pessoas podiam estar chorando.

– Então peguem na mão de quem estiver ao seu lado – a reverenda Greene sorriu. – e apertem. Vamos lá, apertem forte… Ninguém vai se machucar.

Algumas risadas diminuíram um pouco a tensão. Minha mãe, à minha direita, segurou minha mão com tanta força que os nós dos meus dedos estalaram alto. Então, ela se inclinou para perto de mim e sussurrou:

– Te amo tanto, Tretch.

Quando ela se afastou, meu rosto estava molhado, e eu só consegui pensar: “Pelo amor, mãe… Não chora”. Estiquei o ombro até minha bochecha para limpá-la, pensando em esboçar uma careta para o Matt ou revirar os olhos enquanto eu esfregava o

rosto. Qualquer coisa só para mostrar a ele que, sabe, eu já não tinha mais idade para aquilo.

Mas quando dei uma espiada nele, vi que seus olhos estavam *bem* fechados, como se tivesse decidido que nunca mais os abriria. Sua mão esquerda segurava a ponta do banco com força. “Agarre firme”, pensei. “Agarre firme porque a vida passa voando”, e aquilo me pareceu fazer sentido.

Foi aí que ele deslizou sua outra mão pelo topo do banco, encontrou a minha e a apertou. Aquela vibração suave da sua mão subiu direto para minha nuca e com ela veio não um pensamento *completo*, mas a *essência* de um pensamento, do tipo que se perde entre outros maiores e mais estrondosos. O tipo de pensamento que soa só um tantinho mais alto que uma sensação.

Seu polegar escorregava dentro da minha mão. Ou talvez apertasse minha garganta, bem em cima do gogó. Ou talvez cravasse em meu peito. Não sei. Naquele momento, a reverenda Greene nos pedia para fechar os olhos por um instante e meditar. Como se aquela fosse a deixa, minha mãe soltou minha mão, e fui rodeado pelo som vago de mãos se largando ou sendo largadas.

Matt não largou a minha.

Fechei os olhos. Eu podia sentir todos que estavam de um lado – minha mãe, meu pai e meu irmão. E do outro – Matt, cujo sorriso com aquele espaço entre os dentes da frente me fazia querer abraçá-lo, e não apenas ele, mas o mundo todo; ele, que, naquele instante e de alguma forma, me fazia acreditar ser possível juntar nossos mundos, como se nem fosse preciso fazer esforço.

“Você está apaixonado, Tretch”, o pensamento me tomou enquanto a reverenda Greene colocava fim à meditação, dizendo:

– Senhor, por favor, ajude a nos agarrarmos ao que é bom (que é tudo) nesta vida.

Quando ela disse “amém”, soltei a mão dele. Quer dizer, soltei a mão dele fisicamente.

O restante de mim continuou agarrado ali.

dois

Desde então se passaram três meses e chegamos ao fim de dezembro.

Ainda estou me agarrando. A quê, eu não sei com certeza.

Hoje, na escola, durante a última aula de matemática, um bilhete fica passando pela classe.

Nele está escrito *Tretch Farm + Matt Gooby* dentro de um coraçãozinho.

Matt e eu meio que ignoramos aquilo. A piada já é velha. Não ligamos nem quando ouvimos as risadinhas abafadas, nem mesmo quando a senhora Cook intercepta o bilhete dentro do punho cerrado de Spencer Finch na frente de toda a classe.

A senhora Cook me pede para ficar depois da aula. Ela não faz o mesmo com Matt porque, como quase todo mundo, ela assume que Matt seja gay, já que ele tem dois pais gays (mas ele não é). Acho que ela me vê como um herói por ser amigo dele.

– Então, Tretch – ela começa a falar. Está usando umas mangas bufantes bizarras debaixo de um macacão de veludo cotelê. – Imagino como você deve estar se sentindo com esse tipo de coisa. – Ela coça uma mancha vermelha no braço. – Mas acho que esta brincadeira já foi longe demais.

"Você está certa", eu penso. "Foi mesmo."

– Você é um bom rapaz e não merece – ela coça o queixo – sofrer esse tipo de *acusações*.

Ela cospe ao falar "acusações" e acaba me acertando.

– Sei que isso deve te deixar chateado – ela comenta.

"Bem, nem tanto assim", penso, enxugando meu rosto.

– E deve chatear também os seus pais.

"Chatearia, eu acho, se eles soubessem."

– Por isso, estou disposta a ir fundo nisto se você quiser.

Ela ergue o bilhete e imediatamente reconheço a letra. Nem precisa ir a fundo de nada.

– Bobby Handel – eu falo. – Essa é a letra do Bobby Handel.

Os olhos da senhora Cook se estatelam. Suas narinas tremem.

– Mas não diga nada – peço. – Por favor.

– Tretch, quero…

– Eu sei que a senhora quer ajudar. Mas, sinceramente, o pai de Bobby e o meu pai…

– São sócios. Eu sei. – Ela acena compreensiva com a cabeça.

– Exatamente – eu falo. – Por isso, gostaria de manter tudo em paz.

– Tretch, a escola tem uma política de tolerância zero com bullying.

– Eu *sei*, eu sei. – Levanto minha mão. – Mas não é *bullying* pra valer, senhora Cook. Entende?

A senhora Cook infla as bochechas, imitando as mangas da sua camisa. Então suspira.

– Acho que sim. Se você está dizendo…

– Além do mais – acrescento –, agora começaram as férias de inverno. Ninguém vai se lembrar desse bilhete bobo quando a gente voltar.

Ela faz que sim com a cabeça, então sorri.

– Bom, diga aos seus pais que eu desejei feliz Natal, tá?

– Combinado, senhora Cook.

– Ah, e para os seus avós também!

– Ah, claro. – Eu me levanto e coloco a mesa no lugar.

– Você vai visitá-los nas férias? Seus avós?

Eu me viro e forço um sorriso de orelha a orelha.

– Sim, senhora. Pode deixar que eu dou o recado pra eles.

Minha mochila repousa leve no meu ombro, todos os meus livros da escola estão trancados no meu armário para as férias. Dou um último tchau para a senhora Cook e caio fora dali.

Quando saio, Matt está me esperando no corredor. Finjo que não o vejo e esbarro nele, empurrando-o para que caia sobre o bebedouro.

– Opa, *desculpa* – eu falo, chegando um pouco mais perto antes de me afastar. Só porque, naquele momento, eu posso.

– Ei, ei, *qual é que é*? – Ele dá um pisão no calcanhar no meu tênis, o que me obriga a parar para calçá-lo de novo. – O que a Mestra *Cooka* queria? Ela falou do bilhete?

– Falou. Ela queria fazer alguma coisa a respeito. Eu disse pra ela deixar quieto, que ninguém se feriu.

– Foi o Bobby Handel que escreveu?

– Sim, senhor.

Matt dá um sorriso.

– Tretch Farm – ele diz. – Defensor de valentões desde a pré-escola.

– Como um campeão. – Ergo o punho no ar. Andamos pelo corredor em direção à saída, passando por armários enferrujados e pilhas de papéis descartados. – Matt, daqui a aproximadamente nove passos estaremos livres deste lugar por um período inteiro de férias. Como é que você se sente?

– Eu me sinto assim… – Ele dá um passo gigante para a frente e se ajoelha na posição de um velocista. – *Pou!*

Ele sai a milhão e avança pelas portas duplas da Warmouth High School. Assim que desce os degraus da frente, vira e mostra o dedo do meio para o prédio. Os dois dedos do meio, na verdade.

– Matt! – chamo.

– As aulas terminaram, baby! – ele grita.

Quando alguém fala mal dos Gooby ou contra a legalização do casamento gay e tal, minha mãe sempre diz:

– O que as pessoas fazem na privacidade do seu lar não me diz respeito.

Conversar sobre os Gooby, porém, ainda a deixa desconfortável, dá para ver. É por isso que eu, mesmo sendo o melhor amigo de Matt há um ano e meio, nunca fui até a casa dele.

Como se me manter longe dos pais de Matt pudesse me fazer deixar de ser quem eu sou.

Quer dizer, já é um pouco tarde para isso.

Muitas vezes, tento imaginar a pior coisa que poderia acontecer se soubessem a meu respeito. Tipo a cidade inteira de Warmouth explodiria em uma fogueira selvagem causada por civis rebelados depois de finalmente descobrirem meu grande segredo gay. Ou minha família talvez implodisse, igual a um submarino quando desce muito fundo e a pressão fica alta demais.

Eu me imagino contando para eles. Passo a cena na minha mente. Nós vamos estar na sala, com madeira de lei e tapete de estampa chinesa, o toca-discos, a tevê e a mesinha de centro (tudo ali, exceto pelo vaso de vidro que derrubei naquela vez em que fiquei praticando uns passos de dança). Minha mãe e meu pai estarão lá, e o Joe também.

– Mãe, pai, eu *sou*… – vou dizer. Só que então, vou amarelar. – … uma pessoa morta de fome. Tem alguma coisa pra comer aqui?

– Claro, Tretch. Olha na geladeira. Comprei peru hoje.

Minha mãe vai estar com sua blusa de gola rolê num tom escuro de rosa chiclete; meu pai, com sua jaqueta de caçador. Ao olhar para a estampa camuflada, vou escutar o apito de pato no meu ouvido e me sentir culpado. Minha mãe vai estar sentada no sofá; meu pai, na sua poltrona. Eu não vou encarar nenhum deles. Em vez disso, vou olhar para a mancha esbranquiçada na mesinha de centro onde o vaso de vidro costumava ficar. Minha mãe nunca deu por falta dele. Nem meu pai. Sempre achei isso esquisito.

– Tretch, tem alguma coisa errada? – minha mãe vai perguntar.

– Tem – eu vou falar. – Tem uma coisa que eu não disse pra vocês.

– O quê, Tretch? – Meu pai vai se inclinar na poltrona. – O que é?

– Eu treino passos de dança quando vocês não estão em casa. Faço coreografias por hobby.

– Ah – meu pai vai falar. – Por isso a bateção que escuto às vezes do seu quarto.

– Uma vez, enquanto eu estava praticando, derrubei o vaso que costumava ficar aqui na mesinha de centro.

– Ah – Minha mãe vai encolher os ombros. – Nós percebemos que ele tinha sumido faz um tempo.

– A gente pensou que você ou o Joe estavam apertados de grana e tinham vendido aquele troço no eBay. – Meu pai vai soltar uma gargalhada. – Mas aquilo nem era importante mesmo. Era só um presente barato de casamento.

– Eu sou gay – vou falar.

Eles vão me olhar espantados. Então vou escutar um estouro. E depois outro. As paredes vão tremer e depois parar, e enfim vou me dar conta: estamos no submarino e a pressão ficou alta demais. As paredes vão ceder e nos esmagar. Nós vamos morrer.

– O que está *acontecendo*? – Joe vai gritar.

Uma janela vai se quebrar; duas, então três.

– Salvem-se! – vou berrar para minha mãe, meu pai e Joe, e eles vão obedecer, pulando pelas janelas enquanto as paredes tombam em cima de mim.

"Sim", eu vou pensar dramaticamente, "é melhor assim".

Mas, honestamente, não seria desse jeito.

Não.

Na verdade, minha mãe, meu pai e Joe teriam afundado comigo por vontade própria. Eles teriam afundado ao meu lado sem pensar duas vezes. Independentemente do que eu fizesse ou dissesse, da pessoa que eu poderia ser ou que gostaria de ser ou fosse. Isso é o que torna tão difícil contar para eles. Saber que eles vão sofrer tudo isso por mim. Os olhares de lado na igreja, no mercado, nas reuniões de pais e professores; os empurrões no vestiário ("O que você está olhando, viadinho?"); os xingamentos, que de alguma forma passam voando por mim, receio que os acertariam em cheio, como um soco no estômago. Eles iriam discretamente cortar relações com qualquer um da cidade que falasse algo ofensivo contra os gays, que fosse homofóbico, "Goobyfóbico". Talvez eles até parassem de ir à igreja. Talvez sentiriam necessidade de se mudar. Eles sofreriam tudo isso, sem jamais esboçar qualquer reclamação.

Porque eles me amam.

– No que você está pensando, Tretch? – minha mãe vai me perguntar.

E eu vou dizer:

– Em nada, mãe.

Enquanto isso, sinto meus pensamentos dispararem das minhas órbitas como imagens de um projetor: Matt contornado com um halo pelo sol que atravessava a janela durante nossa aula de inglês; os pais de Matt o levando até a escola, e ele os apresentando para mim; Matt alcançando minha mão aquele dia na igreja e a segurando; Matt entrando no chuveiro depois da aula de educação física; Matt deitado na minha cama enquanto eu faço o dever de casa na minha escrivaninha; meu coração se sentindo tão cheio, às vezes tão cheio que eu nem consigo dormir à noite, às vezes tão repleto que chega a doer, como se eu estivesse sendo pisoteado.

Minha mãe pode ver tudo isso em mim.

Ou talvez não.

Quer dizer, se tudo aquilo não é tão óbvio para o Matt, então talvez não seja para ninguém.

três

– Então, o que você vai fazer agora? – Uma névoa quente se lança pela boca de Matt enquanto atravessamos a estrada a caminho da Barrow Street, na nossa primeira hora das férias.

– Não sei. O que você está a fim de fazer?

– Tá bom. – Ele agarra meus ombros e me encara de perto, e fica difícil não me imaginar beijando-o. – Estou pensando no seguinte: primeiro, a gente devia ir tomar um chocolate quente e comemorar o fim das provas.

– Você quer ir na Mabel?

– Quero. – Matt sorri.

Sei bem o que aquele sorriso quer dizer. Amy Sinks trabalha na Lanchonete da Mabel, o melhor lugar da cidade para tomar um chocolate quente (dizem que o segredo é que eles juntam chantilly e uma mistura de leite e creme com cacau em pó). Como nós dois, ela tem só 15 anos, mas de algum jeito está trabalhando lá desde setembro. O Joe falou que eles provavelmente estão pagando o salário dela por baixo dos panos, sem registrá-la. (“Demais”, foi o que Matt disse quando lhe contei sobre isso, como se aquela situação fizesse dela uma policial disfarçada).

Conheço a Amy desde sempre e, pelo que posso lembrar, ela sempre foi *linda* – e estou falando de “linda de morrer”. Ela tem cabelo castanho com as pontas encaracoladas (naturalmente) e olhos claros, da cor de uma turquesa. Lembro a primeira vez que Matt a viu. Era apenas o segundo dia do oitavo ano, o segundo dia dele na cidade; estávamos sozinhos na mesa de almoço da cantina quando ela entrou com algumas amigas. Ela ria e sacudia a cabeça, o que fazia seus cachos balançarem.

Matt me cutucou com o cotovelo e perguntou:

– Quem é *aquela* garota?

Respondi:

– Aquela é a Amy Sinks. O pai dela é dono da academia de ginástica da cidade. A Sinks Jovem em Forma.

Matt riu:

– Como é que chama?

– Sinks Jovem em Forma – repeti.

Acho que é um nome esquisito para uma academia dedicada a crianças, mas até então aquilo nunca tinha me ocorrido. Quase todos os garotos e todas as garotas da cidade frequentam a Sinks Jovem em Forma quando pequenos. Se for menina, normalmente vai fazer balé. Se for menino, ginástica.

– Hilário – Matt disse. – Mas até que ela *realmente* parece em forma.

Eu me virei e vi Amy balançando o cabelo.

– É, acho que sim. – Eu já estava sentindo ciúme, como se um carvão em brasa queimasse meu estômago.

Hoje em dia, o carvão não é tão perceptível. Quer dizer, eu sei que ele está lá. Posso senti-lo. Mas agora é só tipo um caroço bobo, algo que carrego comigo.

– E qual é a segunda coisa? – pergunto. Agora estamos andando pela Barrow Street. – Você falou de um jeito como se fossem duas coisas.

– Ah! O que você vai fazer hoje à noite?

Dei de ombros. A verdade: mesmo que eu tivesse planos, cancelaria no mesmo instante se ele me pedisse.

– Não sei. Você vai fazer o quê?

– Hoje à noite vai passar *King Kong* no Old Muse. – Ele se inclina na minha direção e bate as mãos. – Você *tem que* ir. É a versão de 1976 com o Jeff Bridges. É bem cafona, mas muito bom.

Dou um sorriso. O Old Muse é um velho cinema em Samsanuk. Os pais de Matt se mudaram de Nova York para reformá-lo. Agora eles passam todos aqueles filmes antigos, artísticos e estrangeiros ali. Para falar a verdade, nunca fui lá, mas Matt fala dele o tempo todo. Ele sempre acaba dizendo:

– Você *tem que* ir lá um dia, cara! Peça para os seus pais te levarem!

Samsanuk está a um bom tempinho de carro, uma meia hora, o que é o bastante para que meus pais digam não toda vez que peço para me levarem. O Joe já foi uma vez com a Melissa, a namorada dele. Quando chegou em casa, pedi para ele me contar como era.

– É bem legal – ele disse. – Gostei bastante. – Mas ele não falou nada sobre o filme, nem se tinha visto os pais de Matt.

– Parece incrível – digo agora para o Matt. E parece mesmo. Não consigo pensar em nada que eu gostaria de fazer mais que aquilo.

Conversamos um pouco sobre as provas. Matt está preocupado com a nota dele em geografia.

– Ah, para com isso – eu falo. – Você sabe que foi bem.

– Não sei mesmo, Tretch. – Ele parece inseguro de verdade. – Mas deixa pra lá! – Abre os braços e pula sobre uma poça congelada. Ao vê-lo fazer isso, meu coração acelera um pouco. – Porque *finalmente estamos de férias*!

Ele rodopia como se fosse o Ebenezer Scrooge no final de *Um conto de Natal*, então salta do meio-fio para uma vaga de estacionamento vazia, debaixo de uma placa que diz "GESTANTES". Na nossa frente, o centro de Warmouth está a mil, pessoas entram e saem das lojas, carregam sacolas e caixas, gastam um dinheirão.

A Lanchonete da Mabel fica na esquina, junto à faixa de pedestres. No momento em que entramos e começamos a esfregar as mãos para nos aquecermos, Matt varre os olhos pelo local à procura de Amy. Lembro a mim mesmo que a minha versão do que está acontecendo não bate com a versão real do que está acontecendo, e que eu preciso voltar rapidinho para a versão verdadeira.

"Para o seu bem", lembro a mim mesmo. "Isso é para o seu bem, Tretch." A lanchonete está praticamente vazia, exceto por uns poucos alunos do ensino médio que eu reconheço mas não sei quem são, duas senhoras parecendo tensas com sacolas de compras em seus colos e echarpes em volta de suas cabeças, e um velho – um dos amigos do meu vô. Olho para ele e aceno com a cabeça, enquanto eu e Matt nos sentamos a uma mesa. O homem

puxa a aba do seu chapéu para baixo e pisca. Matt me pega acenando e dá uma espiada para trás.

– Nossa, Tretch, você conhece todo tipo de gente.

– O que eu posso fazer? Sou muito popular. – Encolho os ombros, como que para dizer “não é nada de mais”, mas Matt está muito ocupado girando a cabeça por todos os lados à procura de um sinal.

– Você a viu? – No exato momento em que pergunta, Amy Sinks surge da cozinha com uma bandeja com dois sanduíches frios para as senhoras nervosas. Ela nos vê e abre a boca surpresa.

– Eu tinha pedido fritas sabor churrasco – uma das senhoras tensas reclama.

– Ah, é verdade – Amy diz. – Me perdoem. – Ela sai voando de volta à cozinha, piscando para nós (nós *dois*) no caminho, e em uma fração de segundo retorna com as fritas.

– Desejam mais alguma coisa? – ela pergunta.

De boca cheia, as duas senhoras sacodem a cabeça negativamente.

Em seguida, Amy vai ver como está o velho.

– Tudo bem por aí, senhor Thumb? – ela pergunta. Tomo nota do nome dele. – Precisa de alguma coisa?

Ele faz que sim e diz em voz alta:

– Diga para o garoto Farm vir aqui falar comigo um minuto.

Matt ri baixinho e afunda a cabeça entre as mãos.

– Nossa, Tretch – ele cantarola –, você é *mesmo* popular.

Amy começa a vir em direção à nossa mesa. Ela tem sempre um quê de dança no seu jeito de andar. Imagino que isso seja uma das coisas que a torna tão atraente. Matt estica a perna e me chuta debaixo da mesa.

– Tretch – Amy diz ao se aproximar –, acho que seu amigo quer te ver.

– Rá – eu digo. – Tá bem.

Eu me levanto, e ela desliza para o meu lado da mesa. Matt faz uma cara doida de felicidade.

– *Eeei* – ele diz. Sua mão sobe até a testa e coloca alguns cachos grossos do seu cabelo para trás. Ele sempre deixa o cabelo crescer no inverno.

Eu reparo nessas coisas.

Como no jeito que a temperatura no rosto de Matt sobe quando Amy lhe pergunta o que ele tem feito. Sorrio e dou meia-volta. Sei que é a coisa certa a se fazer: deixá-los um pouco sozinhos. Já que Matt gosta dela, e já que ele é o meu melhor amigo, e já que amar alguém significa querer ver a pessoa feliz, mesmo que isso te deixe triste no fim das contas.

O senhor Thumb faz sinal para o assento à sua frente. Aperto sua mão antes de me sentar.

– Ei, senhor Thumb – falo, como se eu soubesse seu nome antes de ter ouvido Amy pronunciá-lo. – Como está?

– Muito bem, senhor Farm! E você? Me desculpe, eu não lembro seu primeiro nome…

– Tretch – falo para ele. – Mas é apelido. É uma modificação de Rich, que é o diminutivo de Richard, que é o…

– O nome do seu avô.

– Isso. O senhor sabe, é lógico.

– E é o nome do seu pai também.

– Sim, senhor. Isso mesmo.

– E como se chama sua mãe?

– Katherine. Se bem que geralmente ela usa Katy.

Ele cofiou uns tufos de pelo que cresciam em seu queixo.

– Certo, certo. Acho que lembro. Como é que está o seu avô?

– Bem. – Baixo a cabeça e olho para o espaço vazio na mesa à minha frente. – Ele, bem, o senhor o conhece.

– Rá-rá-rá! Claro que conheço! Aquele velho doido. – O senhor Thumb gargalha por um instante. O prato dele está coberto por um xarope grudento, endurecido. Restos de panqueca. – Olha, não sei se você se lembra de mim, mas eu era dono daquele Armazém 501 lá embaixo.

– Ah, *é*. – O senhor Thumb costumava dar sorvete na faixa para mim e para o meu vô. Agora eu lembro.

– Eu queria só que você dissesse para os seus avós quanto eu e minha mulher gostamos dos picles de quiabo no outono passado. Nunca consegui dizer isso pessoalmente pra eles. – Ele abre um sorriso e começa a puxar um cachecol enrolado em seu pescoço, um padrão quadriculado alternando azul escuro e branco. – Minha mulher tricotou isso para sua avó não faz muito tempo, e eu fico usando como se fosse pra mim. – Ele tira o cachecol e o dobra em um quadrado. – Será que você pode entregá-lo para a verdadeira dona?

– Claro que posso – respondo.

Será que a senhora Thumb tricotou o cachecol porque minha vó estava doente? Fico na dúvida se devo dizer ao senhor Thumb que ela já está melhor.

Ele desliza o cachecol pela mesa até mim.

– Muito obrigado, senhor Farm.

Olho para o quadrado azul e branco nas minhas mãos e sinto sua maciez.

– Sua mulher é *muito* talentosa, senhor Thumb.

O velho segura a aba do chapéu igual a quando fez contato visual comigo.

– Ela era mesmo – ele diz.

Olho de novo para o cachecol. Quero falar alguma coisa, do tipo “meus pêsames”, mas por algum motivo não consigo. Talvez na minha cabeça aquilo soe muito artificial.

Então olho para o senhor Thumb e digo a única coisa que me ocorre:

– Senhor Thumb, isto vai significar *muito* para minha avó.

Ele acena com a cabeça, fechando os olhos por um segundo, e sei que entendeu o que eu quis dizer.

– Obrigado, Tretch. – Ele sorri. – Fique bem. Tenha um feliz Natal. E diga o mesmo para sua família.

– Pode deixar – eu falo. Levanto e aperto a mão dele outra vez. – Feliz Natal, senhor Thumb.

Ando de volta pelo restaurante até a mesa onde Matt e Amy estão sentados com o cachecol guardado em segurança debaixo do meu braço. Por um momento eles nem reparam em mim. Ele está rindo nervoso e feito uma hiena de uma piada que ela acabou de fazer, e ela está abanando exageradamente a cabeça, com a língua de fora. Fico ali parado por um instante até que Matt se dá conta da minha presença.

– Ei, Tretch, senta aí – ele diz, apontando para o banco à sua frente. Como se eu não estivesse interrompendo nada. Como se eu fosse bem-vindo e até mesmo como se ali fosse o lugar onde eu deveria estar. “Mas é claro que você deveria estar aqui, Tretch, seu tonto!”, posso imaginá-lo dizendo. Não sinto nem um tiquinho de Matt desejando que eu não estivesse ali. Naquele restaurante. Naquela mesa. Eu me sinto estupidamente grato por isso.

Amy escorrega para fora do banco e abre espaço para mim, e eu me sento, colocando o cachecol sobre o jogo americano à minha frente. Apoio meu cotovelo no parapeito e olho para fora. Hordas de moradores de Warmouth se aglomeram e fazem alvoroço no frio.

– Foi, tipo, muito bizarro? – Matt pergunta.

– Hum… – começo a dizer.

– Nossa, o que é isso? – Amy, ainda de pé, estende a mão até o cachecol.

– A mulher dele fez para minha vó – explico. Então sussurro: – E depois ela morreu.

Amy larga o cachecol na mesa como se eu tivesse dito que aquela era a fralda de um bebê leproso.

– Afe – ela diz.

Eu o pego de volta, torcendo para que o senhor Thumb não tenha visto a cena. Estou prestes a avisar que está na minha hora de ir e que talvez mais tarde eu encontre o Matt para a sessão de *King Kong* quando o telefone atrás da caixa-registradora toca.

– Aguentem aí, meninos – Amy diz.

Ela sai para atendê-lo, requebrando daquele seu jeito até o balcão. Começo a me perguntar se ela não balança a bunda assim de propósito. “Será que ela gosta do Matt?”, fico matutando. Olho para o Matt, e ele dá uma piscada.

– Pô, você nunca me disse que era um dançarino, Tretch – ele fala.

– *Quê*?

– A Amy me contou. Ela disse que vocês trocaram ideias sobre dança.

– *Quê*? Não. Quer dizer, eu posso ter *mencionado* isso para ela, mas a gente não *trocou ideias* sobre isso.

– Assim… Nós dois somos, tipo, melhores amigos desde que eu me mudei pra cá, e você nem pra me contar isso. – Matt está com aquela cara de convencido, tirando sarro da minha cara.

– Olha só, sem querer ofender nem nada. – Eu tusso. – Mas isso é uma espécie de *segredo*, sabia? Vamos ser realistas: se descobrem por aí sobre o meu talento, vou ficar famoso de uma hora pra outra. Vão praticamente me arrastar até a Broadway, e aí, me diz, com quem você vai sentar na hora do almoço?

Matt dá um cutucão no meu braço.

– Estou só te enchendo, Tretch. Mas, sério, o que você dança?

– Ah, geralmente música pop.

– Qual é a sua favorita?

– Pra dançar?

– É.

– “I Knew You Were Trouble”. Taylor Swift.

Matt dá um tapa na testa e ri.

– *Quê*? – Eu nem consigo acreditar que aquela conversa está acontecendo. Ainda mais que só mencionei o lance da dança com a Amy porque o pai dela estava procurando novas músicas para tocar nas aulas da academia. Agora me sinto apunhalado pelas costas. – O que é que eu deveria dançar então, hein?

Mais alguns clientes entram na lanchonete, e Amy se encarrega de atendê-los. Quando consegue um tempinho, ela nos traz

chocolate quente, batatas fritas e dois pedaços de torta. Está tudo delicioso, mas Matt está tão concentrado nela que se esquece de comer. Até mesmo quando conto umas piadas, ele só responde com um “humpf”, e eu penso: “Tá, agora você ficou sério?”.

Então Amy surge ali e fica com a gente por alguns segundos, e ele se reanima na hora, come um pouco da torta e diz:

– Meu Deus, isto aqui está tão bom. Foi você que fez, Amy?

Só que então ela sai voando para atender outra pessoa. Quando ela não está, a conversa que eu tenho com ele não é bem uma conversa. Parece mais só um jeito de fazer o tempo passar enquanto ela não reaparece.

Depois de um bocado, estamos lá sentados, mudos, diante de pratos e canecas vazias. Amy está no telefone, anotando o pedido de outro cliente. Depois de desligar, ela volta para nossa mesa.

– Tenho uma pergunta – ela diz. – O que vocês estão fazendo *agora*?

Parece que Matt vai ter uma hérnia de tanta emoção.

– Nada! – ele dispara. – Não estamos fazendo nada! Por quê? Você quer sair pra dar uma volta?

– Recebi um pedido do Papai Noel do Jim Cho. Ele quer um sanduíche de rosbife e pastrami, só que precisa que entreguem lá. Será que, por acaso, vocês poderiam levar para ele, rapazes? Vocês podem ficar com a gorjeta, se tiver.

Dá para ver o desapontamento de Matt. Ele não está pronto para deixá-la.

– Claro – ele diz, mas a palavra sai com dificuldade.

Amy nem percebe.

– O.k, *maravilha* – ela diz. – Vou lá preparar rapidinho. – Ela some outra vez.

Matt olha para mim e suspira.

– Achei que ela ia falar pra gente fazer alguma coisa.

– Eu sei – digo –, mas, olha só, na verdade ela *até* falou pra gente fazer alguma coisa.

Matt dá de ombros e eu abro um sorriso irritante, também conhecido como o sorriso estou-tentando-te-deixar-feliz-muito-embora-esteja-claro-que-isso-não-vai-rolar. Na mesa ao lado da nossa tem um exemplar de *A boca*, o jornal de Warmouth. Eu o apanho.

– Uau – digo. – Olha só isso. – Empurro o jornal até Matt. A manchete diz:

ESTRELAS CAEM SOBRE WARMOUTH!
CHUVA DE METEOROS, SEXTA-FEIRA ÀS 22H

– Ah, bacana – ele comenta.

– A gente precisa lembrar de assistir a isso mais tarde.

– É. – Matt olha fixo para sua caneca. – Aí, desculpa a gente ter que ir agora no Jim Cho. Eu sei que você odeia aquele lugar.

Agito minha mão no ar.

– Nem. Eu só odeio o cheiro de lá.

– Que droga ela ser a única funcionária trabalhando aqui. Quer dizer, senão dava para ela ir com a gente. Não existem, tipo, leis contra o trabalho infantil que a protejam desse tipo de coisa?

Inclino minha caneca vazia e olho para ela.

– Sei lá, Matt. Por que você não fica aqui esperando até a Mabel aparecer e pergunta para ela?

– Acho que vou fazer isso mesmo.

– Ei, eu estava brincando…

– Não, quer dizer, vou ficar – ele explica. – Não para perguntar sobre leis contra trabalho infantil. Se não tiver problema… Talvez eu fique por aqui para ver quando ela sai.

Então me dou conta: ele quer que *eu* me encarregue da entrega para o Papai Noel do Jim Cho.

– Ah, ahn… – balbucio –, tá bom. Eu, ahn…

"Está tudo bem, Tretch", falo para mim mesmo. "É no caminho de casa."

– Então eu passo lá no Jim Cho, ahn, sozinho…

– Cara, *valeu*, Tretch.

O Matt pode ter muitas qualidades. Ter consideração pelos outros o tempo todo certamente não é uma delas.

Acho que eu até tinha direito de ficar irritado, mas não estou. Vou conseguir dar uma passada na livraria, que por acaso fica bem ao lado do Jim Cho (é a livraria que tem o nome mais estúpido do mundo – e, não, ela não chama Livros Pra Que Te Quero ou Chuva de Livros, ou qualquer coisa minimamente sugestiva como esses nomes meio patéticos. Não, o nome da livraria de Warmouth é simplesmente Livros. Apenas isto: Livros. Dá para ser mais idiota?).

– Não esquenta, meu camarada. Eu estava querendo ir mesmo na livraria – falo para ele. – Preciso de um livro para as férias.

Matt não faz nenhum comentário a respeito. Ele não é muito de ler.

Fico me perguntando o que vai acontecer se ele e Amy continuarem se dando bem. Será que meu convite para ver *King Kong* já era?

"Bom, talvez seja melhor assim", penso. Afinal, meus pais não iriam deixar mesmo. E sempre odeio ter que arranjar desculpas por eles. Uma coisa é dizer: "Minha mãe e meu pai não querem me levar até Samsanuk para não dirigir cinquenta quilômetros e gastar gasolina". É bem diferente de falar: "Minha mãe e meu pai não querem que eu vá porque eles não gostam da ideia de que me vejam por aí com uma família que tem dois pais". Acho que eles têm esse eterno receio de que eu e Matt sejamos vistos como o novo e (pelo que sei) segundo casal gay da História de Warmouth, apesar das inúmeras vezes que garanti a eles que Matt *não* é gay.

Depois do bilhetinho que rolou hoje, passar uma noite na cidade com Matt e seus pais equivaleria a um encontro de casais, de acordo com os padrões de fofoca de Warmouth.

Posso ouvir uma voz sem rosto em uma chamada telefônica distante dizendo: "Ouvi falar que o filho do Richard e da Katy está namorando aquele garoto Gooby". Minha mãe e meu pai vão desmentir os boatos: "Eles são apenas *amigos*! O Tretch sempre

gostou de andar com os mais coitados", e sem saber vão aumentar a camada já megagrossa de camuflagem ao meu redor.

Assobio a melodia de "Jingle Bell Rock", em parte porque estou com ela na cabeça, em parte para lembrar ao Matt que ele não está falando. Ele nem percebe; seus olhos estão grudados na porta da cozinha.

– Sabe – falo –, parece que para mim ainda não caiu a ficha *de verdade* que finalmente estamos de férias. – É uma fraca e derradeira tentativa de começar uma conversa.

– É, para mim também não – Matt responde. – Pra ser sincero, já estou bem a fim de zarpar pra velha Nova York.

– Você precisa me ligar de lá – eu falo. – E me dizer a que peças você e seus pais vão assistir.

– Acho que eles já compraram ingressos para ver *Hedwig*.

– Ah, olha só, isso vai ser legal.

– Você acha que ela acha que eu sou gay, Tretch?

– Ahn?

– A Amy. – Matt me olha no olho, e eu sei que ele está esperando uma resposta sincera.

Pestanejo um pouco.

– Bom – digo –, quer dizer, talvez ela pense isso. Quer dizer, você não tem *jeito* de ser, nem nada, mas… – Em pensamento, dou um tapa na minha testa.

– Você acha que ela acha que *nós* somos gays? Tipo, *juntos*?

Eu simplesmente olho para o outro lado da mesa, reparando em um relógio de parede com as orelhas e mãozinhas com luvas do Mickey.

Um instante depois, encolho os ombros e sinto um nó na garganta.

– Quer dizer, claro que não – respondo. – Sem chance.

– É, você tem razão. Nem sei por que pensei nisso.

Matt se afunda no encosto acolchoado do seu banco e cruza os braços. Eu o imagino com um cigarro pendurado na boca em uma foto preto e branco. Acho que seria difícil o Matt não ficar bonito em qualquer circunstância, mesmo que seu cabelo castanho fique meio

desleixado na época do inverno, mesmo quando ele fica amuado. Porém, sobretudo do jeito que eu o imagino agora, ele parece *realmente* bonito.

– Às vezes eu só queria um *cartaz*, Tretch – ele diz – Pra, tipo, pendurar no meu pescoço, dizendo: “Eu não sou gay!”.

“Cara, aposto que seus pais iriam ficar bem orgulhosos de ouvir isso”, penso. Mas acho que eu o entendo.

Às vezes eu quero um cartaz dizendo justamente o contrário.

quatro

Amy reaparece com uma caixinha de isopor para viagem e um sorriso enorme no rosto. Ela vai entregar a caixa para o Matt, mas eu pego antes.

– Eu que vou ser o garoto da entrega – explico. – Fica no meu caminho.

– Você salvou a pátria, Tretch – ela diz, juntando o cabelo atrás da nuca com um elástico que tirou do pulso. – A Mabel acabou de reclamar que eu não prendi o cabelo. – Ela revira os olhos – Fala sério.

Matt ri loucamente daquilo, tomando vários goles de ar e batendo no peito. Ele tem um peito bem forte.

Percebo Amy sorrir. Seus cílios se agitam todos. Eu me pergunto se ela se dá conta disso.

– Bom, a gente se vê.

Escapo sem dar chance a eles de dizerem tchau, só para o caso de estarem tão distraídos um com o outro que nem notem minha saída. Isso, porém, não me impede de olhar para trás. Assim que chego do lado de fora, vejo Amy escrever alguma coisa em um guardanapo para Matt. Ele observa boquiaberto. Ela entrega o papel para ele e volta para a cozinha.

Matt se vira para mim, como se soubesse que eu estaria ali. Ele agita frenético o guardanapo. Nem preciso olhar de perto para saber que nele tem um número de telefone.

Não consigo deixar de ficar feliz por Matt. Sério. Quando digo isso, não estou mentindo. Quer dizer, claro, no fundo sei que provavelmente aquilo vai me deixar triste mais tarde, mas quem é que escolhe a tristeza, né?

Naquele momento, olhando o rosto de Matt corar em um tom bonito de vermelho, decerto se sentindo melhor do que ele se sentiu o ano todo… aquilo só pode me deixar bem. Eu nem estou bravo por ter que levar sozinho o sanduíche até o Jim Cho.

Faço um gesto no ar como se estivesse batendo na mão de Matt.

Ele imediatamente coloca a mão sobre o vidro, batendo na minha mão de volta.

Corro até o Jim Cho para fazer minha entrega. Nada contra o lugar, mas não suporto o cheiro de lá. Acho que por causa daquela vez em que minha família comeu comida chinesa antes de voar para Dallas para visitar meus avós maternos em alguma Páscoa. Fiquei supernervoso na hora da decolagem e vomitei um pouco no saquinho de enjoo. Para minha sorte, ninguém percebeu. Só que aí passei o voo inteiro segurando aquele saco colado em mim para o caso de acontecer de novo, e o tempo todo senti aquele cheiro – *vômito de comida chinesa de aeroporto*.

Entrego o sanduíche sem nenhum incidente, e, não, não me dão gorjeta. Então mergulho no lado de fora, de volta ao ar congelante de inverno. Sinto apenas o cheiro do gelado centro da cidade, um cheiro doce, como o de biscoitos natalinos.

Neste ano, a árvore de Natal de Warmouth, uma coisa grande, alta, escura e espessa, está no gramado em frente ao tribunal de justiça. A cerimônia para acender as luzes dela é daqui a algumas noites. Neste ano, eu vou ter que fazer parte do coral, já que minha mãe me obrigou a entrar nele depois de ter me ouvido cantar “Ave Maria” no chuveiro.

O prédio do tribunal de justiça é enorme e quadrado, e do lado de fora tem uma estátua do soldado confederado de Warmouth. Na placa embaixo dela está escrito: *William Griggers. Os bravos não conhecerão a morte.* Ele segura uma espada em uma mão e um chapéu na outra. E está sorrindo.

Às vezes eu penso em como isso é falso.

Quando era vivo, William Griggers com certeza não sorria desse jeito nem carregava sua espada e seu chapéu ao mesmo tempo assim, descontraído. Não depois da guerra; de qualquer forma, eu não saberia dizer. O Joe fala que a maioria dos soldados volta da guerra destroçada e com o coração partido.

– Você se lembra do tio Dennis? – Joe perguntou enquanto me explicava aquilo.

– Lembro – falei, mas lembrava mais ou menos.

O tio Dennis (tio do meu pai, portanto tecnicamente meu tio-avô) se enforcou muito tempo atrás – no quintal dos meus avós, para ser mais preciso. Aconteceu anos depois que ele tinha voltado do Vietnã, quando estava sofrendo um severo transtorno de estresse pós-traumático, e "provavelmente", Joe me contou, "algumas outras coisas mais".

Quando lhe perguntei o que ele queria dizer, Joe respondeu:

– Alguma coisa aconteceu durante a guerra que mexeu demais com ele, alguma coisa tão ruim que ele não conseguiu esquecer, nem mesmo quando voltou para casa.

Quando perguntei ao meu pai sobre aquilo, ele disse que foi estranho; em resumo, o tio Dennis era normal na metade do tempo e completamente pancada na outra metade. Meu pai disse que, uma vez, chegando em casa, ele pegou o tio Dennis de pé em cima do sofá, mijando na televisão da família Farm. Eu ri daquilo, mas meu pai disse que não foi engraçado. Na verdade, ele disse, foi meio assustador.

Acho que, antes de ele ter morrido, minha vó e meu vô tentaram levar o tio Dennis para morar em algum lugar onde ele pudesse receber o tratamento adequado. Ao descobrir isso, porém, ele disse que não iria, e para demonstrar ele… bem, você já sabe.

– Você viu, pai? – perguntei. – Você viu o tio depois que…

– Não. – Meu pai sacudiu a cabeça. – Mas seu vô viu. Viu o próprio irmão morto, pendurado daquele jeito.

Comecei a me sentir enjoado. Um pouco depois, Joe entrou no meu quarto.

– *Tretch* – ele disse. – Que *foi*, cara?

– Joe, estou tão feliz que você está vivo – falei, e ele ficou ali parado de pé por um momento, olhando para mim. Eu lembro que ele estava de cueca, camiseta e meias até o joelho. E de óculos. Ele andou até mim, se curvou e me abraçou.

– Te amo, Tretch – ele disse. Acho que foi a primeira vez que um de nós disse aquilo para o outro.

É algo estranho para se pensar enquanto abro a porta da Livros e faço tocar a campainha quase no teto. Tento remover qualquer emoção do meu rosto e manter meus olhos no chão.

– Deus, por favor – eu rezo –, que hoje seja o dia de folga da Lana Kramer.

Lana Kramer também está no nono ano. Ele usa óculos gigantes, blusas de gola rolê e muita maquiagem. Uma vez Joe a chamou de "garota hipster", o que me fez lhe perguntar se ele também não era hipster, e ele respondeu:

– É, talvez.

Ele também usa óculos gigantes e gosta de coisas antigas – livros, filmes, roupas e troços assim. Mas tudo isso torna Joe uma pessoa *interessante*. E, por algum motivo, faz de Lana Kramer apenas metida a sabichona. Igual a quando falei para ela que não tinha gostado de *O grande Gatsby* e ela disse:

– Bom, talvez você seja muito novo para *entender*.

Fiquei tão bravo aquele dia que precisei sair da livraria de mãos abanando – o que foi especialmente ruim, considerando que a minha mãe estava lá e que ela tinha vindo com um papo de "Tretch, pode pegar o que você quiser. Te dou de presente" –, porque, na verdade, eu tinha *sim* "entendido" *O grande Gatsby.* E eu vou até mais longe para dizer que eu havia entendido *melhor* que a Lana Kramer. Quer dizer, *eu* saquei que o Nick Carraway era gay e, aliás, ainda tive que *contar* aquilo para ela.

– Quê? – Lana dissera. – Não, ele *não* é.

– É.

– Certeza que *não* é.

– É.

Então eu mostrei a passagem que dizia tudo, na página 38 da minha edição brochura, bem no fim do capítulo dois.

– Dá pra interpretar isso de *vários* jeitos, Tretch! – ela contestou depois de ler.

Eu não acho. Quer dizer, durante todo o livro o Nick Carraway é completamente *obcecado* pelo Jay Gatsby. É por isso que a história

que ele está narrando se chama *O grande Gatsby*, e não algo como *Daisy é doida*.

Devo estar agora narrando um livro chamado *O grande Gooby* e nem me dei conta disso.

Tento tirar Matt da cabeça enquanto entro na seção de lançamentos, de onde vou poder dar uma espiada melhor no balcão da frente. É batata: quando olho para lá vejo Lana Kramer em pessoa, usando um casaquinho rosa e carimbando o verso da capa de livros usados, preparando-os para serem revendidos.

– Ei, Tretch. – Ela me olha pelas estantes com seus novos óculos de armação cor-de-rosa. – Voltou pra buscar um novo do Fitzgerald? Ou hoje vamos ler, "ai que tédio", um Salinger?

"É assustador como você se lembra de todos os livros que eu comprei aqui", penso.

– Ahn – digo. – Hoje só estou dando uma olhada.

– Olha, sou obrigada a te dizer que nesta semana todos os títulos de fantasia da seção de jovens adultos estão em promoção. – Ela fecha o livro que estava carimbando e o coloca sobre uma pilha. – Isso inclui as séries Crepúsculo, Jogos Vorazes e Harry Potter. – Ela pigarreia. – Mas não que *você* se interesse por nada disso, né, senhor Alta Literatura?

Aquilo me deixa constrangido.

– Valeu, Lana – digo. – Na verdade, eu gosto do Crepúsculo. O problema é que eu já li todos.

– Time Edward ou Time Jacob? – Lana me pergunta com uma sobrancelha arqueada.

– Jacob – respondo. – Gosto de torcer pelos mais fracos. Além do mais, é uma droga ser jogado na "zona de amizade".

– Droga é ser estepe de um vampiro que brilha no sol. – Lana sorri. – Ainda assim, ele é uma delícia nos filmes…

– Ô se é – concordo.

Lana ergue as duas sobrancelhas.

– Brincadeira – disparo. – Pois é, coitado do Jacob. Levou um fora da Bella nos livros e outro da Taylor Swift na vida real.

– Pfff, fala sério. Aposto que ele ficou *feliz* da vida de se livrar dela. Ela é toda dramática e…

– Você não gosta dela? – pergunto. – Eu adoro a Taylor Swift.

– Afe. – Lana franze o rosto e canta em um tom agudinho de gozação, sacudindo os ombros: – *I knew you were trouble when you walked iiiiin*. Não suporto essa garota.

Preciso achar logo um livro e cair fora.

– Você já leu *Uma ilha de paz*? – ela me pergunta.

– Não.

Lana está com uma edição brochura na mão.

– Toma.

Ela dá umas batidinhas no livro e o taca por cima das fileiras de ficção histórica e não ficção. Eu o seguro firme. Na capa tem um cara novo sentado em uma janela, com o queixo apoiado sobre os joelhos dobrados. Ele parece indiferente, triste, sozinho.

– Isto parece… – começo a frase.

– *Incrível*? – Lana termina por mim. Seus olhos se arregalam atrás das lentes. Confiro a etiqueta de preço na capa. Seis mangos.

– Pode ficar – ela diz. – É por conta da casa.

– Ah, tem certeza? Não vai ser ruim pra você se…

Ela agita a mão no ar:

– Imagina. O chefe é meu primo. O que é que ele vai fazer?

– Valeu, Lana. – Mas me sinto mal por levar o brinde sem comprar nada. – Eu vou, ahn… Olhar mais umas coisas, se me der licença…

– Ah. – Ela baixa a cabeça. – Claro, Tretch. Sem problema. Eu não vou mais te atrapalhar. – Ela dá um sorrisinho sem olhar para mim, e eu percorro as estantes mais um pouco.

Estou na seção de clássicos, que me parece ser o lugar certo. Procuro algo GRANDE. Algo que seja um desafio para minhas duas semanas de folga.

Ali tem três livros do F. Scott Fitzgerald: *Suave é a noite*, *Este lado do paraíso*, *O grande Gatsby*. Um pouco de Hemingway: *As neves do Kilimanjaro e outros contos*, *O velho e o mar*, *O sol também se levanta*, *Adeus às armas*. É claro que tem também Jane Austen e

Charles Dickens. Eu não leio nada dos dois desde as versões adaptadas de *Orgulho e preconceito* e *Oliver Twist* que precisei ler no segundo ano do ensino fundamental. Pego um exemplar de *Orgulho e preconceito*, então o ponho de volta na estante e o troco por uma cópia de *Finnegans Wake*. Eu o peso na mão, talvez seja o livro mais grosso que eu tenha segurado na vida, tirando a Bíblia. Coloco de volta e continuo olhando.

Moby Dick, *O morro dos ventos uivantes*, *Silas Marner*, *Mulherzinhas*, *Seus olhos viam Deus*. Hesito um pouco com este último, por fim o ponho no lugar. “Não é bem isso”, penso. Um livro com uma lombada gasta, em um tom desbotado de azul chama a minha atenção. É *On the Road: Pé na estrada*, de Jack Kerouac. Na capa tem uma foto em preto e branco, parecida com aquela que eu imaginei de Matt, com dois homens de pé lado a lado. Os dois estão olhando para a câmera com um meio sorriso disfarçado e de mãos nos bolsos. Um deles está com a cabeça virada de lado.

Sinto que Lana me observa.

– O que você pegou aí? – ela pergunta.

– *On the Road*, Jack Kerouac. – Pronuncio o sobrenome dele errado, o que faz Lana rir.

– Se diz Queru-ac, não Quirou-óc.

– Ah. – Fico com raiva de ter dado a ela a chance de se mostrar.

– Talvez seja coisa demais para sua cabeça. Por outro lado, eu disse o mesmo sobre o *Gatsby*.

Fico observando Lana carimbar os livros por um minuto. Percebo que ela quase não faz contato visual. E então me dou conta de uma coisa que me deixa feliz e triste ao mesmo tempo.

Lana Kramer está a fim de mim.

A melhor coisa que poderia acontecer agora seria eu me apaixonar por Lana. Só que isso nunca vai acontecer, porque, bem, é algo mesmo impossível.

Levo o livro do “Queru-ac” até o balcão.

– Acho que vai ser este aqui mesmo – falo.

Lana registra o livro no caixa.

– Certo. Seis dólares e um centavo.

Tiro uma nota de cinco e outra de um da minha carteira azul de velcro, que faz um som constrangedor de algo sendo rasgado quando a abro. A parte das moedas, descubro, está vazia.

Lana vê minha busca e diz:

– Ah, desencana do centavo, Tretch.

– Uau – falo para ela. – Duas pechinchas no mesmo dia.

– Bom, *estamos* no período de festas. – Lana dá um sorriso ao dizer isso. Seus óculos escorregam até a ponta do nariz. – Se cuida, Tretch. Aproveita bem esses dois. – Ela aponta para os livros já debaixo do meu braço: *Uma ilha de paz*, do John Knowles, e *On the Road*, do Jack Kerouac.

Acho engraçado e até legal que os autores tenham as mesmas iniciais. Esse tipo de situação sempre me faz achar que as coisas acontecem por algum motivo. Talvez eles me ensinem algo que eu não saiba sobre amar, sobre estar apaixonado, ou simplesmente sobre ser alguém.

– Se cuida, Lana – digo, com cuidado para que não soe nada além de amigável.

Do lado de fora da loja, me detenho por um instante para espionar pela vitrine. Vejo Lana tirar um bolinho de notas de um dólar do seu bolso e colocar na caixa-registradora. Ela está pagando pelo exemplar de *Uma ilha de paz*. Então a vejo revirar ainda mais fundo seus bolsos.

Uma moeda de um centavo emerge em sua mão esquerda, e ela a despeja na gaveta do caixa.

cinco

Quando chego em casa, bato na porta do quarto de Joe, embora ele evidentemente não esteja ali, pois saiu com a namorada, Melissa. Empurro a porta só um pouquinho e percebo que as suas luzes de decoração – pequenas lâmpadas vermelhas envoltas em caixinhas de comida chinesa – ainda estão acesas, e me pergunto se elas passaram o dia todo ligadas. Depois de tirar o fio da tomada, resolvo fazer o que faço sempre que estou sozinho no quarto dele: dou uma olhada geral.

As paredes do Joe são as minhas favoritas.

Para começar, tem aquele monte de capas de discos grudadas nelas. Bandas alternativas, como Youth Lagoon, The Drums, Washed Out e Zola Jesus, só para citar algumas. Ah, e Sufjan Stevens. Eu curto ouvir Sufjan Stevens quando a casa está vazia e não estou a fim de praticar minhas coreografias. Ele canta bastante sobre estar apaixonado nos mais diferentes cenários, o que me agrada. E o melhor ainda é que ele coloca tudo isso dentro de histórias.

Tipo, por exemplo, tem uma música em que ele canta sobre um garoto (tenho quase *certeza* de que é um garoto) que está com câncer, e ela é cantada na perspectiva do melhor amigo dele. A certa altura da canção, o melhor amigo beija o garoto que tem câncer, e tem uma série de cenas em que eles estão quase se tocando e tal, e há um verso que diz que o pai do garoto acaba descobrindo sobre os dois. É linda de verdade, e triste também, porque é claro que o garoto com câncer morre no final, e o melhor amigo fica tentando dar um sentido a tudo aquilo.

Quando conversei com o Joe sobre a música, ele disse que eu o tinha impressionado, que ele não achava que eu realmente prestava atenção nas letras e pensava nelas daquele jeito. Perguntei a Joe se ele achava que o Sufjan era gay por causa da minha teoria sobre a música ser a respeito de dois garotos, e ele apenas inclinou a cabeça de lado.

– Hum, não sei – ele disse, e eu concordei com a cabeça.

Eu já estava a ponto de disfarçar dizendo algo do tipo “falei por falar”, mas Joe acrescentou:

– Embora eu não ache que fosse fazer diferença. Quer dizer, eu não ia gostar menos dele por causa disso.

Não pude deixar de pensar no que ele quis dizer com aquilo. Tipo, ele estava tentando me falar alguma coisa?

O telefone toca. Desço a escada correndo e vou até a cozinha para atendê-lo. Ele já está no quarto toque quando o tiro da base.

– A-*lô*? – minha voz sai alta, sem querer.

– Tretch?

Ai, meu Deus.

– *Matt*?

– Tretch?

– Matt!

Ele dá uma risadinha.

– Ficou assim animado em me ouvir?

– Fiquei, sim.

“Menos, Tretch. Menos.”

– Você já acertou tudo com seus pais para o *King Kong* hoje à noite?

– Ahn, não. – Corro com o telefone (graças a Deus atendi o sem fio) e subo até o meu quarto. – Eu, hum, bem, meio que achei que não ia mais rolar depois que…

– Bom, *aí* é que está. A Amy acabou de dizer que vai poder ir, e agora estou surtando. Eu… Eu preciso de você aqui. Quer dizer, pelo amor de Deus, do que é que eu vou falar com ela?

– Seja você mesmo, Matt.

– Fala para os seus pais que você está me fazendo um favor, Tretch, que eu sou uma negação com as garotas e que eu *preciso* de você. Diz para eles que eu preciso de você como ninguém, Tretch.

“Mãe e pai”, vou dizer. “O Matt precisa de mim.”

– Tá bom – falo para ele.

– Não aceite não como resposta.

“Eu sei, eu sei.”

– Os seus pais que vão dirigir? – pergunto. – Tenho a autorização técnica deles para ir?

– Sim, o Paps vai dirigir. O Paiê vai preparar uma apresentação para fazer antes do filme, por isso vamos em carros separados. E você tem a autorização total e irrestrita deles.

– Maravilha – falo. – Eu te digo então.

– Me liga.

– Pode deixar. Tchau.

– Tchau.

“Preciso fazer isso acontecer.”

Minha mãe está embrulhando presentes no quarto dela. Pela porta fechada, posso ouvir o papel de presente se desenrolando do rolo de papelão e o som enferrujado da tesoura. Bato na porta.

– Mãe?

– Tretch? Oi – A voz dela está ligeiramente em pânico. – Ahn, espera um minutinho…

– Entendi – eu a tranquilizo e coloco as mãos nos bolsos. Quando ela abre porta, eu as tiro.

– Obrigada por bater antes – ela diz, sorrindo. – Isso é sinal da sua integridade.

– Rá! Puxa vida, obrigado, mãe. – Parece que é uma reação exagerada, pois ela me encara com olhinhos cerrados, desconfiados.

– Então… Com quem você estava falando no telefone, hein? – ela pergunta. – Era a Lana Kramer?

Minha mãe tinha escutado por acaso aquela minha conversa com a Lana sobre *O grande Gatsby*. Acho que ela sentiu a tensão entre nós e a interpretou incorretamente.

– Ahn, não – falei. – Era o Matt.

– Ah, é? E o que ele queria?

– Então, ele me pediu para ir ao cinema com ele e com… com a Amy Sinks. Você sabe, da Jovem em Forma…

– Sei quem é a Amy. – Ela sorri outra vez – Uma menina linda.

Concordo com um único aceno de cabeça. Isso quer dizer que neste momento estou de cabeça baixa.

– Pois é, ela e o Matt vão ao cinema e…

– Tretch, eu não vou deixar você ir e se meter no meio do encontro do pobre rapaz. Ele precisa de privacidade.

Levanto meu pescoço com tanta força que ele até estala.

– Mãe, o *quê*? Você está de brincadeira, né? Você nunca me deixa ir no Old Muse.

– Pera lá. Vocês dois vivem grudados o tempo todo. Quando você tiver o seu próprio carro e puder dirigir até o Old Muse, aí tudo bem.

– Mas, mãe, por favor. O senhor Landon vai nos levar.

– Tretch, *já chega*. Sinto muito, mas vocês dois precisam aprender a não depender tanto um do outro. Se o Matt vai levar uma menina ao cinema, então você precisa deixá-lo fazer isso. Deixá-*lo* levá-*la*. Sem você.

– Mas…

– E *você*, faça o que um bom amigo faz nessas horas. Ligue já para ele e diga que você vai esperar ele te telefonar mais tarde pra contar como foi.

– Mas, mãe, não é nada disso.

– E o que é então?

Engulo em seco. O que eu falo em seguida sai da minha boca num impulso, como se estivesse guardado há tempos.

– Tem a Lana! Eles chamaram a Lana!

É uma mentira descarada, do tipo que, honestamente, não estou acostumado a contar. Em especial para minha mãe. Deus, me sinto tão mal. Sobretudo agora que a mentira descarada está fazendo o rosto dela brilhar que nem doido.

– *Sério?* – ela pergunta. – Ai, Tretch, isso… – E a mentira descarada dá certo. – … isso muda *tudo*, querido. Por que você não me falou logo, hein?

– Ah, sei lá. – Encolho os ombros. – Acho que fiquei um pouco sem graça e tal. Não sei.

Minha mãe abre os braços, e eu corro direto para eles – e não sei bem por que, talvez por causa da culpa pela mentira ou algo assim, mas de repente me dá vontade de chorar.

Ela aperta sua bochecha contra minha testa.

– Um encontro de casais. – A respiração dela tremula no meu ouvido. – Então você deve precisar de dinheiro, né?

Sei que a essa altura nem preciso mais dizer isto, mas geralmente sou um cara bem certinho.

– Não, eu não preciso de dinheiro – grasno.

– Você já pensou na roupa que vai usar?

– Ahn, não decidi ainda. – Eu me desvencilho do nosso abraço, me virando para que ela não veja o meu rosto. Ela sempre percebe as coisas. – Vou subir lá, ver o que eu tenho pra vestir e te digo.

Fujo.

No meu quarto, as opções são:

a. uma camiseta branca com a estampa do Edward Mãos de Tesoura
b. a velha camiseta preta do *Rubber Soul* que herdei do Joe
c. jeans, com certeza
d. meus mocassins marrons com borlas de que o Matt gosta
e. meu velho All Star vermelho
f. nada, porque vou cancelar tudo que ia fazer esta noite, de tanta culpa que estou sentindo por ter mentido para minha mãe
g. jogar limpo com minha mãe, dizer que sinto muito e, quando ela perguntar por que eu menti, simplesmente falar: “Sei lá. Nem eu consigo me entender”. Essa seria a verdade, mais ou menos.

Coloco um jeans limpinho, um escuro de que eu gosto, e estendo a camiseta do *Rubber Soul* que estava na minha gaveta. Joe não sente mais falta dela agora que não cabe mais nele, mas ela costumava ser sua favorita. Depois de tirar a camisa polo que usei na escola e vestir a camiseta, começo a achar que é capaz de ela virar a minha preferida também. Ela fica ótima em mim – não muito folgada, o que é raro em um varapau como eu.

No banheiro, digo “tá o.k.” para o meu reflexo, tiro um pente da gaveta debaixo da pia e passo pelo meu cabelo algumas vezes antes de colocá-lo de volta no lugar. Meu visual está legal – não maravilhoso nem nada do tipo, mas legal. Legal o suficiente para decidir que seria um desperdício eu não sair. Enfio as mãos dentro da bagunça amarrotada de lençóis na minha cama e pesco o telefone sem fio.

O telefone chama só uma vez antes de Matt atender, como se ele estivesse esperando.

– *Alô?* – ele fala com voz alta, e eu juro que tem um sorriso nela.

– Ei.

– Então, passamos aí para te pegar daqui a uma hora?

Sorrio de volta.

– Vamos pegar a Lana mais tarde – explico para minha mãe, caso ela acabe dando uma olhada dentro do carro e não veja meu par ali.

– Depois que o senhor Gooby passar aqui.

– Parece bom.

Minha mãe não pergunta qual senhor Gooby. Em vez disso, ela lambe o polegar, e antes que eu tenha tempo de reclamar, passa no meu lábio.

– Mãe… – Sacudo minha cabeça para trás.

– Ah, me desculpa, Tretchito, mas você está com sujeira de pasta de dente ou não sei o quê.

– Deixa que eu tiro – falo, esfregando com fúria o canto da minha boca.

– Você está nervoso?

– Mãe, não. Nossa!

Mas este é o lance: eu estou.

Olho pela janela.

– Espero que o pai chegue logo – digo, embora eu deseje mesmo que ele não volte do trabalho antes de Matt chegar e ir embora, me levando junto.

– Acho que ele vai fazer uma parada no Jim Cho para comprar o jantar – minha mãe diz. – Ele ligou faz alguns minutos.

“Perfeito”, eu penso. “Agora cheguem logo, Gooby, cheguem logo”. Nesse exato momento, como num passe de mágica, eles dobram a esquina na Watercress Road. Fico tão maluco que dou um meio pulo/meio grito que faz minha mãe inclinar a cabeça de um jeito carinhoso, mas que parece querer dizer “calma lá!”. Minha mão já está na maçaneta.

– Estou indo, tá? – digo. – Eles chegaram. São eles ali. Te amo, mãe.

– Te amo também, Tretchito.

E então, juro por Deus, ela começa a chorar. Não assim se descabelando, mas seus olhos estão cheios d’água.

– Mãe! – Dou um passo para a frente. Então, claro, ai meu Deus, há algo também nos meus olhos. Tudo fica enevoado. – Mãe, você não pode começar a chorar, porque sabe que isso sempre *me* faz chorar também.

– Ai, Tretch – ela diz. – Sai logo daqui. Vai, antes que você fique todo sujo. – Ela agita sua mão para mim como se fosse a asa de um passarinho – Vai, anda.

Eu me viro e com a porta aberta digo:

– Tá-bom-tchau-te-amo-agora-estou-indo-mesmo. – E saio para a varanda, fechando a porta.

O Volvo vermelho dos Gooby vai descendo pela Watercress Road. Durante cinco segundos, enquanto o carro diminui a velocidade e estaciona, pratico exercícios de respiração. Só paro quando Matt abre a porta.

– Beleza?

– Belesma – respondo, e ele me lança um olhar de “seu tonto”. Sorrio, ele sorri e só me dou conta de que estou totalmente viajando quando ele diz:

– Tretch, adoro a entrada da sua casa tanto quanto você, mas a gente tem outros lugares pra ir.

– Como assim? – Tento parecer indignado. – Você está me dizendo que não vai querer ficar curtindo aqui do lado da caixa de

correio a noite toda? – Entro, deslizando pelo banco de trás, e me sento ao lado dele. – O que pode ser melhor que isso?

Landon está rindo no banco do motorista.

– Ei, Tretch – ele diz, se virando no assento, fazendo a barba roçar o ombro. – Como é que você está, rapaz?

– Estou bem, senhor Landon. Melhor do que nunca, na verdade. Adorei a barba.

– Que bom, e obrigado! – Ele dá marcha a ré para sair da entrada da garagem.

Matt contrai os lábios e enche o espaço abaixo do nariz de ar. Então solta.

– Estou nervoso pra caramba – ele sussurra.

Aceno positivamente com a cabeça:

– Vai ser incrível.

– Você está falando do filme, da chuva de meteoros ou da conquista amorosa?

– Pode ser todas as opções anteriores?

Matt faz que sim, e me dou conta de que talvez deveria ter dito "*você* vai ser incrível". Talvez não seja tarde para isso. Talvez eu possa dizer isso agora. Eu poderia dizer que ele está bonito, o que é verdade, e listar todos os seus encantos. Eu poderia lhe garantir que tudo que ele diz é engraçado e inteligente do seu jeito, que o modo otimista como ele encara as coisas faz dele um herói. Eu poderia dizer que ele é um grande contador de histórias. Eu poderia dizer que talvez às vezes ele poderia escutar melhor os outros, prestar mais atenção nas coisas, ter mais sensibilidade. Mas não abro a boca. Ficamos em um silêncio angustiante até a casa de Amy.

Que maravilha de conselheiro eu sou.

É lógico que, quando Amy Sinks aparece, ela está deslumbrante.

– Uo-uo-uou – Matt diz. – Olha só para ela.

Observo-a vir desfilando.

– Meninos, um de vocês não quer vir aqui para a frente? Ser chofer de dois já é bem ruim, mas de *três*… aí é humilhação.

Essa é minha deixa. Nem espero Matt olhar para mim com aqueles olhos pidões.

– Ah, claro – eu digo. – Vou aí com você, senhor Landon.

– Valeu, Tretchito – ele diz.

É engraçado como todo mundo parece achar que esse é um bom apelido para mim. Como se eu precisasse de um apelido para o meu nome, que já é um apelido de um apelido.

– Tranquilito – respondo, o que me parece engraçadinho. – Então, agora vocês dois vão passar uns… – coloco minha mão no joelho de Matt (será que isso dá muito na cara?) – … bons momentos antes do filme.

É muito doido testemunhar o primeiro encontro do melhor amigo. Não consigo deixar de pensar no que minha mãe me falou em casa: "Vocês dois precisam aprender a não depender tanto um do outro".

Eu me pergunto se Landon também pensa assim, se ele passou o mesmo sermão no Matt. Não consigo imaginar bem essa cena, mas creio que devem existir pelo menos duas faces para cada pai.

– Não sei se esses momentos vão ser tão bons assim no banco de trás do Volvo do seu Paps – Landon diz, dando uma olhada rápida em Matt pelo retrovisor.

Ao sair do carro, seguro a porta para Amy. O cabelo dela continua com o mesmo rabo de cavalo que estava na lanchonete. Mas ela está vestindo outro jeans e – isto acaba comigo – uma camiseta do *Rubber Soul*. Tipo, quantos adolescentes em Warmouth têm camisetas do *Rubber Soul*? É verdade que a dela é uma versão mais feminina, mas, ainda assim, tipo… bizarro.

Ela está sugando o restinho de um picolé. Em primeiro lugar, quem é que chupa picolé no meio do inverno? Segundo: por que é que a pessoa não traz para todo mundo? E, *terceiro*: chupando picolé? BEM SUGESTIVO, hein?

– Oiê, Tretchito – ela diz. Seus lábios estão vermelhos e cintilantes. – Bela camiseta.

– Pois é – eu digo.

Ela dá uma risadinha:

– A gente é, tipo, a mesma pessoa.

– Estou sabendo. Estava bom o picolé?

– Bem bom. Toma aqui, você pode ficar com a charada que vem no palito.

Ela me passa o palito. Leio enquanto dou a volta para sentar no banco da frente, tentando ignorar a cantada fuleira de Matt:

– Nossa, Amy. Como você está bonita.

E ela:

– Prefiro pensar que eu sei me arrumar *razoavelmente* bem.

A charada no palito do sorvete é esta: **O que é que você encontra no meio do DESERTO?**

Viro o palito para ver a resposta.

A letra E.

Rá.

Eu me jogo no banco do passageiro ao lado de Landon, que está se apresentando a Amy. Eles apertam as mãos.

– Muito prazer – ela diz, e é a primeira vez que eu a vejo agir um tantinho tímida.

Rola um silêncio esquisito enquanto saímos da frente da casa dela, então eu pergunto:

– Querem ouvir uma charada? O que é que você encontra no meio do DESERTO?

Observo Landon enquanto ele pensa.

– Que tal um cinema de filmes de arte? – Matt sugere, e Landon se volta para trás, dando um tapa no joelho dele.

– Ei! – Landon diz. – Assim eu me ofendo.

Isso quebra o gelo, pois todo mundo acaba rindo. Então a conversa flui, e ninguém nem quer saber da resposta da charada.

O *outro* pai de Matt, o que ele chama de Paiê, já está no Old Muse, preparando sua apresentação. Quando Amy descobre que a gente não vai ver a versão original de *King Kong* de 1933, mas o *remake* de 1976, estrelando Jessica Lange, fica eufórica.

– Minha nossa, eu amo a Jessica Lange – ela declara enquanto estamos no lado de fora do Old Muse, em frente ao cartaz. É, aliás,

o mesmo design do cartaz original, com uma frase abaixo do título bem apropriada (“Neste Natal”) em letras vermelhas.

– Esta versão de *King Kong* foi lançada em 17 de dezembro de 1976 – Landon explicou. – Por isso a gente tenta exibir todo ano na época do Natal, como uma forma de prestar homenagem. Foi um filme importante para mim e para o Ron.

– Foi o primeiro encontro de vocês? – pergunto, e imediatamente fico sem graça.

Porque é claro que não foi. Os pais de Matt não são tão velhos assim.

Landon sorri.

– Bom, eu tinha 12 anos e o Ron, nove; então nenhum de nós ainda estava pronto para isso. Mas morríamos de medo desse filme quando éramos novinhos. E assistimos a ele outra vez quando estávamos na faculdade.

– Num encontro? – Amy insiste, e ainda bem que ela faz isso, porque eu quero saber mais.

Landon assente:

– Sim, num encontro. Bom… vamos entrar?

Landon abre a porta do Old Muse, e eu sinto meu mundo prestes a se abrir também. Quando passo pela porta, percebo que aquele é um mundo de luz fraca, cheiro de pipoca, conversa e zum-zum-zum, agitação de bebidas alcoólicas sendo servidas. A fila para o bar/bilheteria está *beeeeeem* grande. Aparentemente, essa exibição anual de *King Kong* é um negócio importante.

Mas, *por Dios*, este lugar por dentro… é incrível demais. O saguão de entrada é projetado como um beco, com paredes de tijolos aparentes com vários daqueles displays fantásticos de papelão em tamanho real de personagens famosos do cinema, como se dissessem: “Bem-vindos ao Old Muse!”.

“Bem-vindos ao Old Muse”, diz o Samuel L. Jackson de *Pulp Fiction*. “Bem-vindos ao Old Muse!”, diz a Cher de *Feitiço da Lua*. “Bem-vindos ao Old Muse!”, dizem Audrey Hepburn, Sidney Poitier, Anne Bancroft e…

– Jessica Lange!

Amy enlaça sua mão por dentro do cotovelo de papelão e fica ali parada como se estivesse esperando alguém tirar uma foto. Acho a cena irritante, até eu avistar um do James Stewart e meio que pirar também. É de uma cena de *A felicidade não se compra*, quando ele, no papel do mega-abandonado-pela-sorte George Bailey, está andando na ponte totalmente bêbado e desesperado. Sei que é dessa cena, pois o lábio dele está cortado por causa da briga no bar e há neve no seu cabelo.

A felicidade não se compra é provavelmente o meu filme favorito de todos os tempos.

Landon saca seu iPhone e diz:

– Aqui, vocês todos. Façam uma pose.

Então nos juntamos em volta de George Bailey.

– Feliz Natal, senhor Potter – falo com a minha melhor imitação de James Stewart (que não é tão boa quanto a do Joe, mas tudo bem) enquanto Landon tira a foto.

– Vamos entrar na fila, Paps? – Matt pergunta, mas Landon faz um sinal negativo com a cabeça.

– Nada disso. Hoje somos VIPs. Vamos lá dentro escolher nossos lugares.

Entramos pela porta do cinema, um atrás do outro. Sigo Matt corredor abaixo e só me dou conta do que fiz quando chego à nossa fileira.

– Ah, me desculpe – digo, recuando para deixar Amy passar.

É lógico que ela e Matt vão querer sentar lado a lado. Mas ela sorri, balançando a cabeça negativamente, e diz:

– Ah, não, Tretch, depois de você.

Eu fico onde estou, firme mas na dúvida.

– Ahnn… Tá bom.

Enquanto caminho pela fileira em direção ao lugar ao lado de Matt, só penso: “Ai meu Deus, ai meu Deus, o que foi que eu fiz?”.

Porque, claro, agora estou sentado *entre* os dois.

Espio Matt de canto de olho para ver se ele está bravo e, honestamente, não consigo dizer, pois ele está todo inclinado para a frente, olhando para a tela em branco do cinema. Alguns segundos se passam, acho que um minuto inteiro, e eu não consigo dizer uma palavra, porque fico ouvindo esse som esquisito de estática na minha cabeça. Por um lado, posso ter estragado tudo, mas não foi minha culpa, foi? Afinal de contas, a Amy disse: “Depois de você”. Por outro lado…

Eu *estou* sentado ao lado de Matt. E vou ficar assim pelas próximas, ahn…

– Ei, quanto tempo tem esse filme? – pergunto.

Matt vira o rosto para mim. Ele está com um sorriso de orelha a orelha. Não parece nem pouquinho zangado.

– Ah, tipo umas duas horas, acho – ele responde. – Não é tão longo. Por quê? Você tem que ir ao banheiro?

Sacudo a cabeça em sinal negativo:

– Nem. Só por curiosidade.

Pelas próximas *duas horas*, vou ficar sentado ao lado de Matt em uma sala escura.

Do fundo da fileira escuto um beijo estalado e me viro. É um reflexo, acho, você se virar quando escuta o som de um beijo. Vejo Ron curvado sobre o rosto de Landon, olhando para cima. É um selinho rápido, mas Matt bufa:

– Céus! – Revira os olhos. – Oi, Paiê – ele diz. – Paiê, essa é a Amy.

Ron faz graça, apertando minha mão.

– Muito prazer, Amy.

Dou risada, mas Matt não acha graça.

– Paiê…

– Brincadeira, brincadeira. Prazer, Amy. – Ron sorri para ela, que ri e dá a mão para ele.

– Prazer, senhor Ron.

Eles apertam as mãos, e Ron pisca para mim.

– Desculpe a piada, Tretch. Estou muito nervoso por ter que fazer esse discurso com a casa cheia.

Nesse exato momento, as luzes do cinema diminuem.

Ron lança um olhar apreensivo para nós.

– É a minha deixa.

Ele desce voando o corredor até a plataforma em frente à tela.

– Oi, pessoal – ele diz assim que sobe ali, e na mesma hora todo mundo na plateia começa a aplaudir. Ron fica vermelho igual a um pimentão. – Sem mais delongas, queria agradecer a todos por terem vindo à nossa exibição especial de inverno de *King Kong*, um filme importante para mim desde que o vi (bem novinho, devo dizer) no cinema, e que ficou ainda *mais* importante depois de adulto, quando pude assistir a ele num telão, em um cinema de arte, como este aqui, com o homem que mais tarde se tornaria o meu marido.

Uma onda de “aun” se espalha por toda a plateia. Landon sorri. Entretanto, Ron está mais vermelho do que nunca.

– Eu não tinha dito “sem mais delongas”? – ele pergunta, e todo mundo aplaude. Ele desce do palco e baixa o assento ao lado de Landon.

Landon sussurra algo para Ron, que sorri. Olho para Matt; ele está com uma mistura de constrangimento e orgulho no rosto. Olho para Amy, inclinada para a frente em seu assento, com os cotovelos nos joelhos; ela está animada para ver o filme.

As luzes baixam. O logo da Paramount, com sua montanha e seu arco de estrelas, brilha na tela. Matt se debruça e cochicha no meu ouvido:

– Estou muito feliz que você está aqui, Tretch. Sério.

Quase nem noto quando Jessica Lange surge flutuando em um bote na tela.

Se eu te dissesse que, em certo momento do filme, caí no sono e sonhei que havia escalado um arranha-céu, carregando comigo o desamparado Matt, para depois me ver enxotando aviões ameaçadores pintados com a cara da Amy, eu estaria mentindo.

Mas só porque não dormi durante o filme… Muito embora a luta de toda a cidade para salvar Jessica Lange das mãos do King Kong não fosse nada se comparada à minha luta para me manter acordado. Eu poderia ter me entregado, porém não faria isso com Matt ali do lado ou com a possibilidade de seus pais me pegarem cochilando durante a grande noite deles.

Se eu *tivesse* sonhado aquilo – o lance de escalar o prédio com o Matt a tiracolo – provavelmente a coisa não ia terminar bem. Não sei se eu já tinha me dado conta antes, mas o King Kong morre no final. E enquanto ele despenca para a morte, caindo sobre um amontoado trágico, cheio de sangue e tudo mais, e Jessica Lange corre até ele com as pessoas tirando fotos dela o tempo todo, me ocorre quanto tudo pode ser caótico e cruel às vezes. É um sentimento que eu não quero ter. É algo em que eu nem mesmo quero pensar a respeito.

– O Tretch adorou. Ele chorou bastante – Matt conta aos seus pais mais tarde.

Ele está com um sorrisão na cara; dá para ver que ele curtiu. Ron e Landon estão de mãos dadas e também sorriem. Amy olha para Matt e agora também sorri. Eles estão sorrindo um para o outro.

– Ah, Tretch – Ron diz. – Lembre: é só um filme.

Nós todos rimos, e enxugo meus olhos mais algumas vezes. No final, somos as últimas pessoas no cinema. Porém, eu queria mesmo era sair dali. Mudar de assunto, pensar em outra coisa.

– Ei – falo –, não era hoje que ia ter a chuva de meteoros?

– Meu *Deus*! Tretch, você tem razão! – Matt grita. – Coloquei isso nos meus planos e acabei esquecendo. Paiê, Paps, preciso levar a Amy e o Trecht até o Pico do Piquenique. A gente tem que ir já. Caramba, não podemos perder! Vamos, a gente tem que…

– Matt, calma… Deve durar até as onze. – Landon olha para o relógio. – Ih, espera aí… Esquece. Já são dez e meia. É melhor vocês…

– Já são *dez e meia*? – Matt aperta meu ombro. – Tá bom, pessoal, a gente precisa ir. Mexam-se. Vamos nessa.

Do lado de fora, Matt dispara à nossa frente como se ele tivesse cheirado uma droga das fadas do Shakespeare. Eu fico para trás.

– Vamos, vamos, Tretch! É só uma subidinha!

"Subidinha?", penso. Ninguém falou de *subidinha.* Amy ofega atrás de mim e coloca uma mão no meu ombro.

– Pelo amor, Matt! – ela grita. – O que é isso? *Cross-country*?

– Pô, pessoaaaal. – Matt agora está implorando. Através dos galhos, conseguimos vê-lo, não exatamente na parte do "pico" do Pico do Piquenique, mas bem mais perto do que eu ou Amy. – Nem é tão íngreme assim!

– Matt. – Apoio meu pé na base da ladeira. – Tenho certeza de que vai ter outras chuvas de meteoros pra gente assistir nesta vida. E acho que na próxima também.

– Mas a de *agora* você vai perder – ele argumenta, espreitando pelos galhos. – Se você não estiver aqui ao lado do seu melhor amigo, vai perder.

Amy me alcança:.

– O Matt tem razão, Tretch. Nunca vai ser igual ao que é agora. Vamos! – Com isso, ela me passa.

Acho que eu deveria começar a fazer aqueles treinos de subir arquibancadas nas aulas de educação física. E eu que pensava que meus treinos de dança estavam me ajudando a ficar em forma.

– *Uaaaaau!* – Matt exclama. – Uau! Uau! Uau! Amy! Sobe aqui… Você precisa ver isto!

Isso me mata.

– Estou chegando, Matt! – ela grita.

Isso me mata ainda mais. Porque eu estou correndo agora, e estou chegando também. Logo atrás dela, na verdade.

– Vem, vem, vem! – ele a incentiva.

– Estou aqui! – ela grita.

Ela me vence. Deus, ela chegou antes de mim. Ele pega na mão dela quando chego no topo, e eu vejo… toda aquela coisa é linda. O céu noturno. Um meteoro passando lá em cima. "Será que eles vão entrelaçar os dedos? Será?" Eles entrelaçam os dedos, e eu morro.

Morri de verdade. Monto em um meteoro e voo para fora do parque. Para fora de Warmouth, para longe de Matt, desapareço totalmente deste plano da realidade. “Não olhe para trás”, digo para mim. “Não olhe para trás.” Estou sendo melodramático. Olho para trás. Os dedos dos dois continuam entrelaçados.

– Estou aqui – falo.

– Nossa, isso é muito lindo, não é? – ele pergunta.

– É. É, sim – ela responde.

Tento concordar:

– Claro. – Estou respirando pesado, ninguém consegue ouvir uma palavra do que eu digo antes de ela evaporar. Tento outra vez: – Com certeza.

Só que agora é o meu corpo que evapora, e de repente estou junto aos meteoros. Luminoso como uma onda elétrica disparada pelo céu escuro. Aquilo me deixa sem fôlego. Estou ofegando.

Matt se vira.

– Ei, Tretch! – ele me chama. – Vem aqui com a gente. Te garanto que daqui dá pra ver melhor.

Nessa hora, um bom amigo provavelmente sacode a cabeça e diz: “Não, não, cara. Estou de boa aqui”, ou algo do tipo, e deixa os pombinhos em paz.

Um não-tão-bom amigo, porém… ele corre até lá, diz: “Ah, é… Você tem razão. A vista daqui é *bem* melhor”, e fica perto o bastante do amigo para que vez ou outra seus dedos esbarrem nos dele. Como se fosse sem querer.

Agora, adivinhe qual desses amigos eu fui.

Quando descemos, Ron e Landon estavam sentados em um banco de jardim. Também estavam de mãos dadas, e, por algum motivo, aquilo me deixou ainda mais pra baixo.

– Vocês estão prontos? – Landon pergunta, e eu digo que sim tão rápido que deve até ter soado grosseiro.

– Beleza – Landon se levanta. – Nos vemos em casa, amor – ele diz para Ron.

– Até mais tarde, querido – Ron responde. – Tretch, Amy – ele nos dá um sorrisinho –, espero ver vocês dois em breve.

– Com certeza – Amy diz.

– Com certeza – repito. Quer dizer, Amy Sinks e eu já gostamos do mesmo garoto e, ao que parece, das mesmas camisetas. Acho que posso muito bem começar a copiar também as respostas dela.

Ron segue em direção ao estacionamento lotado atrás do Old Muse, e nós vamos para nossa vaga perto da entrada. Matt se aproxima de mim e sussurra:

– Ei, Tretch, tudo bem por você se eu e a Amy ficarmos ouvindo meu iPod no banco de trás?

– Ah, bom, não, claro que não. Mas por que vocês vão ouvir música em vez de conversar?

– Porque eu estou nervoso. E nem sei o que dizer.

Não consigo deixar de sorrir:

– Sério?

– Juro – ele responde. – Eu sei. Sou patético. Estou naquele ponto em que, pra cada coisa interessante que eu digo, solto umas dez coisas idiotas, por isso…

– Bom, e o que vocês vão ouvir?

– Não sei. – Ele saca o iPod do bolso. Estamos ao lado do carro agora.

– Quem quer ir na frente? – Landon pergunta, e eu levanto a mão.

Ele abre a porta e eu escorrego para dentro.

– Obrigado, senhor Landon.

– De nada, Tretchito.

Amy abre a porta para Matt, e ele se atrapalha um pouco com seu fone enquanto tenta botar o cinto.

As bochechas dele ficam bem vermelhas na luz do carro. Tento lhe mandar um sinal de apoio pelo retrovisor, mas Amy fecha a porta e a luz some antes que eu consiga fazer isso.

– Você está a fim de ouvir música? – ele pergunta para ela.

– Claro – ela responde.

– Promete que não vai me julgar pela quantidade de Taylor Swift? Juro, eu baixei todas para o Tretch. Ele não tem iPod nem celular… e, o esquisito é que nem Amish ele é.

– Será que é uma coisa de Amish gostar da Taylor Swift? – Amy brinca.

– Se é, estou na religião errada – comento, o que faz Amy rir.

Falando sério… Ninguém devia achar que meu amor pela Taylor Swift é uma piada. É como se algumas pessoas (Matt) estivessem constrangidas em gostar dela. Eu não. Na verdade, se alguém algum dia me parar e perguntar: "Tretch Farm, quem você diria que é a voz da sua geração?", eu diria que é a Taylor Swift, de longe, não tenho nem dúvida.

– Eu gosto dela – Landon confessa depois que tudo fica quieto no banco de trás. Eu me forço a continuar olhando para a frente, para não ver quanto eles estão perto um do outro. – Ela tem uma música que me faz chorar.

– Sério? – Estou ao mesmo tempo surpreso e não surpreso. – Espera aí, deixa eu adivinhar. É a "Never Grow Up"?

Landon sorri, fazendo sinal negativo com a cabeça.

– "The Best Day"?

– Essa é aquela sobre a mãe dela?

Aceno positivamente.

– Não – Landon diz. – Mas eu gosto dessa.

– Hum. – Paro para pensar. – Tá bom, essas são normalmente as minhas músicas de chorar. Deixa eu ver. – Estou revirando o meu catálogo mental das músicas dela. – "Last Kiss"?

– Não.

– "All Too Well"?

– Tenta outra vez.

– É antiga?

– Sim, é uma das antigas.

– Nossa! É a "Fifteen"? Diga que é, por favor…

– Essa mesma.

– Nossa, que legal!

– Sim… Como é aquela parte da letra? Em que ela fala que na vida você vai fazer coisas melhores que sair com o cara mais popular, ou…

– “Em sua vida, você vai fazer coisas maiores do que namorar o cara do time de futebol…”– eu recito, pausando no ritmo da canção.

– Isso. – Landon assente. – Digo, onde é que estava essa música quando *eu* tinha 15 anos?

– Pois é – falo. – Quer dizer, como você conseguiu sobreviver?

– Sobreviver a quê? Aos meus 15 anos?

– Isso.

Na verdade, eu quis dizer sobreviver aos 15 anos sem a Taylor Swift… Só que se o Landon quer me contar a história dos seus 15 anos, não vou reclamar.

– Hum… Graças aos filmes, acho. Eu ia bastante ao cinema.

– Que filmes?

– Bom, quando eu era novo, havia um cinema alternativo pertinho de casa. Eu costumava mentir pra minha mãe e dizer que ia sair com uns amigos, mas na verdade ia ao cinema.

– Por que você precisava mentir?

– Acho que eu não *precisava*, mas mentia mais para que ela não se sentisse mal por eu sair sempre sozinho.

– Entendi.

– É… – Landon faz uma pausa, refletindo. – Foi nesse cinema que vi *King Kong* pela primeira vez. E várias outras coisas.

– Ah, legal – falo. – Aquilo foi muito bacana, o que o senhor Ron falou sobre rever o filme com você na faculdade. Foi lá que vocês se conheceram? Na faculdade?

– Foi – Landon confirma. – Eu estava no último ano. Ron estava no segundo.

– E então vocês se casaram?

Landon dá risada. Na verdade está mais para uma gargalhada, e eu não uso a palavra *gargalhada* à toa.

– Pois é, sim, resumindo… resumindo *bastante*, é isso.

– Posso fazer uma pergunta pessoal?

– Ahn, claro, Tretch.

– Quem fez o pedido de casamento? Você ou o Ron?

Landon ri:

– Sabe, por mais estranho que possa parecer, ninguém jamais me perguntou isso. Fui eu que fiz o pedido.

– Legal – falo. – Onde vocês estavam?

– Num restaurante. Um bem ruim, de comida mediterrânea no Queens, que cheirava a vazamento químico.

– Aah… – digo. – Bom, e isso parece… romântico?

– De alguma forma, acho que foi. Chorei horrores durante o pedido. Ron chorou quando aceitou. Vou te contar… Foi um auê – ele ri –, mas sabe o que o Ron me disse depois que a gente se recompôs o suficiente para conseguir voltar a falar? E você vai entender agora que viu *King Kong*.

– O quê?

– Ele disse: “Ao maior de todos”, e fizemos um brinde. Não é muito perfeito?

Landon olha para mim e sorri. Os faróis de um carro passando iluminam seu rosto, e seus olhos brilham.

– Muito perfeito – falo, ainda me recusando a olhar para trás.

Na frente da casa de Amy, ela e Matt se despedem. É tão bonitinho. Tipo, estou tendo que assistir com um olho fechado, é tão bonitinho.

– Então, tchau – ele diz.

– Tchau – ela responde. – Até mais.

– Até. – Ele acena com a cabeça. – Obrigado por ter ido.

– Obrigada por ter me convidado.

Eles nem conseguem olhar na cara um do outro. Ela se vira e sobe correndo os degraus da entrada.

Matt gira o corpo em direção ao carro com um sorriso enorme e levanta os dois polegares para mim. Portanto, a noite foi boa. Aparentemente.

Na frente da *minha* casa, Landon desliga os faróis, e Matt me dá um cutucão no ombro. Ele dá uma piscadinha para mim do banco de trás e nos cumprimentamos, batendo as mãos abertas no alto.

– Boa noite – ele diz, não tanto para me desejar uma, mas para confirmar a que tivemos.

"Essa noite foi boa."

– Com certeza – concordo, soltando o cinto. – Muito obrigado pela carona, senhor Landon.

– Não precisa agradecer, Tretch – ele diz, piscando o olho. Caramba, eles são a família da piscadinha. – Foi muito bacana conversar com você.

– Sim, também achei. – Suspiro com uma mão sobre o teto do carro e a outra na porta. – Bom, boa noite, pessoal. A gente se vê.

– Boa noite, Tretch.

– Boa noite, cara.

Então fecho a porta, e eles podem ir. Não olho para trás. Não faço isso, porque essa é a minha regra para despedidas. Depois que você diz tchau, continue andando e não olhe para trás. Porque o que você faz depois de um tchau… é como um sinal de pontuação: pode ser tanto um ponto-final quanto um de interrogação.

Meu lema: vá de ponto-final. Não olhe para trás. Lacre-o e guarde-o, e isto é o que você vai ter: um momento inteiro, perfeitamente empacotado, completo.

Landon e Matt vão se afastando de casa. Não me viro. Fecho a porta assim que entro. Não olho para trás.

Há uma luz acesa na cozinha – a lâmpada sobre o fogão – e uma folha de caderno em cima dele. Eu a pego.

> *Boa noite, Tretch!*
> *Tentamos ficar acordados para esperar por você, mas o cansaço nos venceu.*
> *Espero que o King Kong não tenha te apanhado!*
> *Beijo,*
> *Mãe*

Embaixo do recado tem um desenho de um King Kong feroz segurando um garotinho paralisado de medo no traço inconfundível da minha mãe, o que ela desenvolveu como chefe da seção de quadrinhos do jornal da faculdade.

Embaixo do desenho tem outro recado.

Ei, Tretch. Aqui é o pai. Espero que seu encontro tenha sido bom. Mal posso esperar para saber mais pela manhã. Desculpe por não ter conseguido te ver hoje. Ultimamente o trabalho tem sido uma loucura – como é que você e o Joe dizem, "mó doideira"? – O trabalho tem sido "mó doideira" ultimamente. Enfim, boa noite,um beijo,
Pai

Eu me acabo de rir com a coisa do "mó doideira". Meu pai também é "mó doido".

No final ainda tem *outro* recado; esse do Joe.

Fala, Tretch. Só estou escrevendo pra dizer que espero que seu encontro tenha sido legal e pra frisar que a mãe e o pai não deixaram nenhum recado pra mim enquanto eu estava fora.
Conclusão: você é o favorito deles.
Vou lá dormir para esquecer que fui ignorado. Espero conseguir.
Com os meus cumprimentos,
Cocô do cavalo do bandido

Agora estou rindo para valer. Minha nossa. Minha família é "mó doideira", e eu sou louco por eles.

Pego a caneta azul que está na bancada e desenho um coração no único espaço vazio que sobrou na folha. Bem no cantinho da página. Um coração, de coração.

Boa noite, gente.

seis

O primeiro dia de férias significa que eu vou dormir até bem tarde, depois vou ficar largado no meu quarto com o meu aparelho de som o maior tempo que puder – ou seja, até a fome falar mais alto e me fazer descer até a cozinha. Eu queria receber alguma notícia do Matt, mas até agora nada – ele também deve estar morgando o máximo que pode.

Com toda a agitação da história do King Kong, consegui esquecer o bilhetinho que o Bobby Handel tinha escrito sobre nós dois. Agora começo a pensar no assunto, provavelmente mais do que ele merece.

Desde o quinto ano, sou capaz de reconhecer a letra do Bobby Handel. Foi nessa época que ele começou a implicar comigo.

O bullying para valer foi a partir do sexto ano, quando certa vez ele me empurrou contra um armário e achou que seria engraçado, a partir de então, fazer isso *todo santo dia*. Ele continuou com aquilo pelo restante do ano. Um dia eu cheguei até a cortar o supercílio no canto do armário ao lado do meu. Por algum motivo, a porta dele estava aberta, e acabei batendo a cabeça nela depois que o Bobby me deu um empurrão daqueles.

O Bobby viu o sangue antes de mim. Na verdade, eu nem teria notado se, em uma fração de segundo depois, o rosto dele não tivesse parecido tão genuinamente preocupado. Ele foi embora em seguida, correndo desembestado pelo corredor. Levei a mão ao rosto e, quando a afastei, vi que havia mesmo uma mancha molhada, vermelha e quente.

Aquele foi o pior dia do sexto ano, de longe, mas o Bobby parou de incomodar por um tempo, e ele nunca mais me *machucou*. Ele ainda me chama por este apelido idiota que eu odeio: Dancing Queen – a Rainha da Dança –, por causa da música do ABBA. E o engraçado é que nem foi o Bobby que inventou o apelido. Não. O mérito é todo do senhor Tim Handel. O *pai* do Bobby.

Tudo começou quando eu estava trabalhando na coreografia de “Physical”, da Olivia Newton-John. Eu havia conhecido a música em um antigo episódio de *Glee*, e ela logo virou minha favorita na época, ainda mais depois que criei uns passos insanos para ela.

No geral, achei que tinha montado uma boa coreografia. Claro, *hoje* eu a acho amadora, mas, para alguém do sexto ano, não estava *tão* mal. Ela envolvia vários movimentos convencionais, como flexão de pernas, elevação de quadril e rotação de ombros. Tinha várias erguidas de punho e até um momento isolado em que eu me jogava com as mãos no chão e fazia *uma* flexão de braços.

Tudo se encaixou bem no final.

Até que um dia, Tim Handel estava em casa falando de negócios com meu pai. O encanamento do térreo estava desregulado, por isso ele precisou usar o banheiro do andar de cima. Eu não tinha fechado a porta do meu quarto, e, quando Tim ouviu a música, ele parou para olhar. Eu estava concentrado observando o reflexo do meu movimento no espelho, para ter certeza de que a elevação de quadril estava suave. Tim Handel encostou ali e ficou me assistindo de olhos arregalados. Parei de me mexer, mas era tarde demais. Ele desatou a rir.

– Que é que você está fazendo aí, Dancing Queen? – ele perguntou assim que conseguiu recuperar o fôlego.

Não consigo entender gente como o Tim e o Bobby Handel, e às vezes acho melhor nem tentar. O negócio é esquecê-los e seguir com a minha vida.

E é isso o que estou tentando fazer em relação ao bilhete que Bobby escreveu. Se Matt consegue tirar isso de letra, eu também consigo.

Desço a escada e sinto o cheiro de velas com aroma de pinheiro. É um perfume só para quebrar o galho, considerando que a gente ainda não conseguiu comprar a árvore. Minha mãe, meu pai e Joe estão todos ocupados. Sou o único que não está – acho que você só começa a ficar ocupado depois que pode dirigir. Na verdade,

parte de mim gosta disso. Assim o tempo anda mais devagar, e eu posso levar as coisas com calma e refletir sobre tudo.

Passo os olhos numa magra pilha de correspondências largada sobre a bancada da cozinha. Alguns cartões de Natal dos antigos colegas de faculdade dos meus pais, todos dizendo “Que haja paz na Terra” e “Feliz Natal. São os nossos votos para a sua família”. As velas aromatizadas tremulam sobre a mesa da cozinha.

Antigamente a correspondência era organizada e respondida de imediato, mas agora minha mãe está fazendo jornada dupla. Ela está terminando seu mestrado em finanças, pois quer deixar seu emprego de secretária na Seguradora Farm & Handel, onde meu pai trabalha. Parte disso, eu acho, tem a ver com o fato de ela estar descobrindo novas coisas sobre si mesma, “percebendo” o seu “pleno potencial”, como ela colocou para mim e para Joe na última sexta-feira quando nos levava para comprar jeans novos. A outra parte, eu acho, tem a ver com meu pai.

– Todo mundo precisa de espaço – ela disse. – Até os casais. Não é bom para *nenhum* relacionamento quando as duas pessoas ficam presas no mesmo lugar o dia inteiro e depois voltam para debaixo do *mesmo* teto. Somos humanos. Precisamos de espaço, como qualquer outra espécie na Terra.

Acho também que ela não curte passar muito tempo ao lado do Tim Handel. Se o pai é tal qual o filho – e eu acho que é –, não dá para culpá-la.

Neste instante, eu me pergunto se ela já está em casa… e então ouço uma música suave tocando.

“Será que é?” É.

“O disco de Natal da Céline Dion.”

Com certeza minha mãe está em casa.

Entro no escritório, onde ela está esparramada no chão, dormindo como uma pedra. Ela não tem dormido muito nas últimas noites, desde que começaram as provas finais de suas matérias. Um café velho ainda repousa em uma caneca sobre a mesinha de centro. Eu

a recolho e levo para a cozinha. Estou lavando a caneca na pia quando escuto minha mãe:

– Tretch? É você?

– Sim, senhora. – Entro no escritório, ainda com a caneca na mão. – Quer um café novo?

Ela expira, e uma mecha do seu cabelo castanho oscila na frente do seu rosto.

– Sim – ela diz. – Pode ser.

– Ontem foi a última, né? – pergunto.

– A última – ela responde, agitando o punho em comemoração. – Acabou. Agora estou recarregando a bateria.

Ela continua sentada no chão. Seu cabelo está todo bagunçado e ela está sem maquiagem. Mas minha mãe nunca foi mesmo uma mulher de usar muita maquiagem. Ela tem uma aparência natural bonita.

– Como é que você foi? – pergunto.

– Ah, fui bem, eu acho. – Ela estende a mão e a deixa cair mole. – É bom que tenha ido. Escrevi umas dez páginas.

– *Vixe*! Muito bem.

– Obrigada, querido. – Ela boceja.

Ao fundo, Céline Dion está cantando o refrão de "O Come All Ye Faithful". Bem alto: *"OHHH COME LET US ADOOOOOORE HIM… OHHH COME LET US ADOOOOOORE HIM… OHHH COOOOOME LEEEEET UUUS ADOOOOOOORE HIIIIIIM…".*

– Bela seleção musical – digo.

Minha mãe sorri:

– Me deixa. Ela me relaxa.

Preparamos o café na cozinha com a prensa francesa. Esse é o jeito que minha mãe prefere fazer – "estilo caubói", segundo ela. Ela inclina a prensa e derrama o café em duas canecas. A bebida escura está fumegante.

– Tretch, a gente precisa de uma árvore – ela diz.

– Estou sabendo.

– Digo, o Joe só vai estar aqui um dia pra vê-la.

Joe vai viajar amanhã a Dallas para uma visita de Natal aos meus avós maternos. Eu acabei me dando mal, já que ia ficar muito caro mandar nós dois, e essa era a vez de ele ir.

– Mas, enfim, você vai querer descansar uns dias depois das provas, não vai, Tretch? – ela me pergunta, lendo minha mente (ou tentando).

"Não exatamente", penso. "Eu preferia ir para Dallas com Joe e ver a vovó e o vovô do que ficar aqui em Warmouth, entediado. Em especial agora que o Matt também vai embora."

Faz uns seis meses que eu não vejo meus avós. No mês passado, eles me mandaram um presente de aniversário pelo correio.

Minha mãe vai até a despensa e pega alguns rolos de papel de embrulho.

– Depois que o Joe voltar lá das coisas dele, acho que vocês dois podem ir arranjar uma árvore. Eu não tenho ideia de que horas seu pai vai voltar. O trabalho tem sido um inferno a semana inteira.

– Eu sei – digo. – Dá pra ver.

Nos últimos tempos, meu pai volta toda noite para casa com aquela sua antiga alergia saindo por trás da gola da camisa. Logo, logo essa coisa é capaz de ficar tão grande que vai cobrir sua cabeça inteira se ele não der um jeito de relaxar.

Não manjo muito sobre esse negócio de seguros, mas sei que tem bastante burocracia. E burocracia deve ser algo estressante, assim como trabalhar ao lado do Tim Handel deve torrar a paciência.

Suspiro:

– O pai é como o Bob Cratchit.

– Quem é esse? – minha mãe pergunta. Ela está desenrolando um pedaço do papel de embrulho.

– Você sabe, aquele de *Um conto de Natal*?

– Não estou lembrando.

Penso por uns segundos.

– Aquele que o Mickey faz na versão da Disney.

– *Ah.* – Minha mãe estica o papel na mesa da cozinha e se senta. – E quem seria o Scrooge?

– Ué – eu falo. E me parece que a resposta é bem óbvia. – Acho que seria o pai, né?

Minha mãe faz sinal para que eu pegue uma caixa de sapato com o logo da Nike que está na bancada.

– Então o seu pai é o Mickey e o Scrooge?

– Bob Cratchit – eu a corrijo. – Sim.

– Como é que seria isso, Tretch?

– Bom, ele é o sujeito que é açoitado o tempo todo, igual ao Bob Cratchit. – Coloco a caixa sobre a mesa, na frente dela. – Mas, como ele é o chefe, ele também é o sujeito que está *açoitando*, igual ao Scrooge.

– E o Tim?

– Pff… – faço. – O Tim Handel não é *nada*. Não, espera aí, Tim Handel é tipo o segundo fantasma. O Fantasma do Natal Presente.

– Esse é o que dá medo? – Minha mãe pega uma tesoura e corta um retângulo em volta da caixa.

– Não. É o gordo.

– Ah – minha mãe diz, equilibrando a caixa, a tesoura, o papel e a caneca enquanto parte para o quarto dela e do meu pai. Ela sempre age de maneira desconfiada e secreta quando se trata de embrulhar presentes. Acho que já é a segunda rodada desde ontem.

Ouço a porta bater e nem preciso olhar para saber que é o Joe. Ele entra na cozinha e pega a caixa de suco de laranja na geladeira.

– *Joe!* Você quer ir pegar a árvore quando o pai chegar em casa?

Ele tira o casaco e joga em cima da bancada.

– Não posso, Tretchito. Tenho que sair pra descolar um presente pra mãe. Depois vou ter que ir lá dar tchau pra Melissa. A gente só vai se ver de novo depois do Natal.

– Ah. Saquei. – Meus ombros desmoronam.

Agora ele está tirando uma camiseta que estava usando por cima de outra. A camiseta de cima, a que ele está tirando, é roxa e tem o desenho de um brontossauro. “Vegetariano”, o dinossauro diz. Só isso.

– Você está deixando sua barba crescer? – pergunto. Esse é o jeito que nós dois usamos para dizer um ao outro: “Ei, você precisa fazer a barba”.

– Pra dizer a verdade, estou – Joe responde.

– Ah… E aí, foi bom o seu último dia de aula ontem?

– Sim. – Ele começa a despejar o suco em um copo. – E o seu?

– Também. Você quer café?

Ele olha para mim, depois para o suco de laranja.

– Nem, estou de boa. Tá tudo, ahn, bem com você, Tretch?

– Tá. Eu acabei… A gente fez um fresquinho na cafeteira.

“É mentira. Por que eu disse isso? Fizemos na prensa francesa.” Joe olha para a cafeteira na bancada, que ainda tem um café velho no fundo, provavelmente de alguns dias atrás. Ele faz o vidro da cafeteira ficar com um aspecto sujo, grudento.

– Ele parece velho – Joe diz.

– E é. – Dou um tapa na minha testa. – Acabei de lembrar. A gente fez na prensa francesa.

Joe me olha desconfiado. Ele dá alguns goles no seu suco. Acho que os bons irmãos mais velhos geralmente sabem quando tem alguma coisa errada acontecendo com os mais novos.

– Tretch – ele fala –, você está a fim de ir a uma loja comigo?

De novo, me pergunto: “Será que Joe sabe?”.

– Sim – digo. – Quero.

– Mãe! – Joe grita. – O Tretch e eu já voltamos!

– Quê? – Ouço a minha mãe perguntar na sala de estar.

Saímos pela frente, fechamos a porta e descemos os degraus da entrada. Acho que é assim que se faz quando você quer comprar um presente para sua mãe: diga para ela que você está de saída, depois feche a porta bem rápido. Caso contrário, ela vai te perguntar onde você está indo e vai estragar tudo.

Joe tem uma picape Chevy azul ano 1991, eu acho. É uma lata velha, mas o Joe a ama. Ele adora que ela tenha um toca-fitas.

– Fale o nome de alguém que você conhece que tem um carro com toca-fitas – ele me perguntou um dia.

A verdade é que eu mal conheço alguém que tenha um carro.

Joe dá partida, e um som alto estoura pelos alto-falantes.

– Ih-ih-ih-iiiiih-ih…

– O que é isso? – pergunto.

– Ahn – Joe dá ré e vira a picape, olhando para os dois lados. – É uma coletânea que a Melissa fez pra mim. Essa se chama… – Ele levanta a caixinha de plástico da fita. Eu vejo o papel branco em que Melissa rabiscou o nome das músicas e dos artistas.

– "Anything Could Happen" – Joe diz –, da Ellie Goulding.

– *Ih* – canto, ecoando aquela profusão que sai dos alto-falantes. – Gostei. Talvez eu faça alguma coisa com ela.

– Uma nova coreografia? – Joe balança a cabeça no ritmo, engata a marcha e sai.

– Acho que sim. Mas tem que ser diferente de qualquer outra coisa que eu já fiz. Essa aí é bem *diferente*. – Neste instante, *diferente* é algo incrível. – Vamos pela rodovia?

– É. Estamos meio sem tempo hoje.

Faço que sim com a cabeça, um tantinho decepcionado. Sei que o Joe quer muito ver Melissa antes de partir amanhã cedo. Só que, normalmente, a gente pega as estradinhas menores. Essa é uma das partes divertidas de morar em uma cidade pequena.

Eu vejo caixas de correio passando com tudo enquanto descemos velozes a Watercress Road e pegamos a estrada principal.

– Pô, estou mal que você vai embora – digo.

– É, eu queria que você fosse também. – Joe esfrega o nariz na manga da camisa de flanela, então estica a mão até o botão de ajuste do aquecedor no painel. – Ano que vem, quem sabe.

– Verdade – falo.

Escorrego pelo banco de tecido do Chevy até que o topo da minha cabeça toque a base do encosto de pescoço.

– Diz aí – Joe fala para mim –, o que está pegando?

Penso em Matt, e em Matt e Amy, e no bilhetinho de Bobby Handel, e em Tim Handel sendo um babaca. Penso em como todas

essas coisas estão pesando e em como elas me cansam. Ninguém vai tirar esse peso de mim. Eu preciso me livrar dele.

Será que este é o momento certo? Joe está calado. Só que *então* vem a pergunta: será que vai existir uma boa hora? A música que sai pelos alto-falantes grita: "*Anything could happen, anything could happen*". "Tudo pode acontecer". Abaixo o volume, tomando a música como um sinal. Tenho de fazer isso acontecer. Eu preciso.

– Joe – digo. – Preciso te contar uma coisa.

– Manda ver, Tretch.

E aí simplesmente falo:

– Sou gay.

Aquilo sai pela minha boca como se eu tivesse mastigando alguma coisa enquanto tentava falar, e a primeira coisa que penso é: "Bom, talvez ele nem tenha percebido". Uma parte de mim quer que o Joe não tenha escutado. Falei rápido, tão rápido que peguei até a mim mesmo de surpresa. "Que esquisito", penso. Num piscar de olhos, aquilo saiu – e acho que eu também. Saí do armário.

A música termina em uma sequência de "*iihs*", e a fita para. Ouço o barulho repetitivo do motor da Chevy, um som que põe nervosos vários dos passageiros menos frequentes de Joe. Neste momento, o som também me deixa nervoso. Mas não porque estou com medo que o carro quebre.

Ele me deixa nervoso porque me faz lembrar o som de metal se amassando, como a pressão da água comprimindo as paredes de um submarino.

"Estamos afundando", eu penso. Então o Joe diz:

– Legal.

É só isso que ele fala. Estou meio chocado.

Bastante chocado, para dizer a verdade.

A faixa seguinte da coletânea feita pela Melissa começa a tocar, e o som preenche a picape outra vez. Joe assobia junto. Não reconheço a canção que está tocando, mas é uma coisa acústica, de batida calminha. Não faz meu estilo.

– A propósito, obrigado por me contar.

Engulo em seco:

– Ué, de nada.

Tem um pouco de água nos meus olhos, o que me surpreende, pois não estou com vontade de chorar. Estamos na rodovia agora, um céu cinzento passa por nós, acima de nós e, dependendo de como você olha, à nossa frente também.

– Foi muito difícil? – ele pergunta. – Contar para mim, quero dizer.

– Não tão ruim quanto eu pensava – respondo.

Joe dá uma risadinha.

– Pô, legal. – Ele faz uma pausa, pensando. – Parece que é assim mesmo.

– O que você quer dizer?

Joe dá seta e mudamos para a pista da direita, nossa saída está se aproximando.

– Estou falando desse lance de se assumir. O irmão da Melissa, o Marcus, passou por isso alguns anos atrás. Ele disse que sempre pensou que ia ser bem pior do que acabou sendo… e, você sabe, o pai da Melissa é pastor na igreja.

– Não sabia – comento. – Uau.

– E você sabe o que foi que ele disse quando o Marcus contou para ele?

– O quê?

Um sorriso toma o rosto de Joe.

– Ele falou: “Até que enfim, Marcus. Já estávamos nos perguntando quando é que você ia nos contar”. – Joe ri. – Foi o que ele disse.

Solto uma risada rouca; tem um pouco de catarro preso na minha garganta. Viramos à direita na nossa saída, o logotipo da loja de departamentos brilha suspenso a distância, mais elevado que a decoração de Natal que a cidade colocou nos postes telefônicos e mais alto até que as placas dos restaurantes locais.

Joe não me pergunta quando estou pensando em contar para os meus pais. Ele não pergunta sobre Matt, nem sobre os pais dele, ou se estou certo sobre o que contei para ele: “Tem certeza de que

você não está confuso sobre isso, Tretch? Isso pode ser complicado, você sabe…". Não. Joe não faz nada disso. E ali, naquele momento, eu o amo tanto por ser assim que quase digo isso para ele.

Quase.

sete

– Adivinha só o que a mãe me falou que é para você fazer enquanto eu estiver fora?

Joe está segurando a caixa de DVDs de um seriado chamado *As panteras*. Estamos parados de pé em um corredor na seção de entretenimento da loja. Os enormes aparelhos de tevê na parede atrás de nós estão trovejando o anúncio de um filme de terror.

– O quê? – pergunto.

– Dar comida pra Sinistra – Joe fala.

– *Você está de brincadeira, né?*

Devolvo à prateleira a caixa de DVDs que estava na minha mão – uma temporada de um programa de música country e humor que meus avós paternos gostavam, chamado *Hee Haw* (antes disso, eu cheguei a perguntar para o Joe se ele achava que a gente devia comprá-lo para eles, mas ele então me lembrou: "Tretch, eles nem têm um aparelho de DVD. Como é que vão assistir?").

– *Odeio* aquela gata – complemento, e Joe cai na risada.

– É que os Whip vão viajar – ele explica. – Eles iam pagar a um de nós e eu até ia fazer isso, mas aí lembrei que também vou estar fora.

Essa Sinistra dá azar. Juro, toda vez que boto os olhos nela, alguma coisa ruim acontece. Aquele dia no sexto ano em que o Bobby me empurrou em cima de um armário, eu a tinha visto quando estava a caminho da escola. Ela estava atravessando a rua com aquelas suas patinhas nojentas de gato, agitando seu rabo preto. Na mesma hora eu *soube* que alguma coisa tenebrosa ia acontecer.

Ainda por cima, ela tem uma atitude péssima. Ela tem um jeitinho de superior e nem deixa passar a mão nela nem nada. Se você tentar, ela te morde.

– Estou falando sério, Joe. Nós *todos* vamos estar fora da cidade no Natal e na véspera! A gente não vai poder dar comida pra ela nesses dias.

– Falei isso para os Whip, mas eles não pareceram muito preocupados. Eles disseram que ela vai caçar um passarinho ou outra coisa qualquer. – Joe põe a mão na cintura e imita o nosso vizinho, o senhor Whip, que soa como um legítimo homem do campo: –“Aquela danada vai fazer um banquete de Natal dos bons”.

É bem parecido e muito engraçado.

Os aparelhos de tevê mudam da propaganda do filme de terror para algo sobre um garoto e um cachorrinho, filmado em algum lugar do Alasca. Isso prende a minha atenção, mas só até eu ouvir um casal brigando ali do lado. Não uma briga de *verdade* ou nada do tipo, mas uma discussão. Normalmente eu acharia que era só mais um casal desfilando seus dramas em público – chame isso de experiência em loja de departamentos –, mas desta vez alguma coisa clicou na minha cabeça, e me dei conta de que conhecia uma das vozes.

– Você ouviu isso? – sussurrei para Joe.

Ele ergueu uma sobrancelha.

– Ouvi.

Tim Handel, o sócio e amigo de longa data do meu pai, o pai do garoto que sistematicamente tenta transformar minha vida em um inferno na terra, está brigando com a esposa, Sandy, no corredor ao lado.

Tim e sua primeira mulher, Mariana, foram a razão de os meus pais terem se conhecido. Minha mãe e meu pai estiveram no casamento dos Handel. Minha mãe e a dona Mariana eram amigas de faculdade, por isso ela foi uma das madrinhas. Meu pai foi padrinho de Tim.

Quando eu e Bobby tínhamos cinco anos, Mariana ficou doente. Bem doente. Com câncer. Eu me lembro de fazer uma parada com a minha mãe no hospital de Samsanuk para visitá-la. É só um flash rápido de uma lembrança, já que eu era muito novo. E a mãe de Bobby estava na cama do hospital e sem cabelo – eu me lembro disso e da minha mãe segurando minha mão. Não me lembro de ter conversado ou do que fizemos ali. Eu me recordo daquilo apenas

como se fosse uma foto, quieta e sem movimento, o sorriso rápido e terno da dona Mariana congelado para sempre, e acabou.

Mariana morreu pouco tempo depois do diagnóstico. Foi rápido, minha mãe falou, e Tim não sabia o que fazer, sendo Bobby ainda tão pequeno. Ele se casou com Sandy alguns anos depois e abriu com meu pai a Seguradora Farm & Handel. Todo ano eles dão uma bolsa de estudos para um formando do ensino médio em honra à memó-ria de Mariana.

Um monte de gente na cidade pensa que o Tim Handel é um sujeito bacana, assim como pensam que Bobby é um bom rapaz. Essas são as pessoas que não os conhecem muito bem.

Neste momento, a voz de Tim se eleva em um sussurro alto.

– Nós não temos condições de comprar isso.

– O que você quer dizer com isso? Como assim a gente não tem condições? – Sandy rebate.

Xiii. Olho para Joe. Se os Handel estão com problemas financeiros, isso quer dizer que muito provavelmente *nós* também estamos. Joe aperta os olhos como se agora tivesse ficado curioso de verdade.

– Já… – Tim suspira. – Já *chega*, Sandy. Nós não temos condições de…

– De quê, Tim?

– De dar a ele tudo o que ele quer. – Tim solta outro suspiro, dessa vez um bem grande. – As notas dele estão ruins e cada vez mais ele se mete em problemas. Não devíamos ficar premiando esse tipo de comportamento…

– Eu sei, mas, pelo amor de Deus, Tim. É Natal…

Eu e Joe estamos tão absorvidos em escutar a conversa que nem nos damos conta de que os Handel estão quase do nosso lado.

Eu não tenho ideia do que fazer. Então deixo isso a cargo de Joe.

– Opa! E aí, gente? – ele diz quando os Handel nos notam. – Tudo bom?

– Olha, quem diria, são os Farm – Sandy diz. Ela se aproxima e põe uma mão no braço de Joe e a outra no meu. – Fazendo

compras, meninos?

– É – Joe diz, mostrando a caixa de DVDs para ela. – Pra minha mãe.

– Ah, ela vai *amar* isso. Não conheço uma mulher da nossa idade que não sinta saudade de assistir a essa série. Você viu, Tim?

Ele acena com a cabeça e sorri de um jeito sofrido. Tim Handel é grande, corpulento e está sempre de barba feita. Ele usa calças cáqui o tempo todo. O cabelo é curto, estilo militar, e grisalho. Ele tem também um rosto bruto – não é o tipo de cara que você diria parecer amigável. Mas, quando ele sorri, acho que parece amistoso o bastante.

– Estou vendo – ele diz. – E aí, garotos, estão felizes com o fim das aulas?

– Estamos, sim – respondo e, querendo soar simpático, acrescento: – Acho que o Bobby também.

Quando menciono o nome de Bobby, o aceno de sua cabeça perde o ritmo. Eu o surpreendi. Me pergunto se a senhora Cook o chamou para falar sobre o bilhetinho. Ou se ele simplesmente acha esquisito que um fracassado como eu imagine saber o que se passa na cabeça de um idiota como o filho dele.

Sandy intervém num tom alegre.

– É claro que *todos* vocês ficam contentes por estarem de férias. – Ela alarga o sorriso para que ele possa bloquear qualquer outro pensamento. – Bom, feliz Natal pra vocês dois. Mande um abraço lá para os seus pais!

Assim que eles vão embora, olho para o Joe.

– *Ops!* – digo.

– É, *ops* mesmo.

– Acho que eu não devia ter falado do Bobby.

– Acho que não.

Continuamos fazendo compras normalmente. Ficamos nos provocando, falando besteiras e tirando sarro um do outro, como sempre. Acho que eu tinha um pouco de receio de que, por ser gay, isso fosse mudar, que isso fizesse Joe recuar um pouco ou, ainda

pior, o fizesse fingir que estava tudo bem e recuar ao mesmo tempo. Mas não há nenhum sinal de que ele esteja recuando nem fingindo. E estou bem feliz por isso.

Quando voltamos para casa, fico achando que o Joe vai entrar comigo. Aí me lembro de que ele vai encontrar a Melissa.

– Poxa, Tretch – ele fala –, eu queria poder ir lá pegar a árvore com vocês.

– Pois é – eu digo, saindo do banco. – Não tem problema.

Quase acrescento algo como "fica para o ano que vem", então lembro: *faculdade*. Não sei se o Joe vai estar aqui no próximo ano.

– Divirtam-se, você e o pai – ele diz.

Vou saindo do carro, mas Joe me detém um instante:

– Ah, e, Tretch… Obrigado por te me contado sobre… você sabe.

Olho nos olhos dele.

– Valeu por… bom, valeu por ter sido tão legal.

Joe acena com a cabeça, e passa-se um instante em que não falamos nada.

Estalo meus dedos:

– Ah, lembrei… Você e a Melissa viram a chuva de meteoros ontem à noite? Foi *tãão* romântico.

Joe ri e agita a cabeça, desacreditando.

– Você é um palhaço, sabia?

– Com orgulho – respondo.

Então fecho a porta da picape e caminho pela entrada da garagem. Quando chego em casa, a porta se abre. Meu pai sai e acena a cabeça para mim.

– Aonde o Joe vai? – ele pergunta.

Noto o vermelhão da alergia no pescoço dele. Hoje não está tão ruim, não igual a ontem. Talvez o estresse dele tenha diminuído um pouco.

– Na Melissa – respondo. – Ele quer se despedir dela.

– Ele comprou o presente da sua mãe?

– Sim, senhor.

– Ele não vai pegar a árvore com a gente?

– Acho… – Olho para trás, como se esperasse que Joe tivesse mudado de ideia e estivesse na frente de casa. – Acho que não, pai.

Meu pai dá uma boa olhada de onde está. É um olhar que sei que o Joe deve estar sentindo, embora agora ele já deva estar no final da Watercress Road.

– Então – meu pai diz –, acho que somos só nós dois. – Ele começa a descer os degraus da varanda.

– Tá certo – digo. – Eu só vou lá botar… – A caixa de DVDs de *As panteras* está enfiada embaixo da minha jaqueta. Quero entrar em casa de fininho sem minha mãe saber e escondê-la debaixo da minha cama.

– Não entre aí – meu pai me avisa. – Sua mãe está uma pilha de nervos.

– Por quê?

Ele encolhe os ombros.

– Ah, então tá – eu digo.

Eu o vejo descer os degraus e sumir dentro da garagem. Olho para o outro lado da rua e noto o rabo da Sinistra mexendo no gramado da frente dos Whip.

– Gata velha asquerosa – falo.

– Aqui, Tretch. Segura isso.– Meu pai coloca um serrote nas minhas mãos. – Segura firme. – Ele abre para mim a porta do passageiro do seu Honda Accord, e eu entro.

– Tá bom.

A serra fica no meu colo a viagem toda. Durante o caminho, morro de medo do que pode acontecer se a gente frear de repente. Por fim, passamos por uma placa em que está escrito ÁRVORES HUCKABEE: CORTE VOCÊ MESMO E LEVE DE GRAÇA! 5 KM.

– Ninguém pode com a Huckabee – falo com a minha voz de comercial de emissora local do interior.

– Esse tipo de negócio só dá certo em cidadezinha pequena – meu pai resmunga. – E não vejo funcionando por muito tempo. Nem mesmo numa cidade do tamanho de Warmouth.

Tento equilibrar a serra entre as minhas pernas. Ela faz um som macabro e oscilante toda vez que meu pai vira o volante.

–Então, o que foi que aconteceu com a mãe? – pergunto.

Meu pai coça o pescoço.

– Essa coisa de fim de ano de tentar dar presente pra todo mundo e coisa e tal. – Ele puxa a gola, revelando mais um tanto de pele irritada. – Ela não está conseguindo decidir o que dar para os Handel, mas que cace…, ahn, caramba.

– Mas por que a gente tem que dar alguma coisa para os Handel?

– Exatamente! – meu pai dispara. Aí ele se acalma. – Quer dizer, eu entendo. Sei por que é importante pra sua mãe. Afinal de contas, a Mariana era…

– A melhor amiga dela.

– Isso. O que me lembra… Sabe aquele vaso que costumava ficar na mesinha de centro da sala de estar?

"Ah, meu Deus." Engulo em seco.

– Sim, senhor.

– Você tem ideia de onde possa estar? Sumiu. Sua mãe perguntou dele hoje. – Ele pigarreia. – Sabe, o Tim nos deu aquele presente no primeiro Natal depois que a Mariana morreu.

– *Ah*. – Eu não sabia.

– É. – Ele olha para a frente, dando batidinhas no volante no ritmo da canção de Natal que toca no rádio. – Rá.

– Que foi?

Meu pai sacode a cabeça.

– Agora que me dei conta… Acho que foi por causa daquele Natal que a gente ainda troca presentes com os Handel.

– Como assim?

– Bom, acontece que eu e o Tim nunca nos demos presentes em toda a vida. Claro, eu sei que a sua mãe e a Mariana faziam isso. Mulheres ligam para esse tipo de coisa. Só que o Tim trouxe aquele vaso um dia depois do Natal no ano em que a Mariana faleceu. Ela morreu em setembro. Não sei se você lembra…

Aquela imagem congelada aparece no fundo da minha mente.

– Quase nada – digo.

– Pois é, então, o Tim trouxe aquele vaso um dia depois do Natal. Tinha uma fita em volta dele e tudo mais, e ele disse: “Vocês acreditam que eu quase esqueci? A Mariana teria me matado”. Ele estava com o Bobby. Caramba, quantos anos vocês tinham na época?

– Cinco.

– Isso, coitado do garoto. Ele era tão novinho. Acho que ele nem entendeu…

– Com certeza, não – falo.

Por um segundo, tento imaginar a vida sem minha mãe. Mas só me permito chegar até a beiradinha dessa ideia. Eu não quero saber, não quero saber nem mesmo se é possível saber…

– Coitado do garoto – meu pai repete.

“É, coitadinho”, eu penso. Isso não é desculpa para quem ele se tornou. Só que ainda assim é triste.

Paramos, e os faróis iluminam um portão prateado de metal. Uma corrente o prende a uma estaca de madeira.

– Pode deixar – digo, abrindo a porta do carro.

Deito a serra no meu banco enquanto me levanto. O ar frio pulsa contra minhas orelhas. Corro até ali, solto a corrente e abro o portão.

– Espero que a gente não assuste a velha senhora Huckabee – meu pai diz assim que fecho o portão e salto de volta para o meu banco. Ele para o carro próximo a um pinheiro de tamanho médio. É um pouco torto, talvez, mas meu pai diz que serve.

– Vamos fazer isso rapidinho e voltar para casa – ele fala. – Aqui fora está *congelando*.

Arrasto o serrote atrás de mim e passo para ele. Ele se ajoelha e serra a árvore em não mais do que dois ou três minutos. O pinheiro tomba de repente, salpicando cerdas pelo chão.

– Madeeeeeira! – grito, só porque estou com vontade.

Meu pai se levanta, empurrando a árvore até o final com seu pé. Ele olha para mim.

– Madeir-r-r-r-r-a! – ele grita, fazendo seus dentes tremerem. – Muito bem, Tretch, pegue aquelas cordas elásticas que estão no porta-malas.

Faço o que posso para ajudar a amarrar a árvore no teto do carro, o que não é muito. Na maior parte do tempo, fico só parado de lado, perguntando ao meu pai coisas do tipo “isso não vai estragar a pintura?” e “onde você vai enganchar as cordas?”. Mas ele parece não ligar. Honestamente, acho que ele gosta da minha companhia. Acho que meu pai sempre gosta de ter companhia, e creio que, em geral, as suas favoritas somos nós: eu, minha mãe e Joe.

Por um segundo, me imagino tendo com ele a mesma conversa que tive com Joe.

Só que nunca seria a mesma conversa. Jamais.

– Que horas o Joe disse que estaria em casa hoje à noite?

Dou de ombros:

– Ele não disse.

Em vez de tentar levar a conversa para outro rumo, fico olhando para fora da janela o caminho de volta inteiro.

oito

Em uma manhã do ano passado, depois da aula de educação física, Bobby Handel veio até mim no vestiário segurando uma escova de dente.

Eu, idiota, pensei que ele ia escovar os dentes.

Em vez disso, ele esticou o braço, agarrou o elástico do meu short e o puxou, largando a escova ali na parte da frente. O elástico bateu de volta com um estalo.

– Ei, pessoal, olhem só! – Bobby anunciou. – O Farm está com tesão.

Alguns caras riram, mas acho que maioria não viu graça. Especialmente Matt.

– Cai fora, Handel – ele falou, se aproximando enquanto eu içava a escova e a largava no chão. Ela saltou do meu short azul e caiu no chão de ladrilhos do vestiário. – Deixe-o em paz.

– *Uuui* – Bobby provocou. – O Gayby está defendendo o *namorado*.

Eu quis sumir. Mas Matt continuou ali firme.

– Cala a boca, Handel – ele disse. – Todo mundo sabe que isso de ofensa homofóbica é coisa que enrustido faz pra ficar na moita.

– Hum – Bobby fez, sorrindo. – Aposto que foram seus pais que te disseram isso, né, Gayby?

Matt relaxou os ombros:

– Pra dizer a verdade, foram eles, sim.

Quando Matt me agarrou pelo ombro, eu sabia que ia chorar. Ouvi registros de chuveiro girando e água parando de cair.

– Vem, Tretch – Matt falou.

Ele me tirou do vestiário e me levou até o depósito de equipamentos. Então eu chorei. Chorei bem ali no ombro do Matt.

– Tá tudo bem, cara – ele sussurrou e esfregou a mão nas minhas costas. – Tá tudo bem.

Estou com isso na cabeça, pois faz dois dias inteiros que não tenho notícias do Matt. E também porque Bobby Handel nunca

deixa de me assombrar. Mas também estou pensando nisso porque neste exato instante estou embrulhando uma escova de dente elétrica para minha prima Janie. É uma dessas escovas que toca uma música do Justin Bieber quando você a liga. Janie tem só seis anos, e é minha prima de segundo grau, então acho que tudo bem dar uma escova elétrica como presente de Natal. Ainda assim, ergo as sobrancelhas para minha mãe.

– Que é *isso*? – pergunto.

– A Janie que pediu – minha mãe me conta. – Te juro. Não foi ideia minha.

Ela alarga a gola do seu suéter de Natal. Ele é vermelho vivo com uns brilhos e tem duas renas estampadas: uma com *Joe* costurado sobre ela, e outra com o nome Richie. Minha mãe a fez no Natal depois que eu nasci. Minha rena, a do Richie, tem um nariz vermelho brilhante.

Aperto o botão da escova de dente.

– *Baby, baby, baby, ooooh* – ela canta.

Eu me encolho, então a embrulho em um papel de seda verde e a jogo dentro de uma sacolinha com alça de barbante.

– Toma, mãe – falo, passando para ela.

– Obrigada, obrigada – ela meio que fala, meio que canta. Ela está pondo todos os presentes para os nossos parentes de Dallas em uma mala gigante.

– Você nunca sente falta da vovó e do vovô no Natal? – pergunto.

– Não é tão ruim assim. Estou feliz que Joe vai lá passar alguns dias, assim pelo menos dá para mandar alguns presentes pra eles. – Ela fecha o zíper da mala, que é mais ou menos do tamanho de um crocodilo e exige o mesmo tipo de esforço físico para fechar sua boca. – O Natal nunca foi assim *tão* importante para nós. Não como para os seus outros avós.

– É… – Concordo com a cabeça.

De fato, meus avós paternos *amam* o Natal. Na verdade, é difícil imaginar duas pessoas que gostem dessa data mais do que eles. A comida, os presentes, as tradições mais doidas, tipo as disputas de

construção de casas feitas com biscoito de gengibre… Eles amam tudo isso. Nessas competições, inclusive você pode ganhar um prêmio, normalmente uma espécie de vale-presente rabiscado em um pedaço de papel com a letra da vovó (*Uma rabanada de café da manhã. Resgatável até: para sempre*) ou uma caricatura feita pelo vovô.

– O Natal é sempre melhor com os pais do seu pai – minha mãe fala.

– Você acha que Joe vai se divertir em Dallas?

– Provavelmente eles vão patinar no gelo e fazer coisas do tipo, mas ele vai ficar aliviado quando chegar a véspera de Natal e puder voltar para casa. Ele vai acabar se entediando. – Ela me olha com compaixão. – Você não ficou triste por não ir, né?

– Nem – respondo.

Mas talvez eu esteja um pouquinho. Em família, a gente só vê meus avós maternos uma vez por ano, em geral no Dia de Ação de Graças. Só que este ano eles não vieram, porque estavam na Tailândia. (“Acho que, com a idade avançada, eles estão correndo para ver o mundo”, minha mãe havia dito.)

Por isso passamos o feriado na Fazenda Farm. Meu vô fritou um peru e ajudou minha vó a fazer o molho de *cranberry*, que ficou muito bom. Ainda assim, foi só uma prévia do Natal, porque no Natal dos Farm a gente faz um *verdadeiro* banquete.

A gente começa na véspera de Natal com o Banquete do Espaguete ao Forno para o almoço. É um bom início, mas não é nada muito grande. Mais tarde, sim, temos o Banquete da Véspera de Natal, que é *enorme*. Geralmente tem um presunto tender e um peru (peru porque minha vó diz que isso nos ajuda, eu e Joe, a conseguir dormir na noite da véspera, algo que costuma ser difícil quando estamos super-empolgados), um pouco do famoso molho de salada da minha vó, batata-doce, vagem, fritada de batata, abóbora, ervilhas, alguma verdura, como couve e folhas de nabo, e muito mais.

“Pois é”, penso. “Com certeza o Joe vai ficar feliz em estar de volta antes do Natal”. Neste exato momento ele está fazendo a mala no quarto dele. Sei que ele terminou quando o ouço tombar a mala no topo da escada.

– Lá, onde a neve cai… – ele canta, arrastando a mala atrás de si, deixando-a cair com uma pancada a cada degrau. – Este ano, nada de Natal branco. Quero um bem colorido, igual a um arco-íris.

Ele me encara sorrindo, e eu respondo o fuzilando. “Não força a barra, Joe”, tenho vontade de dizer. Olho para minha mãe e fico aliviado em ver que ela não parece ter achado aquele comentário suspeito.

– Pena que você vai perder a cerimônia para acender a árvore de Natal – comento. – Tudo por uma reles viagem para Dallas. Fala sério, cara. – Reviro meus olhos.

– É, você tem razão. A cerimônia para acender a árvore de Warmouth é *beeeeeem* mais legal do que em Dallas, no Texas, né? Estou dizendo, todas as metrópoles do *mundo* têm inveja do Natal de Warmouth. É como se Jesus tivesse nascido só para que Warmouth pudesse acender umas luzinhas num pinheiro dois mil anos depois.

– Não fale um sacrilégio desses! – minha mãe esbraveja na cozinha. – Além do mais, vocês dois costumavam *amar* essa cerimônia.

Joe pisca para mim.

– Verdade. É *mesmo* uma importante tradição de Warmouth.

Minha mãe sai batendo os pés em direção à sala. Uma sacola do mercado, repleta de petiscos para Joe comer no avião, balança em sua mão.

– É mesmo uma importante tradição de Warmouth, e você a adora – ela diz. – Tretch, ajude o Joe a levar as coisas para o carro.

Agarro a mala cheia e a carrego até a porta da frente. Quando me viro, vejo minha mãe dando um beijo na testa de Joe.

– Tome cuidado – ela diz.

– Pode deixar.

– E, quando eu falo cuidado, significa cuidado.

– Mãe, não sou eu que vou pilotar o avião.

– Cuidado.

– O.k.! Tá bom! Prometo! – ele diz. Depois se vira para mim. – Tretch, *assuma* o coral e tudo mais que for preciso *assumir* hoje à noite, tá? – Ele sorri outra vez.

– Cala a boca – digo.

Com Joe fora, vou ser o único cara hoje no Coral Metodista de Warmouth cantando "Noite feliz" na cerimônia da árvore.

Ele passa por mim cantarolando "Noite feliz" e me dá um soquinho de leve no ombro. Pego a mala lotada de presentes e a coloco na parte de trás da picape.

– Que pesado – eu falo.

– É frágil – minha mãe diz atrás de mim. Ela dá um beijo na bochecha de Joe. – Te amo.

– Também te amo. – Joe se deixa abraçar pelo tempo que ela acha necessário. – Falou, Tretch.

– Falou, Joe. Divirta-se. – A gente se abraça rapidinho.

– Certiiiiinho, então – ele diz, colocando um ponto-final na despedida. Ele dá uma última passada de olhos em mim e na minha mãe. – Bom, a gente se vê então no dia 24.

Ele salta para dentro da picape, fecha a porta e dá ré pela entrada da garagem. Então vira o rosto para trás e nos acena pela última vez antes de pegar a rua.

Ele se foi. E eu fico outra vez sozinho com o meu segredo… e o Coral da Igreja Metodista Unida de Warmouth.

Noite feliz.

O segredo para não ser ouvido como o único homem em um coral feminino é cantar o mais agudo e baixinho possível. A menos, é claro, que você consiga simplesmente dublar a letra, que é o que eu tento fazer na cerimônia em que a árvore de Natal vai ser acesa, até minha mãe me pegar no flagra e dar uma cotovelada nas minhas costelas. Ao meu lado, ela está soltando a voz e, ao mesmo tempo, me lançando algo que o Joe chama de "o olhar", que é quando ela

faz seus olhos se arregalarem de um jeito bem assustador. Desta vez é ainda mais horripilante que o normal, porque isso acontece na parte de “Noite feliz” que fala “ó, Senhooooooor”, então a boca dela fica no formato de um grande O. Ela parece uma coruja macabra.

Abro minha boca e canto com rispidez.

– Pobreziiiiiinho nasceu em Beléééém.

“Eita”, penso. “Muito agudo”. Tento cantar uma oitava abaixo no próximo verso.

– Eis na Lapa, Jesus nosso beeeem.

Meu coaxo grave e ruidoso se choca com as harmonias tilintantes do coral de mulheres como uma marreta de testosterona, e minha mãe me lança de novo “o olhar”. Eu nem preciso virar meu rosto dessa vez. Eu sei. Engulo em seco. De volta à dublagem.

Depois que “Noite feliz” felizmente acaba, desço os degraus do estrado onde nos apresentamos.

– Tretch – minha mãe me chama, estendendo sua mão para mim. As túnicas do coral são fáceis de tropeçar, então a ajudo a descer.

O tribunal de justiça iluminado paira atrás de nós, a árvore escura se ergue à nossa frente, e no meio disso tudo há uma multidão de gente perambulando entre cadeiras dobráveis e bufês de comida.

Avisto uma mesa de jogo onde Amy Sinks está distribuindo o chocolate quente da Mabel. Aceno do gramado e a chamo:

– Ei, Amy!

Ela acena de volta. Dou uma olhada para ver se Matt está com ela, mas não há sinal dele.

– Ai, Tretch, ela é uma gracinha – minha mãe diz no meu ouvido.

– Mãe, lembra que eu te falei? Ela é a garota do Matt.

Não tenho ideia de onde tirei essa frase e nem se ela é verdadeira. É algo que falo mais para fazer minha mãe ficar quieta, mas acaba tendo o efeito contrário: eu é que fecho bico.

– Aham – minha mãe acena com a cabeça.

Não imagino o que ela vai fazer com essa informação.

– Vou lá falar com ela – digo.

– *Tcherto*. Vou procurar o seu pai. – Minha mãe dá meia-volta e marcha pelo gramado do tribunal de justiça.

Avisto meu pai numa mesa de canto, em um estande de decore-o-seu-próprio-biscoito-natalino. Ele está despejando granulado verde sobre uma generosa cobertura de *cream cheese*.

Vou até o estande do chocolate quente.

– Tretch! – Amy diz quando chego ali. – Que boa apresentação, cara!

– Ah, valeu, Amy.

– Quer chocolate quente?

– Por favor.

Suas mãos enluvadas me entregam um fumegante copo de papel. Reparo que as luvas combinam com seu chapéu.

– Ei, você tem visto o Matt? – ela pergunta.

– Ahn? – respondo. – Ah, não, não. Ele não costuma aparecer neste tipo de coisa. – Tomo um gole do meu chocolate.

– Ah, é? – Amy esfrega uma parte molhada da sua luva contra o avental. – Eu podia jurar que o tinha visto por aqui mais cedo…

– TRETCH!

A voz dele surge por trás de mim.

"Ai, meu Deus. Por que ele veio?"

Eu me viro e grito seu nome.

"Ele me viu cantando. Ele me viu cantando no Coral da Igreja Metodista de Warmouth."

Matt passa por uma mesa que está servindo salsichas.

– Grande apresentação, mano! – Matt põe uma mão no meu ombro, com seu rosto resplandecente, olhos profundamente verdes e seu cabelo desgrenhado de inverno.

Eu mal ouço a contagem regressiva que a multidão faz aos berros.

– Cinco… quatro… três… dois… um… FELIZ NATAL!

E alguém aperta um interruptor. A árvore de Natal de Warmouth explode em uma luz dourada. Eu a vejo refletir nos olhos de Matt.

– Eu não sabia que você estava no *coral*! – ele me diz sorrindo.

Dou risada.

– Ah, é. É uma coisa que minha mãe gosta que eu faça.

– Legal, cara! – Seu olhar me atravessa e chega até Amy.

"Então ela é o verdadeiro motivo", penso. "Ela é o verdadeiro motivo de ele ter vindo." Ele acena envergonhado. Não entendo por que ainda está todo tímido.

Amy diz "oi" e lhe entrega um copo de chocolate quente. Ele sorri e dá um gole.

– Hum… – ele faz ao devolver o copo. – O chocolate da Mabel é o melhor.

Acho que eu deveria fazer como a fumaça que sai do chocolate quente e evapora no ar. Só que então Matt acaba proporcionando a maior surpresa da minha vida e pergunta se eu estou a fim de dormir na casa dele.

"Ah, deixa eu pensar por um segundo…"

"SIIIIIIIIIIIIIIIIIMMMMMMM!"

Não sei como, mas consigo dar uma resposta calma e ainda assim empolgada:

– Claro!

Aí me dou conta de que vou precisar pedir permissão para isso. Vejo meus pais do outro lado do gramado em uma mesa onde a Associação de Senhoras Auxiliares distribui gemada. Gemada batizada.

– Já volto… Só vou lá ver se não tem problema eu ir – digo para Matt, tentando agir como se aquilo não fosse o meu maior presente de Natal.

– Vou estar por aqui – Matt diz, usando isso como uma desculpa para tocar no ombro de Amy.

Mas eu não deixo isso me incomodar. Agora tenho coisas mais importantes para pensar.

– Pai! Mãe!

Eu me aproximo deles por trás enquanto os dois estão tomando a gemada e conversando com a reverenda Greene e o marido dela. Gosto bastante da reverenda Greene, e não é só porque ela usa um penteado bufante no estilo da Dolly Parton.

Ela é a primeira entre eles a me notar.

– Ei, olha só o Tretch! – ela diz, segurando seu copo de gemada. – Como vão as coisas?

– Ei, reverenda Greene. Tudo ótimo.

– Que bom.

O rosto dela parece de porcelana. Meu pai diz que ela deve ter no mínimo sessenta anos, mas eu não acredito.

O marido dela, a quem chamamos simplesmente de senhor Greene, aperta minha mão e me diz, polido:

– Saudações.

– O que foi? – meu pai me pergunta, já com o rosto avermelhado por conta da gemada alcoólica.

Não fazia parte do meu plano estar diante de uma pastora ao pedir permissão para passar a noite na casa do casal gay de Warmouth. Contudo, eu acabaria chamando mais atenção se tivesse puxado meus pais de lado, por isso decido seguir em frente.

– Tudo bem se eu dormir hoje à noite na casa do Matt?

Não que eu esteja esperando gritos de horror. Talvez mais uma desculpa educada para fazer o problema desaparecer.

Minha mãe se aproxima de mim e coloca o braço ao redor do meu pescoço.

– Bem, é claro que você pode, Tretch! – Ela estica o tecido da minha manga em volta do meu ombro. – Afinal, são suas férias de primavera! Quer dizer, de inverno!

Meu pai sorri, com o rosto vermelho:

– Divirta-se, Tretch. Vocês vão a pé?

– Sim, senhor – respondo.

– Está bem. Dê uma ligadinha pra gente quando chegar lá.

– Pode deixar.

– Te amo, Tretch.

– Também te amo, pai.

– Te amo, Tretch!

– Te amo também, mãe. – Eu rio, e meu sorriso acaba se encontrando com o da reverenda Greene.

– Foi bom te ver, Tretch – ela diz. – Você esteve ótimo no coral hoje.

– Muito obrigado, reverenda Greene – agradeço. – Foi bom ver a senhora também.

Parece que tomei um garrafão de gemada com álcool. Ou talvez só a parte do álcool. Quando volto até o Matt, sinto que tem uma festa se alastrando dentro de mim, como se tivessem acendido dez mil árvores de Natal, todas de néon e dourado. Sinceramente preciso até me conter para não dar um pulinho. Para você ver como estou feliz.

De volta à mesa do chocolate quente, eu quase grito:

– Matt! Eu posso *ir*! Posso dormir na sua casa!

– Demais, cara – ele comenta. A gente se cumprimenta batendo as mãos no alto. – Tá bom, vamos nessa! Amy, você vai?

"Espera aí. Quê?"

– Vou – ela responde. E isso me mata, porque ela também parece empolgada. – Eu só preciso guardar este carrinho na cozinha da Mabel.

Ela começa a recolher a cafeteira meio vazia, e Matt vai ali para ajudá-la.

– Obrigada – ela diz, enquanto ele assume seu posto atrás do carrinho, se oferecendo para empurrá-lo. Amy coloca uma mão no carrinho. – Vamos empurrando juntos – ela sugere.

– Querem que eu também empurre? – pergunto.

– Queremos seu apoio moral – Amy responde. – Fique perto!

Eu os acompanho pela calçada. Eles não param de bater papo. Ocasionalmente, me fazem alguma pergunta.

Do Matt:

– E aí, Tretch, você *curte* cantar no coral?

– Ah – falo. – É… Às vezes.

Da Amy:

– Diga aí, cantar ou dançar? Do que você gosta mais?

Bufo:

– Meio que igual, acho.

Sei que estou sendo um chato. Sei que eu deveria dar um tempo e relaxar. Observo meus passos na calçada, evitando pisar em qualquer rachadura, e penso: “Tá bom, se controla, porque você não tem motivo nenhum pra estar assim. Você deveria é estar feliz agora”. No Jim Cho, onde famílias estão pegando comida para viagem e fazendo hora para que seus filhos façam os pedidos ao Papai Noel, a porta está aberta. Alguns guardanapos voam pela calçada no ar frio junto com outros papéis amassados. Vejo uma tirinha minúscula com uma mancha vermelha e a pego. É a mensagem de um biscoito da sorte.

VOCÊ SEMPRE ESTARÁ CERCADO DE BONS AMIGOS.

Nºs DE SORTE: 1, 23, 10, 34, 49, 35

– Ah, legal – falo.

– O que você pegou aí, Tretch? – Matt para o carrinho, e ele e Amy se voltam para mim.

– É de um biscoito da sorte – digo. Leio para eles em voz alta.

– *Ihhh-rááá* – Matt berra feito um caubói. – Essa sorte é das boas!

Seguimos atravessando o Jim Cho, a música natalina vagando pela porta aberta em uma corrente de conversa educada e vozes de crianças. Do lado de dentro do restaurante, tudo transmite um sentimento festivo, vermelho vivo. Parte disso é por causa da iluminação do restaurante, que geralmente é baixa, e das paredes de cor de ferrugem. Independente disso, todo mundo lá dentro parece alegre. Tanto os pais quanto os filhos pequenos, todos de bochechas rosadas e sorrindo. O Papai Noel está soltando sua tradicional risada, Jim Cho grita:

– Digam xis!

E as crianças respondem:

– Xiiiiiiiiis!

Não paramos por muito tempo ali, mas é o suficiente para que eu me sinta festivo outra vez.

“Relaxe, Tretch, esta noite está sendo boa.”

Acelero e acerto o passo com Matt, enquanto ele e Amy empurram o carrinho pelo restante da calçada; a Lanchonete da Mabel fica na

esquina, pouca coisa à frente.

Amy pega sua chave de serviço e abre a porta da cozinha. Eu e Matt suspendemos o carrinho para passá-lo pela entrada. Matt dá um empurrãozinho nele e o encostamos ali.

– A Mabel falou que ela vai lavar isso amanhã – Amy avisa.

Vamos para fora, e ela tranca a porta de novo. Matt olha para mim e sorri.

– Que frio – ele fala e solta uma grande nuvem de fumaça pela boca. Amy vai para o lado dele e sopra uma nuvem também.

Assistir a essa cena poderia partir um pouco meu coração. Só que não vou deixar isso acontecer. Sopro uma neblinazinha na nuvem deles. Eles parecem não ligar ou sequer perceber.

Amy abre um sorriso.

– Vocês já estiveram alguma vez no telhado?

Essa é uma daquelas coisas legais do ensino médio que eu e Matt não fizemos ainda. Mas basta só uma subidinha de dois andares pela escada de incêndio, com Amy à frente.

Ali no topo, bem na beirada, olhamos para a rua não muito abaixo de nós. Estamos acima dos postes de luz, por isso não há risco de sermos vistos. As pessoas saem aos poucos do Jim Cho e o barulho vai morrendo, todos vão para casa dormir. O tribunal de justiça no fim da rua apagou suas luzes, mas a árvore de Natal brilha forte. Penso nos meus pais e em como esta noite acabou ficando divertida. A iluminação de Natal forma um tipo de nevoeiro no alto das lojas. É como se a Barrow Street estivesse logo abaixo do céu, e eu, Matt e Amy estivéssemos logo acima dele.

– Isto é incrível – Matt observa.

– Aham – Amy concorda. – Agora vocês podem entrar para a turma dos descolados.

– Com certeza – digo.

Ficamos ali e assistimos ao restaurante do Jim Cho fechar. As luzes de dentro se apagam, e conseguimos até ver o próprio Jim Cho ali sozinho, a última pessoa a deixar o lugar, caminhando lentamente pela rua até o seu carro.

– Onde será que o Papai Noel do Jim Cho dorme? – Matt indaga.

Amy faz um som de *sei lá* com a boca fechada, e ficamos ali esperando para ver se ele aparece. Nada diz que isso deve acontecer.

Minhas mãos estão geladas, então as enfio nos bolsos da minha calça, olhando ao mesmo tempo para os bolsos de Matt, imaginando como seria colocar minhas mãos neles, num momento irreal em que ele permitiria e até me incentivaria a fazer isso. Sem Amy Sinks por perto, só ele e eu, minhas mãos abertas, passando pela região da sua cintura, na frente das coxas, e por fim entre elas. "Uma punheta no telhado, pelo bolso da calça. Isso é mesmo possível?". Mas é o mais longe que me permito ir agora. Tiro as mãos do bolso e as junto, fazendo o possível para ignorar o formigamento na cabeça do meu semiduro, enquanto ele parece explorar os limites da minha cueca.

Por sorte (acho), os ombros de Matt e Amy estão se tocando, o que acaba com qualquer tesão. Eles se apoiam um no outro, com sorrisinhos de alegria. Posso ver que os dois estão sentindo isso.

– Que horas são? – eu pergunto.

Matt olha seu telefone.

– Onze e quinze – ele anuncia.

Amy diz:

– Hum. Então, rapazes, isto foi divertido.

Ela dá um empurrãozinho no ombro de Matt. Eles já agem como um casal.

– Hora de ir pra casa? – pergunto.

– É – Amy confirma. – O toque de recolher é às onze e meia.

– Beleza, então – Matt diz. – Melhor a gente ir um de cada vez.

Sou o primeiro a seguir para a beirada do prédio. Levanto minha perna e pouso na escada de incêndio. Começo a descê-la, mas me viro quando escuto Amy dizer "obrigada". Matt está segurando a mão dela. Eu vejo que a mão roça carinhosamente no ombro dele enquanto ela desce os degraus.

– Opa – Amy diz. – Cabelo.

Ele ri, acanhado. E seu sorriso é algo tão especial. Sussurro “eu te amo” enquanto eles descem, e nem sei ao certo se estou falando isso para o Matt ou se estou colocando as palavras na boca de Amy e falando aquilo por ela. Vejo a felicidade deles. Vejo a felicidade que eu tanto queria, e enquanto ele segura o braço dela, cochichando coisas que a fazem rir, penso “Amy Sinks, você o roubou de mim”, mesmo sabendo que não é verdade. Apesar de eu nunca ter nem tentado nada, ainda assim…

Talvez, na minha cabeça, eu achasse que aquilo um dia pudesse acontecer.

E é capaz de ainda, na minha cabeça, eu pensar que, de alguma forma, aquilo é possível.

“Então, me desculpem, Amy e Matt, se eu realmente não consigo torcer por vocês dois.”

Matt pula os últimos degraus e se vira para ela.

– Tcharan! – ele grita, como o mágico do momento.

“Mas saibam que eu vou tentar. Com certeza. Ah, se vou.”

– É melhor a gente correr! Vou chegar atrasada! – Amy salta da escada e começa a correr pelo beco.

– Vem, Tretch! – Matt me chama.

Descemos correndo pela Barrow Street deserta. E, outra vez, tenho a sensação de que alguém ligou um interruptor dentro de mim para me acender. Eu me pergunto se Matt e Amy descreveriam esta sensação assim também.

Matt fica com uma cara de doido e pula sobre um banco, puxando Amy junto a ele, e, em seguida, os dois me puxam para cima. Nós três oscilamos ali, tentando nos equilibrar e *rindo*. Estou rindo tanto que meus olhos até ardem. Quando enfim pulamos de volta para o chão, nos revezamos girando ao redor de postes de luz. “Esses são amigos”, penso. “Esses são meus amigos.” Perto do tribunal de justiça, escalamos a estátua de William Griggers.

– Boa *noite*, senhor Griggers! – Matt fala ao se balançar no ombro de pedra do monumento.

Nós três nos penduramos com um braço só e com uma perna para cima.

– *Feliz Natal!* – Matt grita. – *Feliz Natal, Warmouth!*

– *Feliz Natal, Warmouth!* – eu ecoo.

– *Feliz Natal, Warmouth!* – Amy fala também.

Então começamos a gritar qualquer coisa que vem à nossa mente.

– *Rá-rá! Cidadezinha caduca!*

– *Cidadezinha sonolenta!*

– *Acorda, Warmouth!*

– *Acorda, Warmouth!*

– *Acorda!*

Em algum lugar, um cão late.

– *Vai dormir, cachorrinho!*

Saltamos do William Griggers e corremos um pouco mais.

– Estou me sentindo incrível – Matt fala quando chegamos à esquina da Barrow Street. – Estou me sentindo tão, tão incrível.

A casa de Amy está só a um quarteirão de distância. Nós a acompanhamos até a caixa de correio. Estou prestes a dizer tchau quando ela se inclina e beija Matt. Não dura muito, mas definitivamente dura. Quando eles se afastam, estão ainda mais radiantes que antes.

Amy vem e me dá um abraço.

– Tchau, Tretch! – ela diz.

– Falou. – Dou um tapinha no seu ombro.

Ela olha para Matt uma última vez e sorri:

– Bom, é melhor eu ir. – E corre pela frente da garagem.

Ele continua observando enquanto ela desaparece lá dentro.

Ficamos ali do lado de fora até a luz da cozinha da casa de Amy se acender, depois se apagar, e por fim uma luz no andar de cima ficar acesa.

– O quarto dela – Matt diz com reverência. – Deve ser.

– É – falo. Tipo, é só um quarto, não tem nada demais.

Começamos a caminhar em direção à casa de Matt, andando rápido a passos largos, como se só agora tivéssemos nos dado

conta do frio que está fazendo.

“Agora somos só nós dois”, penso. Ah, se eu conseguisse fazer isso parecer *um mais um* em vez de *três menos um*.

nove

Matt está tirando a roupa em frente ao espelho do seu quarto e eu estou tentando não olhar.

– Fiquei tão contente que seus pais deixaram você passar a noite aqui – ele fala.

Um botão desabotoa. Um zíper se abre. A calça escorrega.

– Ah, é. Tudo graças à gemada das Senhoras Auxiliares, eu acho.

Sorrio ao ver a parede em frente à Matt. “Minha parede de segurança”, penso. “Não tem nada sugestivo aqui.” A não ser que se considere um velho pôster do filme *Duna*.

– Acho que a Amy nos acha legais, cara. Pode crer.

Mais tecido caindo. A cueca, tenho certeza. “Por que ele está fazendo isso comigo?”

– Você acha? – pergunto. – Nós dois?

– Ah, sim, cara! Com certeza. Se não fosse isso, por que ela ia nos chamar para a festa dela?

– Ela nos chamou para a festa dela?

– É, velho! A festa de Ano-Novo! Na Sinks Jovem em Forma… Ah, aliás, um segredinho… – Matt dá um passo para a frente com um leve crepitar no piso de madeira; é como a trilha sonora para a ereção que eu estou tendo. – A Amy é amiga da Lana Kramer, e ela disse que a Lana é *muito* a fim de você. *E mais:* a Amy falou que ela quer ir contigo na festa como se fosse, tipo, um encontro.

Viro meu rosto (reflexo, juro), e lá está ele, de pé (totalmente pelado, ah meu Deus, ah meu Deus), suas mãos presas na cintura com confiança, como se estivesse dizendo: “Olá, mundo! Eis aqui o meu pinto!”.

– Ahn, eu, ahn…

Meus olhos se fecham, e é como se eles estivessem se comunicando um com o outro; como numa conversa por telefone de lata na qual meu cérebro é o barbante.

O olho esquerdo: “É grande, estou certo?”.

O olho direito: “É, eu diria que sim”.

– Hum… – Aperto meu pulso com força contra minha testa, implorando por silêncio na minha cabeça. – Pra falar a verdade, eu saquei que ela estava meio a fim de mim, mas…

– Mas o quê? – Matt diz, dando outro passinho para a frente.

Meus olhos se abrem, levanto a cabeça. “Acima da cintura, Tretch, acima da cintura”. Mas abaixo da cintura é bom também.

– Eu só… Quer dizer, nem sabia que ela e a Amy eram amigas.

– Ué, claro que elas são! Por que não seriam? E, além do mais, você adora ler, e ela também. – Matt usa esse argumento como se isso encerrasse o caso.

– Bom, sendo assim – eu falo –, pode trazer a certidão de casamento.

Isso o atinge. Seus ombros nus desmoronam.

– Por que, Tretch? – ele pergunta. – Por que você não pode nem *tentar*?

– Ela não faz meu tipo, Matt.

– Então me diz qual que faz.

“Você!”

– Sei lá. – Encolho os ombros. – Ainda não sei.

– Como é que você não sabe isso? – Matt pergunta.

Ele se vira. Um leve balanço nas suas partes íntimas transmite ondas de choque direto para as minhas próprias partes.

Não consigo deixar de olhar para sua bunda enquanto ele entra no banheiro.

– Diz aí, você vai como par da *Amy*? – pergunto, em voz alta. Eu não posso segui-lo lá dentro. Não posso nem ficar de pé, não enquanto houver uma chance de ele voltar de repente para o quarto.

– Aham – ele grita. O jorro de água ganha vida de repente. – Pelo menos, é o que eu espero! – Ouço o som da cortina correndo na barra e de pés guinchando sobre o piso.

Agora que o Matt está no chuveiro, estou em segurança para me levantar. Eu me esgueiro pela porta e desço as escadas nas pontas dos pés. Ron e Landon já estavam dormindo quando eu e Matt

chegamos. Fiquei mal por isso. Eu estava muito a fim de falar com eles. Mas com certeza não quero acordá-los agora.

Acendo a luz da cozinha e dou uma olhada ao redor. Há uma bela mesa e balcões de granito. Há uma fileira de livros de culinária próxima a uma máquina de café toda sofisticada e a pintura de uma galinha na parede. Alguns armários de madeira impecavelmente brancos. Posso ver o bíceps de Matt flexionando ao se esticar para alcançar uma caneca ali.

– *Você quer alguma coisa para beber?* – ele pergunta. – *Estou morrendo de sede*.

– *É…* – digo. – *Morrendo de sede.*

Isso tudo, claro, é só minha imaginação.

Abro a geladeira e dou uma espiada ali dentro. Vejo ovos de casca marrom em um prato, iogurte orgânico, achocolatado orgânico, leite de amêndoas, algumas bebidas com cara de *smoothies* orgânicos, um cozido que parece ter sido tirado do freezer para descongelar, uns peitos de frango de frangos criados livres, algumas saladas prontas e molhos para salada. Fico pensando em como toda essa comida fina deve ter sido cara. Em uma gaveta há um pacote de massa de cookies. Imagino como alguns desses cairiam bem agora, talvez com um copo de leite de amêndoas.

– *Você gosta de leite de amêndoas?* – ele pergunta, erguendo a caixa.

– *Aham* – aceno com a cabeça. Ele enche dois copos e vira a caixa na boca. – *Ops!* – Salpicou um pouco de leite na sua camiseta.

– *Bom, você sabe meu lema. Sem camisa, sem problema, não é verdade?*

Quero parar de pensar nisso.

Quer dizer, não é que eu nunca tivesse visto Matt pelado antes. Eu já o vi se despindo no vestiário milhões de vezes, mas aquilo é diferente, bem diferente, na verdade. Estar sozinho com ele em um quarto – o quarto *dele* –, assistindo a ele arrancar sua roupa assim casualmente, conversando comigo, como se isso fosse parte da

nossa rotina, como se logo depois fôssemos escovar os dentes juntos, apagar as luzes e cair na cama.

Verdade: ainda estou bem excitado. Chego a pensar que nem a massa semicongelada de cookies é páreo para mim. Estou prestes a morder um naco dela quando reparo em uma porta ali do lado que deve dar para um banheiro. Vou até lá e entro, fechando a porta devagarinho.

Encontro o interruptor e o aperto. Não é um banheiro, afinal, mas uma lavanderia. Tem uma máquina de lavar roupa e uma secadora, uma em cima da outra; eu nunca tinha visto uma lavadora e uma secadora desse jeito antes. É um bom jeito de economizar espaço, se quiser minha opinião. Há também uma pequena tábua de passar roupa com algumas camisas de cores vivas jogadas sobre ela. Eu me ajoelho ao lado da tábua de passar.

– Vamos lá – digo. Desabotoo, abro o zíper da minha calça e a abaixo. – Vamos lá – digo outra vez. Fecho meus olhos. Uso a memória.

Começo a mandar ver ali na lavanderia de Matt, na casa dele. No início parece bem bizarro e meio excitante, mas depois acaba sendo igual às outras vezes que fiz isso e perco a noção de tudo. É como se eu estivesse em outro lugar. Meu peito está batendo. Meu corpo inteiro está batendo. Até na porta estão batendo.

Estão batendo na porta?

Meus olhos se abrem em um disparo.

– Tretch? – Matt está do outro lado. – Você está aí?

Meu cérebro explode. “Não! Não! Não! Não!”

Fico quieto. Então a porta começa a se abrir.

– Ahn! Espera, espera! – grito. “E agora?” – Aguenta aí só um segundo, Matt!

– Tretch, o que você está fazendo na lavanderia?

Eu me levanto rápido e, em um salto, vou parar ao lado da máquina de lavar. Olho fixamente para ela.

– Só estou dando uma olhada nos eletrodomésticos. – Tento parecer calmo. Minha calça ainda está nos joelhos. Eu a puxo de

uma vez. – Pode entrar – falo.

Matt empurra a porta.

– Ah – ele fala. – Você gostou da máquina de lavar?

– Muito – digo. Tomo cuidado para não me virar de frente para ele. – É bacana o jeito como elas estão empilhadas.

– Você está a fim de uns cookies? Eu vi que você tirou a massa da geladeira.

– Ah! É. Eu ia adorar uns… – pigarreio – … cookies.

– Maneiro. – Matt diz. – Eu também.

Ele sai ali da porta e eu me arrumo, fechando minha calça e tudo mais. “Será que ele não percebeu mesmo?” Não tenho certeza. Mas, pelo menos, ele não parece estranho.

Quando saio da lavanderia, Matt está de pé ao lado do fogão, quebrando alguns quadradinhos de massa e os colocando sobre uma forma retangular de metal. Ele está sem camisa, vestindo uma calça de pijama verde.

É quase como minha fantasia, só que não é.

– Se você quiser, o banho é de graça, viu? – ele fala. – Separei um pijama pra você.

– Valeu… Acho que vou lá… – digo para ele. – Volto já. – Subo correndo a escada.

Assim que tiro minha roupa, viro o registro do chuveiro para água fria e fico ali debaixo do jato gelado. Continuo aflito.

“Ele não percebeu”, eu penso. “Ele não percebeu.”

“Foi quase, mas ele não percebeu.”

Mais tarde, eu e Matt, os dois ainda de cabelo molhado e cheirando a sabonete, ficamos sentados na cama dele assistindo a um episódio de *The Office* no laptop do Landon.

– Eu não sei o que seria de mim se você não tivesse me falado sobre essa série – ele comenta.

Encolho os ombros:

– Um dia você vai saber como me recompensar.

Dormimos lado a lado com o laptop apoiado na ponta da cama. Em algum momento da noite, acordo e o vejo quase caindo. Eu me

sento, estendo a mão por cima de Matt e coloco o laptop com cuidado no chão. Meu braço passa sobre o seu peito nu – não consigo evitar. Penso em beijá-lo. Como se fosse a coisa mais natural do mundo.

Fico ali imaginando nós dois vivendo como os pais dele. Morando na nossa própria casa, dormindo na mesma cama, e não ligando para o que as pessoas pensam a respeito. Simplesmente apaixonados.

Acordo com a cara de Matt flutuando acima de mim, sorrindo.

– Hoooora de acordaaaar! – ele diz.

Cubro meus olhos.

– Uaaarrrh… Bom dia – gemo.

– Vamos, levanta. O Paps e o Paiê estão fazendo o café da manhã.

Descemos a escada cambaleantes, seguindo o aroma de café e bacon. O som é de coisas fritando e estalando, e de um leve gorgolejar. Ron está de pé ao lado da frigideira, cantarolando, e tufos do seu cabelo curto cobrem o topo das orelhas. Landon, de rabo de cavalo e barba, com seus óculos de armação quadrada, coloca os pratos na mesa.

– Ei, ei, rapazes – ele diz.

Ron se vira.

– Bom dia, meninos.

– Bom dia.

– Bom dia.

Olho de longe para a lavanderia com culpa.

– Matthew. – Ron aponta o garfo que está usando para virar o bacon em direção ao filho. – Nós ouvimos você chegando ontem. Por um triz antes da meia-noite, hein?

Matt baixa a cabeça.

– Sim – ele admite. – Mas é que a gente teve que acompanhar a Amy até a casa dela.

– Mm-hummmm. “Teve que”? – Ron pisca para mim. – Ouviu essa, Landon?

– Ouvi. – Ainda pondo a mesa, Landon levanta os olhos e sorri. – Diga, Tretch, sim ou não: Matt sente algo por essa Amy Sinks?

Lanço um olhar para Matt, e ele revira os olhos.

– Isso é um sim! – Ron diz. – Sabíamos. – Ele estende a mão espalmada para Landon bater.

– Eu imaginava mesmo que a gente iria reconhecer quando nosso garoto estivesse apaixonado. – Landon tira alguns guardanapos de um armário. – Na mosca – ele pisca para Matt –, a gente acertou.

– Chega, pessoal! Vamos parar de falar disso.

Ron dá um sorrisinho e vira o bacon.

– Como você quiser – ele diz. – Tretch, você bebe suco de laranja ou só café?

– Hum…

– Está pensando demais – Landon fala. – Ele quer os dois.

Landon entrega uma caneca para mim e outra para Matt. A minha tem um boneco de neve com a palavra VAGABUNDO, assim, toda em letras maiúsculas, embaixo do desenho. Não entendi. Cutuco Matt para olhar, mas ele dá de ombros. Landon coloca um copo de suco de laranja no meu lugar da mesa, e eu não consigo deixar de pensar que isso é muita gentileza. Ele se senta e abre um jornal. Ron põe na nossa frente um prato fumegante de bacon, forrado com papel toalha.

– É bacon de peru. Espero que você não ligue, Tretch.

– Ah, eu *adoro* bacon de peru, senhor Ron. – falo, embora eu nunca tenha provado.

No fim das contas, eu realmente gosto. Depois do primeiro pedaço, garfo mais três. Ficamos ali comendo e bebendo em silêncio por um tempo. É bacana, a luz do sol entra pelas janelas da cozinha, com as cortinas fininhas ainda fechadas, e se espalha pela mesa. O timer do fogão toca e Ron se levanta, voltando para a mesa com uma forma de pãezinhos quentes. Ele coloca um no seu prato, outro no de Landon e dois no de Matt e no meu.

– Valeu, Paiê – Matt diz.

– Obrigado, senhor Ron – falo.

– De nada, de nada. – Ron se senta sorrindo. – Então, Matt, eu e seu pai queremos *saber* mais sobre essa garota. Digo, como ela é? Você não pode nos deixar no escuro sobre…

– *Paiê!* – Os olhos de Matt se arregalam. – Só vou falar sobre isso quando eu tiver alguma coisa pra falar. – Matt olha para mim, e eu paro de mastigar. – Eu prometo. Mas, sério, não tem nada pra ser falado agora, certo, Tretch?

Engulo em seco.

– Bom…

– A-rá! – Ron se inclina para frente.

– Ah, então *tem* alguma coisa! – Landon exclama. – Tretch *claramente* acha isso.

– Tretch está do nosso lado! – Ron declara. – Eu *sabia* que gostava desse garoto.

Ele olha para Landon e faz um sinal de positivo para mim. Tudo isso é divertido, claro. Eu sei que eles estão agindo assim só para encher o Matt. É uma espécie de brincadeira, de papo descontraído, que espalha na cozinha um tipo de calor diferente daquele do café ou da frigideira.

Matt se volta para Ron.

– *Paiê*.

Depois para Landon.

– *Paps*. Eu não quero falar sobre isso. Sim, eu meio que tenho uma queda por essa garota, e, sim, acho que ela talvez goste de mim também, mas… – Ele abre os braços. – Eu não quero falar disso enquanto não estiver nada certo, tá? Tipo, não quero falar antes pra não dar azar.

– Bom, e o que você está esperando pra fazer isso acontecer, Matt?

– É, eu estou confuso.

Os pais de Matt estão dando goles da mesma caneca de café, uma em que está escrito SEGUNDA-FEIRA e tem um desenho, no estilo de cartum, de um esquilo com os olhos vermelhos de cansaço.

Matt bate com a mão na própria testa.

– Olha, não estou falando de *sexo*, se é isso que vocês estão pensando.

– Bom, você meio que fez parecer como se…

– Vocês que *fizeram* parecer!

Matt me encara. Encolho os ombros outra vez. Percebo que esta é uma daquelas refeições à mesa onde você pode acabar enrascado mesmo que fique de boca fechada.

– Tretch, me dá um apoio aqui.

Limpo a garganta, que parece um pouco irritada do suco de laranja e do café.

– Hum… Acho que o Matt não quer que ninguém saiba ainda, entende? Tipo, ele não quer agir como se isso fosse oficial enquanto não é.

– Dá pra entender – Landon admite.

Matt me dá uns tapinhas nas costas.

– Amigo de verdade – ele diz.

– Isso é que é um amigo de verdade – Ron ecoa.

– Amigo de verdade, realmente – Landon concorda com um pão na boca.

– Vocês dois estão bem esquisitos – Matt comenta. – Isso tudo é empolgação por causa da viagem?

– É claro! – Ron responde. Então ele olha para Landon e lhe passa um guardanapo. – Sua barba está cheia de farelos.

– Ops. – Landon dá umas batidinhas na barba com o dedo. Os farelos não saem. – Sim, acho que é empolgação mesmo. – Ele dá uma risadinha. – Você não está empolgado, Matt?

– Estou.

– Quando vocês vão? – pergunto.

– Amanhã.

– Amanhã? – Fico surpreso.

Não queria pensar neles partindo, mas não há o que fazer. Não podemos ficar todos aqui pelo resto das férias?

Com outro guardanapo, Ron limpa uma mancha de gordura da mesa.

– Sim. E, Matt, você precisa dar um jeito de deixar tudo pronto hoje à noite.

– Eu sei – Matt responde. Ele se vira para mim e revira os olhos outra vez. – Vamos amanhã cedo.

– Que droga – digo. Isso não é nem um décimo do que estou sentindo neste momento. – Não tinha me dado conta que seria assim tão rápido.

– Você vai morrer muito de tédio, né?

Nem consigo olhar nos olhos dele neste instante. Tenho medo do que ele pode ver.

– Nem me fala – digo, fitando a mesa. – Sem você e o Joe por perto, não tenho ideia do que…

– Filmes – Landon sugere. Ele me encara e sorri. – Assista a um *montão* de filmes.

Não tem como eu dizer para ele que este é o filme a que eu quero assistir, este é o filme em que eu quero estar, bem aqui nesta cena.

dez

Com o Joe e o Matt fora, estou *tão entediado*.

Passo bastante tempo pensando, em especial sobre o meu futuro.

Eu me pergunto se não seria uma boa ideia fugir daqui. Ou talvez devesse mesmo esperar até fazer 18 anos, tirar boas notas, entrar numa faculdade em outro Estado, tirar notas ainda melhores, e então me mudar para Los Angeles para escrever e dirigir uma *sitcom* ou algo do tipo.

Talvez uma *sitcom* sobre a minha vida. A respeito de um garoto crescendo em uma cidadezinha do interior, que se vê apaixonado pelo melhor amigo e, acredite, que se dá conta disso enquanto está *na igreja*. Eu me pergunto se isso passaria na tevê. Será que alguém vai querer saber de uma história assim? Ela seria triste, mas não além do necessário. Quer dizer, minha vida não é triste. Tenho uma vida boa, com algumas coisas tristes e difíceis espalhadas por ela.

A questão é que em uma séria de tevê há sempre alguma coisa acontecendo. E agora, sem Joe e Matt, não tem nada.

Quando não posso mais suportar isso, vou lá e fico um pouco com a Sinistra, a Gata do Azar. Acho que estamos tentando fazer as pazes. Um dia depois de o Matt partir, atravesso a rua até a casa dos Whip e sento ali com ela, passando a mão por seu pelo preto. Ela até ronrona quando faço isso, o que é bacana. Aí eu preciso abrir um pacotinho daquela comida molhada e gosmenta para dar a ela e quase vomito.

Saio pela porta da frente da casa dos Whip e reparo em algo engraçado. O carro do meu pai está ali no meio do dia. Será que ele veio almoçar em casa? Sei que minha mãe está em casa, por isso talvez ele tenha decidido comer conosco.

O céu está branco e faz parecer que vai nevar, embora nunca em Warmouth. Mantenho as mãos nos bolsos e os braços colados no corpo enquanto caminho pelo gramado em frente de casa.

Ao entrar, vejo um pão de fôrma sobre o balcão da cozinha.

– Pai? – eu chamo.

Ando pelo corredor até o quarto dos meus pais. A porta está fechada.

"O que *isso* significa? Meus pais não podem estar fazendo…"

– Ugh – digo, me preparando para dar meia-volta.

Então escuto a voz do meu pai. E paro.

Porque tem alguma coisa diferente no jeito que ele está falando. Ele está falando muito rápido, quase como se estivesse delirando. Fico no corredor, curioso. E me pergunto se tudo bem eu ficar ali e escutar escondido só um pouquinho. Quer dizer, se tem alguma coisa errada, quero saber.

Eu me esgueiro até a porta e encosto meu ouvido nela.

– … Eu não sei, Katy, ele deixou uma mensagem de voz. Foi tudo.

– Mas você não tentou ligar de volta? Talvez isso seja…

– Eu tentei, mas eles não atenderam.

Meu pai suspira, e não é aquele tipo tranquilo de suspiro. É um suspiro de preocupação, daqueles que você solta quando não consegue dizer o que está tentando dizer e sente toda aquela pressão ou algo represado no meio do seu peito. Aquilo sai dele como um rugido fraco.

– Cadê o Tretch? – ele pergunta.

– Dando comida pra Sinistra.

– Ah, tá bom.

– Acho que a gente não deve…

– Não, a gente não deve falar nada.

De repente, eu me sinto zonzo.

Quando eu estava no quinto ano, minha mãe veio como esse papo de "coisas de adulto". Ela tinha acabado de me pegar lendo um livro antigo dela chamado *Pássaros feridos* e não ficou muito feliz com isso.

– Existem coisas de adulto, Tretch, e coisas de criança – ela explicou. – Se você quiser ler este livro quando for mais velho, não tem problema.

Neste instante, analisando, sei que estou do lado de fora de uma "coisa de adulto". E não tenho certeza se quero estar.

Paro de ouvir e volto pelo corredor até a sala de estar, onde me jogo debaixo da árvore de Natal. Eles vão me ver aqui; eles vão me ver, e então talvez imaginem que eu escutei a conversa. Aí quem sabe eles vão me falar sobre o assunto, se acharem que posso dar conta disso – seja lá o que *isso* for.

Bem abaixo do meu nariz há um enfeite que eu trouxe da Casa de Ópera de Samsanuk, logo depois de ter visto *O quebra-nozes* com a minha mãe. É uma Clara loira, de sapatilhas de balé, segurando o seu quebra-nozes. Eu a assopro de leve e a observo se mexer. Tem algo nela que me acalma.

Fecho meus olhos e adormeço, sonhando com uma árvore de Natal. Sonho que ela cresce sem parar, como a árvore de *O quebra-nozes*, e eu posso ouvir alguns guinchos de debaixo dela. Não faço ideia do que são, até eu começar a flutuar. Quando olho para baixo, vejo o que está causando aquele barulho.

Ratazanas.

Igual a *O quebra-nozes*. Igual ao Rei dos Ratos e todos os seus comparsas. Eles estão se amontando sobre os presentes e as coisas.

– *Argh!* – acordo gritando.

Minha cabeça bate nos galhos de baixo da árvore, e eu fico com a boca cheia de cerdas de pinheiro. Dois enfeites de vidro balançam e se soltam de seus ramos. Eles caem no chão e se quebram.

– Ah não! – grito, feito uma criança.

Eu me ergo e vou correndo até a cozinha pegar uma vassoura e uma pá. Um dos enfeites não tinha nada de especial, era só uma bola vermelha, não é uma grande perda, mas o outro me deixa chateado. Eu ainda consigo ler as letras no vidro quebrado.

Nossa família

Era um antigo enfeite com todos nós desenhados como bonequinhos palito: meu pai como bonequinho mais alto de calça; minha mãe, como o bonequinho de vestido; Joe, pequeno, e eu o

menor de todos. Não posso jogar isso fora, mesmo que esteja quebrado.

Subo com a pá pela escada até o meu quarto, tiro o cachecol da minha vó da gaveta da escrivaninha e despejo os cacos do enfeite ali.

Então me sento na cama e começo a chorar.

Não sei explicar. Não é só a sensação de estar em pedaços. É também de ser responsável. Só que mesmo isso não é motivo suficiente para eu estar assim. Talvez eu esteja ficando doente.

Quando eu era criança e estava, tipo, no terceiro ano, minha vó por parte de pai precisou me levar ao médico, porque eu estava doente. Nem lembro o que eu tinha. Só me lembro de estar me sentindo horrível e de não parar de chorar – e quando eu falo chorar é *chorar* mesmo, de soluçar –, e da minha vó estar sentada na sala de espera com o braço em volta de mim, passando a mão no meu ombro.

Eu me lembro de estar com o nariz escorrendo sobre minha camiseta, e de perguntar a ela, todo ranhento:

– Vó, você acha que eu sou corajoso?

Ela apenas fez que sim com a cabeça e segurou um lenço na frente do meu nariz.

– Acho sim. Você é muito corajoso, Tretch – ela disse. – Agora, assoe.

Eu não achava que era possível ser corajoso e chorar ao mesmo tempo.

Verdade: sempre fico meio emotivo quando estou doente. Isso sempre faz eu me sentir um banana.

Levanto e vou até o aparelho de som, onde um CD que o Joe queimou para mim antes de viajar está pronto para tocar. Ele lembrou de colocar aquela música da Ellie Goulding que eu gostei bastante… E, pelo último dia ou dois, tenho preparado uma nova coreografia no meu quarto. Decido aproveitar e dançar um pouco para espairecer. Talvez isso faça me sentir melhor.

O problema em coreografar essa música é a parte dos *ih-ih-ihs* do comecinho, porque eu quero fazer para eles algo diferente do que vou fazer para os outros *ih-ih-ihs* que vêm depois.

Por isso estou experimentando algumas coisas.

É realmente bem difícil chorar e suar ao mesmo tempo, por isso o truque é dançar. Depois de algumas séries, eu já estava bem suado. Meu rosto está todo molhado e vermelho quando o vejo no espelho. Resolvo fazer o que eu chamo de um intervalo *Dirty Dancing*. É quando eu vou até a sala assistir meu DVD do *Dirty Dancing*. Eu fiz uns quatro intervalos desses nos últimos dois dias.

– Tretch, *Dirty Dancing* de novo? – minha mãe pergunta ao passar pela sala.

Se eu estivesse me sentindo melhor, poderia perguntar a ela sobre a discussão que ouvi. Eu poderia perguntar se está tudo bem com meu pai. Ela já me contou que o trabalho anda pesado para ele, eu sei, mas ele pareceu… bem, ele pareceu *transtornado*. Eu já o tinha visto *preocupado* sobre como as coisas estavam indo na Farm & Handel, mas nunca *transtornado*.

Agora que não estou dançando, meu corpo está agindo estranho por conta própria.

– Mãe, não estou me sentindo muito bem – falo. – Acho que estou ficando doente.

– Xiii – ela diz. – O que você acha que você tem, Tretchito? – Ela vem e põe a mão na minha testa. – É melhor chamar o seu pai. Ele é melhor que eu pra dizer se é febre. *Richard!*…

– Oi?

Meu pai chega, e eu paro o *Dirty Dancing*. Minha mãe cobre minhas pernas com a colcha feita pela minha vó com diferentes retalhos, das mais variadas cores, formas e desenhos. Depois ela sai e coloca o CD de Natal da Dolly Parton e do Kenny Rogers para me animar.

– Vamos lá, Tretchito. – Meu pai coloca a mão na minha testa. Então, como não está conseguindo sentir direito, ele vira a cabeça e pressiona a bochecha contra o meu rosto. – É… É febre.

Também poderia ser da dança, mas não falo isso pra ele.

Minha mãe põe as mãos na cintura.

– Então é melhor você descansar, Tretch. Vou lá pegar um remédio pra você.

– Tá bom – eu digo para ela. Há sempre alguma coisa sobre saber estar doente que te deixa ainda pior. Por isso, me afundo no sofá e encosto minha cabeça no seu braço firme. – Aaaai – digo, mas de um jeito sarcástico, porque sei que isso seria bem engraçado de se ver. Olho para o meu pai, mas ele não está rindo. Ele está com um olhar ausente, coçando a barba por fazer no queixo. – Pai, está crescendo uma barba aí – comento.

– Ah… é mesmo – ele diz, soando um pouco constrangido por eu ter notado. – Acho que está na hora de trocar a lâmina do meu barbeador.

– Não, eu gosto! Lembra o pai do Matt, o senhor Landon. Ele tem uma barba bem cheia.

– É, aquele homem parece um hippie. – Meu pai toca o queixo outra vez. – Acho que eu não ia conseguir deixar daquele jeito. – Ele sorri para mim. – Quer que eu te faça uma sopa, Tretch?

– Não, estou bem.

– É como dizem: “Canela e caldo de galinha não fazem mal a ninguém”.

– Não, Richard! – minha mãe grita da cozinha. – Não é canela! “Cautela e caldo de galinha não fazem mal a ninguém”.

Meu pai olha para mim e encolhe os ombros:

– Ops.

Minha mãe surge com dois comprimidos de paracetamol na mão.

– Vamos lá, quero que você tome este remédio e vá descansar. – Ela me entrega uma caneca com água.

Ponho os comprimidos na boca e os engulo com a água. Então me levanto e subo a escada, sentindo cada degrau mais pesado que o anterior.

– Eu estou fraaaaaaco – reclamo. – Odeeeeio ficar doente.

Apoio as mãos no degrau acima de mim e arrasto meu corpo para cima, até finalmente chegar ao pedaço do carpete no topo da escada.

– Sem drama, Tretch – minha mãe diz na base da escada. – Vai pra cama.

– Uggghhh.

Rastejo pelo corredor até minha cama, aos trancos subo e deito nela, culpando Joe e Matt por terem me abandonado nas férias. Como se fosse a solidão que tivesse me deixado doente.

É um saco. Mas por fim consigo pegar no sono.

Mais tarde, quando acordo, estou tremendo e molhado de suor.

– Gelado, ge-gelado – gaguejo, rolando para fora das cobertas.

A Noite da Febre de Inverno.

Saio pelo corredor, com a sensação de estar grudento, e vou até o banheiro, pensando em como seria bom tomar uma ducha. “Que horas serão?”, me pergunto. No banheiro, tiro toda a minha roupa molhada. Minha camiseta sai pegajosa pela minha cabeça. Arranco a calça do pijama e a cueca, giro o registro do chuveiro e sento nu na privada, observando o vapor enevoar o espelho. Não faço ideia de quanto tempo se passou até eu entrar pela cortina e ficar debaixo do jato de água quente. No início eu tremo todo, mas acho gostoso estar ali parado. A todo momento, quando começo a me acostumar com o calor, subo um pouco mais a temperatura. Eu a mantenho assim, boa e quente. No final, acabo me sentando no chão, coisa que eu nunca tinha feito no banho antes, só que isso faz meus joelhos gelarem, então resolvo me levantar. Fico de pé, desajeitado, estendo a mão até o registro e me esforço para girá-lo. Percebo que estou vendo tudo como se fosse uma tela de tevê, e que os cantos estão desaparecendo, como um filme quando chega ao final, King Kong baleado, caindo do céu, e eu também estou caindo, só que no meu caso é mais ajoelhando que caindo, e também é mais rápido.

– *Pai*… – eu chamo. O ralo do chuveiro sobe até o meu rosto.

Desmaio.

Mas só por, tipo, um segundo, tenho quase certeza.

– Paaaaai! – grito. – Tenho quase certeza: eu acabei de desmaiar.

Fico de pé cambaleante e desligo a água. Então enrolo uma toalha no corpo. Em um segundo, meu pai está à porta.

– Tretch?

– Ei, pai.

– Você desmaiou?

– Sim, mas foi bem rápido.

O banheiro todo parece estar inclinado. Meu quadril bate no canto da pia, e estou com medo de a minha toalha cair.

– Aqui, Tretch. – Meu pai joga seu braço ao meu redor. – Apoie-se em mim.

– Richard? – minha mãe chama lá embaixo, no começo da escada. – Tá tudo bem aí?

– O Tretch está bem – meu pai diz. – Só um pouquinho desidratado. Pegue um pouco de água pra ele, por favor, Katy.

Meu pai me leva até o meu quarto, onde eu me sento na beira da cama. Minha mãe me traz um copo de água gelada. Bebo de uma vez.

– Ufa – digo depois de engolir tudo.

– Está melhor? – minha mãe pergunta.

– Estou – respondo.

– Fique aí. Quero que você beba um pouco mais. – Meu pai leva o copo de volta para a cozinha e o enche de novo.

Eles me fazem beber dois outros copos. Depois se asseguram de que estou bem na cama.

E o que eu sinto através da minha tontura febril é gratidão. Em momentos assim, eu acredito que o amor deles por mim é incondicional. Em momentos assim, eu quase me esqueço de ter medo.

onze

No dia seguinte, acordo e respiro de alívio. Estou me sentindo bizarramente (mas maravilhosamente) melhor. Percebo que minha febre baixou. Sei que amanhã é véspera de Natal e que Joe vai estar de volta amanhã cedo.

A viagem para a Fazenda Farm é daqui a um dia.

Neste momento, porém, preciso mesmo é sair da cama. Resolvo ir à Lanchonete da Mabel ver se Amy está trabalhando. Talvez ela tenha recebido notícias do Matt em Nova York. Será que ele, Landon e Ron já foram assistir a *Hedwig e o centímetro enfurecido*?

Coloco minha calça de veludo cotelê, que está um pouco larga na cintura, e a aperto bem com um cinto "vegano" que a minha mãe me deu de aniversário. Acho que fica bem, então decido vestir uma camisa bacana, uma azul-claro, de visual meio gelado, e uma jaqueta azul-marinho. Todo esse azul me faz lembrar o cachecol do senhor Thump. Abro a gaveta de cima da minha cômoda, pego-o e o enrolo no pescoço.

– Caramba, hein, Tretch – digo, me examinando no espelho.

Desço os degraus voando, e minha mãe põe a cabeça para fora da porta da cozinha.

– Está melhor, Tretchito? – ela pergunta.

– Sim, senhora.

– Que bom. Estava torcendo pra que fosse uma coisa rápida.

– É, eu também. – Olho para o relógio em cima do fogão. Já é quase meio-dia. – Acho que vou até o centro tomar um chocolate quente. Seria bom ver a Amy.

– Ela é uma gracinha.

Suspiro.

– É.

Minha mãe some cozinha adentro. Ouço uma batedeira ligada e sei que ela já está preparando alguma coisa para a Maratona do Banquete de Natal da Fazenda Farm. Seja lá o que ela estiver fazendo, está cheirando muito bem.

– Bom, divirta-se – ela grita. – Mas não demore pra voltar. Você ainda está em recuperação.

– É rapidinho – berro, já saindo pela porta de trás.

Pego meu atalho secreto para a Barrow Street pelo estacionamento do Antiquário Yarborough. Com o vento, o cachecol voa contra o meu ombro. Sinto que estou andando com uma energia que eu não possuía nos últimos dias. É bom estar fora de casa.

Com as pessoas indo às lojas, a Barrow Street está mais cheia do que nunca. Passo pela Livros e olho na vitrine. Tem uma fila em volta da seção de jovens adultos, sinal de que a promoção está indo bem. Não vejo Lana no balcão; em vez dela, tem um cara alto e magrelo de cabelo preto. Deve ser o primo, o que é dono da loja. A porta do Jim Cho se abre, e uma mãe com dois garotos sai de lá. Os dois meninos estão corados de alegria depois de conversarem com o Papai Noel, a mãe parece bem feliz também. Olhar para eles me faz lembrar de quando eu e Joe éramos pequenos e íamos ver o Papai Noel. Boas lembranças, exceto pela vez em que eu bati sem querer no queixo do Papai Noel e arranquei sua barba, e outra vez em que o Joe vomitou. Ele não me deixa contar essa história para ninguém, mas, quando falamos sobre isso, só nós dois, ele diz: “Fiquei tão empolgado que vomitei”. E é muito hilário mesmo.

As coisas parecem tranquilas na Mabel. Entro e me sento. Uma música calma de piano toca através do sistema de som, e eu não estou vendo a Amy. Na verdade, não vejo ninguém trabalhando, exceto pela própria Mabel, de pé ao lado do expositor de pães e bolos, conversando com uma mulher de meia-idade usando uma parca. Mabel está falando sobre um bolo de café recheado de frutas vermelhas.

– É um bolo todo natural e *orgânico* – ela anuncia –, feito por uma de nossas garçonetes.

Será que ela está falando da Amy? Eu não ficaria surpreso se descobrisse que, além de linda e talentosa dançarina, ela fosse também uma excelente confeiteira.

Porque, você sabe, isso seria muito justo.

Bem neste instante, a porta da cozinha se abre e sai uma garçonete. Não é a Amy, no entanto, desfilando com aquele seu jeito todo orgulhoso, efusivo e requebrante.

Não, em vez dela é a Lana Kramer, usando o avental rosa-choque da Lanchonete da Mabel e segurando outra travessa de bolo de café coberto por um papel-filme.

– Falando nela… – Mabel diz. – Eis aqui a nossa confeiteira!

Lana leva o bolo para um casal em uma mesa, bebericando café.

– Aqui está – ela fala. – São 12 dólares. Vou lá colocar na sua conta. – Ela levanta os olhos e me vê. Isso a deixa nervosa.

Eu me afundo na minha mesa. “Eu deveria ter trazido um livro”, penso, mas então reflito: “Espera aí, não! Aí a Lana ia querer falar comigo sobre ele”. Pego um exemplar de *A Boca* que está sobre uma cadeira na mesa ao meu lado. Seguro o jornal no alto, tentando me esconder. É então que vejo a notícia principal.

SUÍCIDIO DE ADOLESCENTE EM SAMSANUK:
BULLYING POR SUA ORIENTAÇÃO
SEXUAL FOI A CAUSA DA MORTE

Sinto uma coceira na garganta e tusso. “Na manhã de ontem, um adolescente de 15 anos…”. Movo meu dedo para cobrir a foto do garoto. Tarde demais. Eu a vi. O sorriso típico da foto escolar. Mas ainda não li o nome dele. Não quero saber. Estou com medo. Eu…

– Triste, né?

Lana está parada ao meu lado. Seu cabelo escuro preso em um rabo de cavalo. Ela está com os mesmos óculos cor-de-rosa de quando a vi outro dia trabalhando no caixa da Livros. Ela segura um bloquinho para anotar os pedidos.

Engulo em seco:

– É.

– Aguenta aí um segundo. Eu preciso levar esta conta pra eles. – Ela passa pelas mesas e entrega uma conta às pessoas ali.

Ao voltar, ela se senta como se eu a tivesse convidado para se juntar a mim.

– Quer que eu te traga alguma coisa? – ela pergunta.

Eu me sinto mal em dizer que sim agora que ela está ali sentada. Porque isso seria o mesmo que pedir a ela pra se levantar de novo, né?

– Ahn… – começo.

– Chocolate quente?

Encolho os ombros:

– Um chocolate quente ia cair bem.

Lana tira seus óculos.

– Tá bom. Deixa eu tentar fazer sinal para alguma garçonete vir aqui nos atender. – De gozação, ela agita a mão no ar, então baixa a cabeça e olha para o seu avental e faz graça: – Não acredito!

Eu abro um sorriso.

– Brincadeirinha – ela diz, colocando seus óculos de volta. Então se levanta e atravessa o restaurante, e, em um curto espaço de tempo, está de volta sentada à mesa com duas xícaras de chocolate quente. – Está mesmo na hora do meu intervalo – Lana explica. Ela leva sua xícara fumegante até a boca, dando um gole. – Hum…

Também tomo um gole do meu chocolate, mas não digo nada. Faço questão de olhar para minhas mãos e evitar contato visual. Se Lana pensar que estou agindo esquisito, tanto melhor. Talvez assim ela pare de gostar de mim.

– E aí, Tretch, como é que aqueles livros estão te tratando? – ela pergunta.

Levanto os olhos.

– Que livros?

Lana se recosta na sua cadeira.

– Aqueles que você pegou na loja outro dia, não lembra? *On the Road*, certo? E *Uma ilha de paz*?

– Ah, é – digo. Então murmuro culpado: – Sinceramente, eu ainda nem os peguei pra ler, Lana. Fiquei meio doente nos últimos dias.

– Pô. Que droga.

– Quando você começou a trabalhar aqui?

– Bom… Resumindo, meu primo me mandou embora da Livros.

– Quê? *Por quê?* – Estou chocado, e a intensidade da minha reação faz Lana sorrir.

– Talvez eu tenha pegado *emprestado* mercadorias demais sem pagar. – Ela vira a cabeça de lado e usa seu ombro para coçar o queixo. – Eu estava planejando devolver tudo. Ou até pagar por elas. Só que acabei esquecendo.

Fico pensando sobre aquilo. Eu tenho vontade de dizer: “Mas você pagou pelo livro que você me deu”. Eu a vi pagar por ele. Ela repôs até o centavo que eu devia.

– Hum, quantas mercadorias? – preciso perguntar.

– Meu primo disse que eram quase cinquenta livros sumidos do nosso inventário.

– Minha nossa, Lana. Você ia devolvê-los?

– Como eu falei, estava planejando devolver tudo *mais cedo ou mais tarde* – Lana sorri. – Ei, Tretch, por acaso a Amy, ahn… será que a Amy disse algo pra você sobre o baile dela de Ano-Novo?

“Ah não”, eu penso. “Lá vem”. Tusso em pânico, o chocolate quente queima o interior da minha garganta. Não importa se ela acha que eu gosto dela ou não. Ela vai me pedir de qualquer maneira.

– Aaahn… Quê? – Olho com cara de bobo.

Lana arregala os olhos e ergue as duas sobrancelhas.

– Ai, é que… – ela diz. – Tretch, eu queria te pedir…

Somos interrompidos pelo som de cadeiras se arrastando, quando o casal sentado à nossa frente se levanta. Os olhos de Lana voam como uma flecha.

– Ops! – ela diz. – Aguenta aí. Eu já volto.

Ela se levanta.

– Lana, espera – eu digo.

Ela espera. E pela sua cara, sei que ela está esperando uma boa notícia. Ou pelo menos torcendo por uma.

– Na verdade, vou levar isso pra viagem – digo. – Acabei de me lembrar… Eu tinha que encontrar minha mãe, tipo, cinco minutos

atrás. – Puxo minha carteira do bolso e saco uma nota de cinco dólares. – Desculpe ter que vazar assim tão rápido.

Eu me levanto ligeiro do meu lugar.

– Ah – ela diz. – Mas, Tretch, eu ia…

Congelo. Embora eu esteja morrendo de medo do que está por vir, sei que não posso simplesmente sair correndo. Não enquanto ela está no meio de uma frase.

– Eu ia… – Ela engole em seco. Para. Olha para mim. – Ah, deixa pra lá. A gente se fala.

– Beleza. A gente se fala, Lana.

Antes que ela mude de ideia, já estou do lado de fora.

doze

Imagino que me safei. Só que nesta noite, Lana liga para casa. Minha mãe atende, e fico radiante quando ela grita:

– Tretch! Telefone pra você!

Fico radiante porque tenho certeza de que, finalmente, é o Matt. Mas, quando olho para ela e pergunto só mexendo os lábios "Matt?", enquanto pego o aparelho de suas mãos, ela sacode a cabeça em negativa.

– Alô? – falo.

– Tretch?

– Ah, ahn…

– *Oi!* É a Lana Kramer.

– Ah, ahn, ei, Lana.

– *Ei*. Então, eu não consegui terminar aquela conversa com você, mas… – Fecho meus olhos e ranjo meus dentes. – … você lembra que a gente estava falando da festa da Amy, né?

– Lembro. – Suspiro, afastando minha boca do telefone.

– Tá, então, você está a fim de ir comigo? Quer dizer, eu nem tinha me ligado que ia ser essa coisa de par, sabe?, mas pelo jeito as pessoas estão…

– Tá bom – falo, porque não consigo pensar em outra coisa para dizer.

– Pelo jeito as pessoas estão perguntando, o que eu achei estranho e, você sabe, eu nem realmente planejei…

– Tá bom.

– Ahn? O que você disse, Tretch?

Aperto o telefone contra a minha têmpora:

– Eu disse "tá bom", Lana. Eu vou como seu par.

– Blergh. Esta palavra *par* é bizarra, né?

Tenho vontade de bater minha cabeça contra a parede.

– Sim, é meio estranha.

– Mas, infelizmente, que outra palavra podemos usar?

– Não faço a mínima.

– Aaai! Tretch, estou tão empolgada.

– Eu também, Lana – digo, e então algo acontece: um clique.

"Será que ela simplesmente desligou?"

– Tretch? Você está aí.

– Estou! – respondo. Então baixo o tom. – Sim, estou aqui. Achei que você tinha desligado, Lana.

– Ah, eu também achei que você tinha… – Então ela se interrompe – Ai, *meu Deus*! – Tenho quase certeza que a ouço levar a mão ao rosto. – Acho que era a minha *mãe*.

Eu bufo:

– Quê?

– Afe. Minha *mãe*, Tretch. Ela está meio paranoica com essa história…

– Que história?

– Essa história de eu sair com alguém. Meu *Deus*.

– Por que ela está paranoica?

– Ela só, *aaai*. Deixa pra lá. Eu não quero falar disso. – Agora é a vez de Lana suspirar. – Ela só quer que eu…

Fico quieto. Não sei se ela está querendo que eu pergunte ou fale algo.

– … deixa pra lá.

– Tá bom, Lana. – Não insisto.

– Olha, não vejo a hora de ir dançar. Obrigada mesmo!

Isso é meio triste. O fato de ela achar que precisa me agradecer.

– Ah, ahn, *eu* que agradeço, Lana – respondo.

– Bom, a gente se fala, Tretch.

– Ah, tá bom. Tchau.

Ela desliga. Ouço um clique, depois o sinal de linha. Vou precisar de um tempo para processar tudo o que acabou de acontecer. Coloco o telefone no gancho e entro na sala. Meus pais estão ali, sentados no sofá.

A tevê não está ligada nem nada. É uma emboscada, eu sei.

– Quem era, Tretchito? – minha mãe pergunta. Pelo sorriso dela, dá pra ver que ela faz ideia.

– Ah – eu digo, parando na base da escada –, era só a Lana.

Meu pai coça o queixo:

– Essa não é aquela garota que trabalha na livraria e que você não suporta?

Nisso, minha mãe dá um tapa na coxa dele.

– Não, seu bobo – ela diz. – Quer dizer, sim, essa é a pessoa. Mas ela é a garota com quem o Tretch teve um encontro uns dias atrás.

– Um encontro duplo – corrijo, para evitar que minha mãe se empolgue demais. Enfio as mãos nos bolsos. – Mas, é, quer dizer, ela é bem legal. – Acho um fiapo e o puxo. – Ela, ahn, me pediu pra ir com ela no baile de Ano-Novo da Amy Sinks…

Minha mãe fica elétrica.

– Ai, Tretch, que *maravilha*! – Ela derruba o controle remoto no chão. – Isso é *bacana*, não é?

– É… – digo, fazendo o melhor que posso para soar animado. – É, ahn, muito bacana. – Acaba não soando convincente. Na realidade, eu não quero que eles se empolguem com essa história, porque isso me deixa ainda mais preocupado com a verdade, que é o oposto disso.

Meu pai ergue os polegares, fazendo o clássico sinal de aprovação.

– Muito bem, Tretch – ele fala.

– É, bom…

– Está virando um verdadeiro pegador de mulheres, hein?

"Não", eu penso. "Pare. Você não sabe o que está fazendo."

– Ah, ahn… – Eu sacudo a cabeça em sinal negativo. – Não sei. – Viro as costas para eles e começo a subir a escada.

– Depois nos diga quando você tiver mais detalhes! – minha mãe grita. – Vou ficar feliz em levar vocês!

Berro de volta:

– Valeu, mãe!

Fecho a porta do meu quarto e me jogo na cama. "Não esquenta com isso, não esquenta com isso, não esquenta com isso", penso. "Por que os pais são tão estranhos?"

Coloco um travesseiro em cima da minha cabeça e respiro.

Na manhã seguinte, Joe volta para casa, e meus pais entram para valer no clima frenético de véspera de Natal.

– Tretch, preciso que você coloque os presentes da vó e do vô no carro… Você pode fazer isso pra mim? – Minha mãe está vestindo uma blusa de moletom azul com a estampa de um boneco de neve e brincos em forma de presentes. – *Ah*, e agradeço se você puder pegar aquelas duas travessas da geladeira.

Meu pai está vestindo seu casaco de caça, mas com a gola fechada até o pescoço para que não vejam sua alergia.

– Tretch, você ainda não se vestiu? O que está esperando?

Joe está sentado à mesa com os olhos caídos por ter pegado o voo de cedinho; suas mãos agarram uma xícara de café.

– Ei, Joe – falo.

– Ei, Tretch.

– Cansado?

– Ô.

– Como foi em Dallas?

– Foi tudo bem – ele diz, com a cabeça pendendo de sono. – Tem um presente pra você. Aqui. Como não está embaixo da árvore, acho que você tem permissão pra abrir agora.

É um presente retangular, embrulhado em um papel vermelho vivo e polvilhado por algumas cerdas velhas de árvore. Vovó e vovô sempre dão os presentes mais legais de todos; no geral coisas que eles trazem das viagens ao exterior.

Rasgo o papel e o jogo feroz para o lado.

"Quê? Mas que…?"

É um DVD de *O calhambeque mágico*.

– Muito gentil – resmungo. – Ainda que definitivamente decepcionante.

– O que é? – Joe pergunta com o rosto apoiado na mão. Ele parece tão sonolento que acho que é capaz de cair da cadeira.

– Um DVD de *O calhambeque mágico*.

– *Aun*… Você adorava esse filme.

– Está me zoando? Eu morria de medo dele. Aquele sequestrador de crianças? E, além disso, quantos anos eles acham que eu tenho?

Meu pai entra e pega as travessas da geladeira – aquilo que a minha mãe me pediu para fazer. Ele parece irritado e está começando a deixar isso claro.

– É melhor você se mexer, Tretchito. A gente tem que ir. – Ele cruza a cozinha em direção à porta da frente, aberta.

– Fico pronto em dois segundos – falo.

Subo correndo a escada para escovar meus dentes e colocar um jeans. Para ser sincero, isso acaba me tomando uns *cinquenta* segundos até ficar pronto. Ainda assim, é bem rápido, eu acho.

Na saída da garagem, me espremo no banco de trás do Accord ao lado de Joe. E então lembro:

– *Ah*, o meu CD player!

– Ah, para! – meu pai diz. – Você não precisa de…

Só que já estou de pé e fora do carro, correndo de volta para casa.

– Tretch, a porta está *trancada*! – minha mãe grita da janela.

Giro e a encaro. “Eu preciso do meu CD player.” Meu pai desliga o carro e tira a chave do contato. Minha mãe atira o chaveiro para mim da janela do passageiro.

Estou com a corda toda hoje. Sei que estou dando nos nervos deles. Mas tudo bem. Eles sabem que eu vou enlouquecer se tiver que viajar até a Fazenda Farm sem música.

O CD player está no balcão da cozinha, onde eu havia deixado na noite anterior. Eu o agarro e tranco a porta em um tempo recorde.

– Tudo *certo* – digo, sentando outra vez no meu lugar ao lado de Joe.

Ele já está pescando, batendo o rosto contra a janela. Sua cabeça se reergue quando meu pai dá partida no carro, então despenca outra vez. Coloco meus fones e dou play.

– *Ih, ih, ih, ih-ih, ih*…

Perco a conta de quantas vezes toco a música durante a viagem. Em certo momento, dou um pause para fazer uma pergunta à minha

mãe:

– Se eu quiser mandar um cartão de Natal para o Matt, em quanto tempo ele chega em Nova York?

Ela está no meio de uma frase, falando algo com meu pai, mas ela para e se vira para me responder.

– Já é véspera de Natal, Tretch. Está tarde pra isso.

Concordo com a cabeça. A verdade é que eu não estou ligando muito se o cartão vai chegar para o Matt antes do Natal. Só importa que chegue. Assim ele vai saber que estou pensando nele, sem saber que estou pensando *tanto assim*.

Dou play outra vez. Quando vejo que minha mãe está dizendo algo, pauso o CD de novo.

– Hã? – faço. Então me dou conta que ela não está falando comigo.

– Richard, talvez nem seja tão ruim assim. A gente tem que esperar pra ver.

Meu pai assente:

– Então por que manter segredo?

Engulo em seco.

"Do que eles estão falando?" Olho para Joe. "Com certeza, eles não falaram nada para o Joe sobre…"

– Deixei outra mensagem na secretária deles – meu pai fala. – Mas eles ainda não ligaram de volta.

Sinto um certo alívio. Então eles não estão falando de mim. Nesse caso, porém, de quem seria?

Começo a devanear, pensando que meus pais são parte de um grupo secreto de espiões, um tipo de agência clandestina. Ou como os X-Men, mutantes. E assim eu e Joe também somos mutantes.

Nós apenas não descobrimos nossos poderes ainda.

Estacionamos debaixo de um velho pinheiro próximo à entrada de carros, e eu não paro. Voo do carro, passando pela garagem onde o velho Ford do vovô está parado até a porta da frente. O cheiro do café me atinge, e eu bato meus pés no capacho de boas-vindas

natalino, o mesmo velho capacho que a minha vó bota todo ano: BOAS FESTAS!

Tiro meus tênis e os jogo na despensa ao lado da entrada. Então, de meias, deslizo pela cozinha.

Minha vó está à mesa, embaralhando um jogo de cartas. Uma xícara fumegante de café repousa à direita de suas mãos ligeiras, e sua peruca se encontra um pouco torta sobre sua cabeça.

– Ei, oláááá! – digo, cruzando do carpete até o ladrilho da cozinha.

Falo tudo como se estivesse acompanhado pelo rufar de tambores, o que é um sintoma da minha empolgação.

– Vóóó, como éééé que você táááá?

A cabeça dela se move bruscamente, e a peruca desliza, se afastando um pouco mais da sua testa. Seus olhos se arregalam, como se eu a tivesse assustado.

– Olha quem está aí! – ela exclama.

– Feliz Natal! – digo, envolvendo meus braços ao redor dos seus ombros e bafejando o aroma de armário antigo da blusa vermelha de moletom que ela está usando e, por baixo dela, o cheiro de uma marca velha de sabonete que ela e meu vô sempre usaram. Ela me dá um dos abraços de urso típicos da Fazenda Farm, sua bochecha pressiona contra a minha, e eu a sinto enrugada e macia.

– Como estão as coisas? – pergunto.

– Indo bem. – Ela acena em sinal positivo, com sua peruca deslizando um tiquinho para a frente. – Praticamente na mesma. – Ela aperta as minhas mãos, nossa saudação costumeira.

Minha mãe, meu pai e Joe entram na cozinha, carregando travessas e presentes. Imagino que meu pai vai dizer alguma coisa, algo sobre eu não estar dando uma mão (“Belo jeito de ajudar, Tretch” ou algo do tipo; meio que uma brincadeira com fundo de verdade), mas ele não fala nada. Bota no chão o pacote que leva nos braços e atravessa direto até minha vó, puxando-a pra perto de si.

– Ei, mãe – ele cumprimenta.

– Olha só, olá, Richard – ela responde.

– Cadê o pai?

– Ele está lá nos fundos, cuidando do fogo.

Minha mãe coloca a mão sobre o meu braço.

– Ei, querido, você pode ir até o carro buscar as duas últimas travessas? Joe, acho que é melhor você ir tirar uma soneca…

Joe boceja:

– Oi, vó. Tudo bom?

– Vem aqui me dar um abraço. – Minha vó dá uma longa medida em Joe. – Você tomou o voo de manhãzinha, rapaz? – Ela estende suas mãos e Joe coloca as dele por cima.

– Sim, senhora.

– Bom, então é melhor você ir lá descansar. A gente tem comida demais pra você não estar por perto.

Ao ouvir isso, Joe sorri.

– Vou recarregar as energias – ele promete.

Ele alcança a caneca de café da minha vó e reparo em um post-it embaixo dela, grudado na mesa. O post-it salta da madeira como se fosse um desenho em 3-D. Reconheço a letra da minha vó, duas palavras rabiscadas. Estico meu pescoço para ler…

– Tretch, vá lá agora pegar aquelas travessas, por favor.

Levanto os olhos. As sobrancelhas da minha mãe estão arqueadas.

– *Tá bom* – digo.

Eu me viro para sair, sem conseguir afastar a sensação de que tem alguma coisa errada. Por que meu pai está abraçando minha vó daquele jeito? Por que meu vô está escondido? Por que estou sentindo que eles todos estão escondendo algo de mim?

Do lado de fora, os dois pratos restantes estão empilhados sobre o carro. Eu os tiro para baixo, os equilibro e os carrego até a cozinha. Quando chego ali, todo mundo sumiu. A caneca de café da minha vó continua lá, a fumaça subindo; as cartas do seu baralho estão ali, empilhadas ao acaso; e o post-it também está lá. Dessa vez, o pego e o leio.

Mieloma múltiplo.

– Mas que diabos… – olho em volta, para ter certeza de que estou sozinho – … é isso?

Grudo o post-it de volta no tampo da mesa e vou até a janela. Lá fora, minha vó, minha mãe e meu pai estão de um lado da fogueira que meu vô montou. Meu vô está de pé do outro lado. Entre eles, queima um fogo lento, sob o qual tremulam pedaços de jornal e páginas coloridas com cupons de desconto.

Às vezes minha mãe diz que meu vô tem um "temperamento artístico"; não sei bem o que isso quer dizer. Para mim, neste momento, ele parece apenas bravo – talvez não *bravo*, mas com certeza irritado. Ele agita seu braço como se dissesse "já chega!" e vira as costas para os outros. Então, com as mãos enfiadas nos bolsos e o rosto apontando para o chão, ele se arrasta até sua oficina no fundo do quintal.

Minha mãe agarra o cotovelo de minha vó, e meu pai sacode a cabeça em negativa. "Qual é o problema?", pergunto. Vejo os ombros do meu pai erguerem e caírem, com se ele estivesse ofegando. Ele se afasta da minha mãe e da minha vó e olha em direção ao bosque.

Não sei o que pensar, exceto que todo esse fuzuê tem a ver com o que estava escrito naquele post-it. Não-sei-o-quê *múltiplo*. Tenho que pedir ao Joe para pesquisar isso no seu iPhone logo depois que ele acordar.

Eu me afasto da janela e me sento à mesa, memorizando as palavras no post-it. "Mieloma múltiplo, mieloma múltiplo, mieloma múltiplo." Repito várias vezes, até ter certeza de que não vou esquecer mais. Então saio pela porta de trás, atravessando a varanda dos fundos e passando pelos meus pais e pela minha vó.

– Aonde você vai, Tretch? – minha mãe pergunta.

Começo a correr:

– *Ah*, só vou lá dar oi para o vô! – grito por cima do ombro.

A grama seca é triturada sob meus pés. Há uma luz acesa dentro da oficina. Posso vê-la pela janela, fazendo sombra no velho trator

estacionado ali dentro. Meu vô finalmente o aposentou, depois de tantos verões fazendo consertos nele.

Entro pela porta da oficina. Meu vô está ali curvado sobre sua bancada de trabalho em seu macacão azul. Ele está limpando a superfície com um lenço gorduroso.

– Ei, vô! – digo.

Ele dá um pulo, e seu ombro e pescoço estalam. Ele se vira.

– Eta, *ooooi*, Júnior Júnior – ele diz.

– Desculpa ter te assustado, vô.

– Tá tudo bem. – Ele acena. – Que é que ocê tá fazendo?

– Ah, nada, vô. Só vim aqui pra te ver.

– A vó te contou a novidade?

Engulo em seco. Lá vem.

– N-n-não – gaguejo. "M-m-mieloma…"

– Mary vai ter um bebê.

Sinto como se um balão tivesse sido desamarrado dentro de mim e soltasse seu ar aos poucos.

– *Aaahhh* – digo.

Mary, a vaca, é o ser mais doce e gentil entre os animais da Fazenda Farm, e a novidade é que ela vai ter um bezerrinho, embora essa não seja bem *a tal* novidade.

– Tá pra acontecer a qualquer hora – meu vô grunhe. – Ocê devia ir lá dar uma olhadinha nela. Se quiser, pega a camionete e dá um pulo lá… – Ele se vira e dá outra lustrada na bancada.

Limpo a garganta:

– Você está animado para o Natal, vô?

– Ô se tô – ele responde sem se virar. – E ocê?

– Também. Acho que já está quase na hora de começar o Banquete do Espaguete ao Forno.

– Hum… que beleza.

Ele estica o braço embaixo da bancada e pega uma larga chapa de metal, que coloca sobre a superfície plana da bancada. O metal brinca com a penumbra projetando uma minúscula explosão de luz. Ela reflete o queixo do meu vô, seus ombros.

– No que você está trabalhando, vô? – pergunto.

– Tô pra fazer um trabalhinho com ferro, Júnior – ele responde, alcançando sua máscara de solda. – Vai ser o maior barulhão. Que tal ocê ir lá dar uma olhadinha na Mary pra mim? Pega o Joe e ocês dois… – ele empurra a máscara para baixo, cobrindo seu rosto – … podem ir lá. Vão lá dar uma olhadinha nela.

– Tá bom, vô – concordo. – Parece bacana.

Mary está lá de pé ruminando. Ela mastiga com ritmo, como se estivesse de olho no tempo, acertando o passo como um ruminante olímpico. Sua barriga não me parece tão maior – por ser uma vaca, ela já é naturalmente corpulenta. Mas suas tetas estão sem dúvida cheias, e isso é um sinal claro de que ela está prenha.

Ela solta um arroto, desandando o seu ritmo perfeito de mastigação.

– Nossa, Tretch, obrigado por ter me acordado pra isso – Joe provoca.

Sei que ele fala mais por brincadeira, mas dá pra ver que ele ainda está exausto. Ele até chega a pescar algumas vezes no caminho do bosque para o pasto. Estou sentado no lado do motorista com a porta aberta e o pé balançando para fora. A porta do Joe também está aberta. A camionete está apitando para nos avisar.

Tlim.

Múltiplas…

Tlim. Tlim.

Múltiplas portas abertas…

Tlim.

Múltiplas portas abertas no veículo.

Tlim.

Múltiplas…

Bato a porta e fecho minha jaqueta. Então piso no freio e viro a chave. A camionete engasga um pouco (normal) até finalmente pegar. Coloco devagar na marcha de movimento e piso de levinho no acelerador.

– Bom, para mim a Mary parece bem – comento. Joe fecha a porta dele e inclina a cabeça no encosto do banco, suas pálpebras tremulam se fechando. – Ah, você está com seu telefone aí, Joe?

– Por quê?

– Porque eu preciso que você pesquise uma coisa para mim.

– O quê? – Ele abre um olho.

– Procure “mieloma múltiplo” e me diga o que é.

– Hum. – Ele saca o iPhone na sua capinha azul do bolso. – Pra que você precisa saber? – Ele clica na tela algumas vezes.

– Eu vi isso escrito em um post-it na cozinha da vó.

Joe clica algumas vezes mais.

– Ahn. Tretch…

Ele ergue os olhos, e eu sei, eu me dou conta de que *já* sabia. “Você não é burro”, lembro a mim mesmo. “Desejar uma coisa contrária ao seu bom senso não é burrice.”

Uma vibração na minha cabeça pulsa ritmada.

Joe lê em voz alta o que apareceu na sua tela.

Mas a única palavra que eu realmente escuto é *câncer*.

treze

À tarde, durante todo o Banquete do Espaguete ao Forno, me sinto enjoado. Pelo visto, também não estou falando muito, pois minha mãe não para de me perguntar.

– Tá tudo bem, Tretch?

Faço que sim com a cabeça e me pergunto por que ela está perguntando especificamente para mim. Não sou o único em silêncio na mesa. Na maior parte do tempo, ninguém está falando. Todos só meio que estão comendo e nada mais.

Começo a examinar demoradamente o meu espaguete e penso em *Where the Red Fern Grows*. Li esse livro faz muitos anos. Nele tem uma cena em que um garoto tropeça, cai sobre um machado e morre; outro menino vê isso acontecer e depois tem que ir pra casa, onde sua mãe está preparando um espaguete. Ele dá uma olhada naquela massa vermelha e pegajosa e começa a pensar em todo aquele sangue e tal…

É bem nessa hora que percebo que vou vomitar.

Minha mãe e minha vó estão limpando a mesa, meu pai está ajudando meu vô a se levantar da cadeira, o puxando pela dobra do braço, e Joe está fazendo tudo o que pode para não dormir e cair de cara nos restos do seu prato. Empurro a cadeira para trás e saio andando o mais suave possível até o banheiro de hóspedes no final do corredor. Eu abro a torneira da pia. No espelho, vejo minha testa vermelha, gotas de suor nela, os olhos avermelhados. Está acontecendo.

Ajoelho no chão em frente à privada e ponho tudo para fora. Em seguida, olho para ver como está dentro do vaso e vomito de novo.

Depois de vomitar duas vezes, limpo as lágrimas dos meus olhos e começo a me levantar devagar. Jogo uma água fria no rosto e, no armarinho, procuro uma escova e uma pasta de dente.

Não encontro pasta, mas há um bicarbonato de sódio; e a única escova de dente que encontro parece ter uns quarenta anos, mas eu a uso mesmo assim com o bicarbonato.

Quando saio do banheiro, meus dentes parecem cobertos por cera. Faço o caminho de volta pelo corredor até a cozinha, onde minha vó está lavando a louça. Eu não sei onde minha mãe está. Normalmente ela faz companhia à minha vó. Joe também sumiu, deve ter ido dormir de novo.

– Ei, vó – digo.

Eu me aproximo dela por um momento, mas a visão da travessa de espaguete na pia – pedaços gosmentos de massa e nacos de molho agora encharcados com água e sabão – me faz passar mal de novo.

– Tá tudo bem, Júnior Júnior? – ela pergunta.

Sento à mesa.

– Tudo – respondo.

E então, do nada, começo a chorar.

Choro muito, eu sei. Mas às vezes isso faz me sentir bem, mesmo quando eu não sei o porquê de estar chorando. Às vezes parece que é a única coisa a se fazer. E eu nunca fui bom em segurar. Agora estou tentando não fazer barulho, mas, depois de uma fungada, minha vó se vira para mim.

Seus olhos intensamente verdes se inundam de pânico.

– Ah, *Tretch*, ah, querido. – O prato que ela está lavando escorrega de suas mãos e mergulha na água ensaboada. Ela se senta ao meu lado e agarra minha mão. – O que foi, Tretch, querido? Qual o problema?

– Vó – agora estou soluçando –, ele voltou?

– Quem voltou?

– O seu… – Quase engasgo com a palavra. – C-c-câncer.

– Ah, minha nossa, Tretch.

Ela me puxa pelo ombro para perto de si. Sinto uns pelinhos do seu queixo na minha nuca.

Faz quase dois anos que os médicos disseram que ela estava livre da doença.

– Não, Tretch – ela sussurra atrás da minha orelha. – Não voltou. Ele não voltou.

Quê? Ergo a cabeça e olhos em seus olhos, tudo está turvo através das minhas lágrimas. Sorrio.

– Que bom – digo. Um pouco de catarro fica preso na minha garganta quando tento rir.

"Mas então qual é o problema? E o que é o mieloma…?"

Ouço o som de passos no ladrilho atrás de mim e me viro. Minha mãe está de pé com as mãos na boca.

– Tretch – ela diz. A expressão de seu rosto é suave, porém séria. – Tretch, por que você não vem comigo até a sala da árvore de Natal? Eu não tive a chance ainda de brincar com o trenzinho.

Olho de novo para a minha vó. Agora que meus olhos estão secando posso ver a umidade nos dela.

– É, Tretch, que tal você ir lá brincar com o trenzinho?

Ela me dá uns tapinhas nas costas, e eu me levanto. Sinto como se tivesse seis anos de idade.

– Volto depois para ajudar com a louça – digo a ela.

Minha vó sorri. Então me viro e caminho ao lado da minha mãe pelo corredor. Ela não abre a boca até chegarmos à porta da sala da árvore de Natal.

– Se alguém um dia me perguntar quanto seus avós gostam do Natal, vou dizer: "Bom, eles têm uma sala na casa só pra isso que fica decorada o ano todo. Será que é sinal de alguma coisa?".

A sala está escura agora, exceto pelas luzes da árvore. Quando minha mãe liga o interruptor, contudo o espaço inteiro se enche de cores e vida. O trenzinho de ferro ronca, cercando a árvore e os presentes debaixo dela.

Tudo é brilhante. Tudo é festivo.

Três Papais Noeis de plástico se enfileiram no lado mais afastado da sala. Eles têm cerca de 1,20 metro de altura e usam roupas de cores diferentes: um com o traje vermelho e branco (Papai Noel Clássico), outro com roupa azul e borda dourada (Papai Noel Anjo) e o último com uma longa capa verde e uma coroa de azevinho na cabeça (Papai Noel da Reciclagem/Compostagem). Minha vó comprou os três como um conjunto. Em cima da mesa há uma

coleção de globos de neve que meus avós juntaram ao longo dos anos – a maioria deles como suvenires de festivais de música country – e na parede está pendurando um desenho gigante que meu vô fez do Papai Noel indo surfar. Ele usa bordas felpudas ao redor da sunga. Era o meu favorito quando eu era criança. Agora estou olhando para ele. O Papai Noel está com uma leve queimadura de sol nas bochechas. Ou talvez seja como as bochechas dele sejam – rosadinhas e tudo o mais.

"Lembra como a vó ficou bronzeada com a quimioterapia?"

Em uma grande estante, no canto da sala oposto ao quadro do Papai Noel, estão fotos antigas de Natais passados na Fazenda Farm. Há até uma do meu pai, acho que com uns nove anos, segurando uma malha bem vermelha. Ele não parece muito empolgado com ela, e isso sempre me faz rir. O que será que meu pai queria ter ganhado de Natal quando ele tinha nove anos? Não faço ideia, mas certamente não era uma malha vermelha. Naquela mesma foto, um homem está sentado no canto segurando também um presente. Ele ainda não o abriu. E não está sorrindo nem olhando para a câmera. Aquele homem é meu tio-avô. Tio Dennis. É a única foto que já vi dele.

As outras fotos são de nós: minha vó, meu vô, meu pai, minha mãe, Joe e eu. Há uma com os meus pais segurando um enfeite com as palavras NOSSO PRIMEIRO NATAL escritas nele. Tem até uma com os dois na época da faculdade, visitando a Fazenda Farm no final do ano.

Quanto mais eu penso a respeito, mais me dou conta do quanto a Fazenda Farm é parte de tudo em mim. Tudo o que se fez de mim.

Passo por cima dos trilhos do trenzinho e balanço um enfeite da árvore com a forma de um sininho.

– Tretch, o que está te chateando? – minha mãe pergunta.

Não me viro. Fico ali apenas mexendo no enfeite.

– Tem alguma coisa acontecendo, e ninguém me conta o que é – falo.

– Como assim, querido? – Ela não parece irritada.

– Todo mundo parece… sei lá… preocupado ou coisa assim.

– Você está preocupado, Tretch?

– Estou.

– Com o quê?

– Com o que eu vi naquele post-it na mesa da cozinha. – Paro de sacudir o enfeite e agora me viro para minha mãe.

"Mieloma…"

Ela dá um longo suspiro.

– Tretch…

– Mas a vó disse…

Minha mãe pigarreia. Reparo em como ela está perfeitamente imóvel ali de pé com as mãos nos bolsos.

– A sua vó está bem – ela diz. Por um segundo olha para cima. Acho que deve estar olhando para o anjo no topo da árvore. – É o, ahn…

Ela olha para baixo outra vez. Não para mim. Só para baixo.

– Desta vez é o seu avô, Tretch.

Agito a cabeça em sinal negativo.

"Não", penso. "E o que foi tudo aquilo?" E aquela felicidade que a gente sentiu quando a vó se livrou da doença? E os dois últimos Natais, que foram os melhores de todos, porque tínhamos a certeza de que outros viriam? *Muitos* outros. *Muitos* outros Banquetes de Natal da Fazenda Farm, *muitos* outros concursos de construção de casas de biscoito de gengibre, *muitas* outras vezes para ver *A felicidade não se compra* e ouvir a história de como a vó encontrou o Jimmy Stewart uma vez em um barco a vapor.

Muitas outras noites dormindo no chão do antigo quarto do meu pai.

Muitos outros jogos de cartas e xícaras de café.

Muitas outras visitas à oficina do meu vô.

Sinto minha garganta seca. Como se eu tivesse engolido algodão. Como se eu tivesse a ponto de engasgar. Estou a ponto de engasgar. "Estou engasgando", penso, e minha mãe só fica ali olhando.

– Então, Tretch – ela diz, reconfortante. – Isso não vai ser…

– Ele está? – Não sei como perguntar. Minha voz treme. – Quanto *tempo*?

Minha mãe leva uma mão ao rosto. Ela aperta o canto do olho.

– Não tem como saber, querido – ela me explica. Com as palavras brotam lágrimas. – Mas ele tem tempo. – Ela enfia a mão no bolso e tira um lenço. – Eles disseram que pode até levar alguns anos.

Penso que o lenço é para minha mãe, mas então ela passa por cima dos trilhos do trenzinho e o leva até o meu nariz. Ela sorri enquanto algumas lágrimas correm por suas bochechas. Ela começa a dizer “assoe”, só que, em vez disso, acaba dando uma risadinha discreta. Isso me pega de surpresa.

E eu também começo a rir.

Porque nós dois sabemos que eu já estou velho demais para ela segurar um lenço na minha frente e me fazer assoar o nariz.

“Bom, mas ela é a minha mãe”, penso. “E estamos tristes. E, além do mais, quem é que está ligando pra isso?”

Ela me puxa para perto de si e fica abraçada comigo até nossos ombros pararem de tremer, até estarmos respirando normalmente de novo, até nossos olhos enfim estarem secos.

catorze

Meu vô está de novo na oficina.

Ouço o som da solda enquanto atravesso o quintal, com a grama de inverno se esmigalhando sob meus pés e o céu branco sobre mim. Todas as árvores parecem mortas sem suas folhas, e não se ouvem os sons de passarinhos nem dos carros passando ao longe na rodovia. Tudo isso é absorvido pelo eco áspero da solda trepidando pelas paredes de lata da oficina e me engolindo. Preciso tampar os ouvidos e evitar olhar por muito tempo para o spray dourado de fagulhas que segue o rastro do soldador.

– No que você está trabalhando, vô? – grito.

Ele não escuta.

– Vôôô! – berro. – Ei!

Ele continua soldando.

– Vôôô!

O spray de metal queimando.

– EEEEI!

Meu vô se vira e me encara outra vez com a máscara. Ele a desliza para cima da cabeça.

– Eeeei, Júnior Júnior.

– No que você está trabalhando?

Ele coloca o maçarico sobre sua mesa de carpintaria.

– Aaah, uma coisinha aí para o quintal.

– *Legal* – falo. – Isso é legal, vô.

– Ocê tá lembrado do senhor Spenks?

– Sim! Me lembro dele.

O senhor Spenks é um dos compadres do meu vô. Ele e os filhos são donos de uma oficina mecânica não muito longe da Fazenda Farm.

– Ele andou me colocando nesse negócio de esculturas. Tem uma família inteirinha de renas no quintal dele.

– Isso que você está fazendo é uma rena?

– Não. Um par de asas.

Dou uma olhada nelas e fico surpreso em ver asas onde antes não tinha visto.

– Pra quê?

– Tô pensando em pendurar em um galho daquele grande carvalho ali fora. São pra ser asas de anjo. Para o Dennis.

"Tio Dennis?"

– Ah – digo. – Bom, legal, vô. – Decido colocar aquilo de lado por enquanto para refletir depois. – Ah, vô! Estava querendo te contar. Eu encontrei outro dia o senhor Thumb, o homem do Armazém 501.

– Ah, é? E como é que ele tá?

– Ele contou que a mulher dele morreu.

Meu vô deixa a cabeça cair, examinando as asas com os olhos meio que franzidos.

– Ouvi falar – ele diz.

– Mas, antes de isso acontecer, ela fez um cachecol pra vó. Eu tinha que ter trazido pra ela, mas esqueci em casa. É bem bonito.

– Bom, isso foi muita consideração dela – meu avô comenta. – Ô se foi.

Abro uma cadeira dobrável de metal enferrujada e me sento. Meu vô olha para as asas. Ele parece incomodado, seus olhos apertados e sua boca em linha reta. Meu vô tem orelhas grandes, algo que herdei dele. Vejo uns pelos brancos saindo de uma delas e uma marca vermelha onde a tira da máscara de solda estava agarrada.

Agora tenho que perguntar.

– Então, vô – começo. – Você tem se sentido bem ultimamente?

– Hum? – Ele olha para mim. – Tenho, tô ótimo. – Fala isso como se fosse um "mas é lógico". – Quer ver o que eu fiz para dar de Natal pra sua vó? – Ele estica a mão até um saco de lona debaixo da mesa de carpintaria.

– Claro – digo para ele. Eu me levanto, e a cadeira enferrujada arranha o chão. – O que é isso? Foi você que fez?

– Ô se foi.

Meu vô pega o saco e abre um sorriso de orelha a orelha. Ele tira um livro encadernado com capa de couro, uma capa grande e

quadrada, mas o livro em si é fino. Parece como um álbum de recortes que alguém começou e, depois de algumas páginas, abandonou.

Ele passa para mim, e eu o giro nas minhas mãos. Na capa tem um monte de arabescos, que eu adoro. Eles são esculpidos no próprio couro.

Eu queria ter um celular e poder tirar uma foto para mandar ao Matt. Ele ia achar isso muito maneiro.

– Vô, como é que você fez isso? – pergunto.

– Isso é uma coisa antiga – ele explica. Ele mostra uma ferramenta que parece um tipo de escavador de dentista (só que tem um cabo e um plugue na ponta). – A ponta dele esquenta e então eu gravo no couro. Dá uma olhadinha aqui, ele derrete o tanto que eu preciso pra desenhar as linhas.

– Oh, uau – eu falo.

– Só que fede demais enquanto tô fazendo – ele ri.

Viro o livro para ver a capa. No topo, o meu vô desenhou em letra cursiva: “Provérbios 30:18-19”. Uma passagem da Bíblia? Acho isso um pouco estranho, considerando que minha vó e meu vô nunca vão à igreja. Eu nunca nem mesmo os escutei falando de Deus. No entanto, há uma Bíblia na estante da cozinha, bem ao lado dos livros de culinária da minha vó.

– Esse é provérbio favorito da sua vó – meu vô me conta, sorrindo.

Abro o livro. Tem só algumas páginas. A primeira mostra uma águia no céu, desenhada em nanquim, com a assinatura do meu vô no canto. Eu a reconheço porque conheço bem o estilo de desenho dele (na parede do meu quarto tem um quadro, pintado por ele, de um palhaço de cara triste). Viro a página, e no verso tem uma foto polaroide grudada. É a mesma imagem, só que numa fotografia.

– Sua vó tirou essa foto quando a gente foi lá no parque de Yellowstone.

– Uau – digo. Na página seguinte há outro desenho em nanquim. É um desenho estranho, eu acho. Uma cobra em uma pedra. Tem

outra polaroide no verso. – Foi ela que tirou essa também? – pergunto.

– Nada. Essa fui eu. Tirei quando fui destacado para o Marrocos Espanhol.

– Quando você estava na força aérea?

– Isso. Cliquei essa aí enquanto caminhava com um camarada meu.

– Oh, uau – falo. Não consigo dizer outra coisa.

A página seguinte tem mais um desenho em nanquim; dessa vez de um navio, um barco a vapor, com ondulações ao redor da base para mostrar que ele está na água. É até agora a minha favorita. E, como os casos anteriores, há uma fotografia idêntica no verso; essa antiga demais para ser uma polaroide.

– Esse é o *Compton*. O barco a vapor em que o seu bisavô era capitão quando a gente morava no Mississipi. Onde eu conheci sua vó.

– Vô, isso é… – Eu ia dizer “demais”, mas viro a página e a imagem seguinte me paralisa.

É um desenho dos meus avós no dia do seu casamento. Eu nunca os tinha visto assim tão jovens. Eles estão de mãos dadas. Meu vô está parecendo o Joe em um belo e antigo terno. Minha vó traz uma fita no cabelo. Ela está segurando um buquê de flores.

Viro a página, mas não tem nenhuma foto no verso, não neste caso. Eu não sei o que dizer. Só consigo sentir algo no estômago, quase que como um enjoo, só que não estou me sentindo mal. Eu simplesmente acho aquilo lindo. Acho que é a coisa mais linda que já vi na vida.

Viro o rosto de novo para o meu vô.

– Esse eu tive que fazer de memória – ele fala, apontando para o desenho. Há lágrimas nos seus olhos, mas tecnicamente ele não está chorando, pois elas não saem dali. Então ele pisca algumas vezes e elas desaparecem.

Ele pigarreia.

– Então, ocê gostou? – Ele ri um pouco mais e tira o livro de mim, fechando-o e pondo-o de volta no saco. – Tive que deixar aqui porque, que diabo!, ela procura em tudo que é lugar.

– O que significa, vô? – pergunto.

– Hein? – Ele está com o feixe de lona nas mãos.

– O provérbio. O que ele tem a ver com as coisas dentro do livro?

– Ah. – Meu vô solta o feixe. – Boa pergunta. – Ele pega um pedaço de papel em cima da mesa.

> PROVÉRBIOS 30:18-19 HÁ TRÊS COISAS QUE ME ESPANTAM – NÃO, QUATRO COISAS QUE EU NÃO CONSIGO ENTENDER: UMA ÁGUIA QUE PLANA NO CÉU, UMA SERPENTE QUE RASTEJA SOBRE UMA PEDRA, UM NAVIO QUE DESLIZA NO MAR, E O AMOR ENTRE UM HOMEM E UMA MULHER.

Agora faz sentido para mim. Definitivamente foi isso que o meu vô desenhou nas páginas do álbum.

– A passagem favorita dela – meu vô diz outra vez. – Exagerei um pouquinho na parte do “navio”. Fiz um barco a vapor.

Não importa. Olho bem para o rosto dele, vermelho de frio ou de acanhamento, e percebo que ele acabou de me ensinar o que eu imagino ser a maior lição de amor de todas. Dou um passo à frente e o abraço forte em volta da cintura. Ele dá uns tapinhas no meu ombro.

– Posso ficar com isto? – pergunto, segurando o papel com a passagem bíblica.

– Mas é claro, Júnior – ele responde, e eu enfio o papel no bolso.

Meu vô ainda fica ali um tempinho terminando de limpar sua bancada antes de atravessarmos o gramado congelado em direção à casa. Ele lava as mãos com um sabonete especial que jorra em nacos parrudos e brancos, como queijo cottage, e dá uma sensação meio áspera quando você o esfrega nas mãos.

Quando entramos na cozinha, o cheiro me avisa sobre o banquete que está por vir. Sei identificar qualquer coisa pelo cheiro. O cozido de abobrinha (colhida na época do verão e mantida em conserva), um tender regado com mel, um peru, o molho de salada da minha

vó, ervilhas e purê de batata. Tem até um pão de milho com pimenta *jalapeño*, que minha vó fez pela primeira vez no Dia de Ação de Graças e gostou tanto que fez outra vez.

– Tá ardido – Joe diz, depois que todos nos sentamos.

Ele vira um copo de chá gelado, depois baixa os olhos para o seu colo. De tempos em tempos, o vejo descendo a mão para mandar mensagens para Melissa do seu celular, e isso me faz pensar em Matt e em como Joe uma vez me explicou o que era o amor.

– É como faíscas – ele tinha me dito.

Faíscas. Na minha cabeça, vejo o trabalho de solda do meu vô, as asas metálicas despejando seus confetes de fogo. Eu me pergunto por que ele quer pendurar asas para o meu tio Dennis em um carvalho. Então penso: "Será que foi nessa árvore que o tio Dennis se enforcou?". Mas por que meu vô quer pendurar as asas logo *ali*? Por que ele quer ficar se lembrando disso?

Provavelmente ele já deve lembrar toda vez que olha para aquela velha árvore. Talvez vendo as asas presas ali, ele se sinta melhor.

– Vamos assistir *A felicidade não se compra* mais tarde? – pergunto.

Não está rolando muito papo na mesa, com todos enchendo a boca de comida e parecendo pensativos como eu.

– É claro – minha vó diz.

Ela estica o braço até meu vô e segura a mão dele por um segundo; a mão que não está carregando comida no garfo. Meu vô sempre faz bagunça quando come. Ele está com batata no lábio superior. Às vezes, coisas assim meio que me dão nojo, mas neste momento aquilo me faz sorrir. E é bom sorrir, considerando todas as coisas que não estão sendo ditas.

Ali há doença e tristeza.

A verdade é que ali também há amor. Tento nunca me esquecer disso.

Penso comigo mesmo, "não existe coisa melhor", por tudo que estou vendo: meu pai cumprimentando minha mãe pelo cozido de abobrinha, ela sorrindo para ele, Joe sorrindo para o celular em seu

colo, minha vó limpando o rosto do meu vô. É um banquete de amor, um banquete de faíscas.

Minha cabeça não consegue deixar de se voltar para Matt.

quinze

Mais tarde vou para o antigo quarto do meu pai e fico ali com o iPhone de Joe enquanto ele toma um banho. Na barra de busca, apago o “mieloma múltiplo” que ele havia pesquisado mais cedo e digito: “o que acontece quando você se apaixona?”.

Seleciono o primeiro resultado da busca na tela, que me leva a um artigo. Leio minha resposta em um sussurro: “Uma forma moderada de obsessão”.

Toco de novo na barra de busca.

– Tá bom – eu digo. – Mais uma tentativa.

Não há um jeito realmente simples de perguntar, e preciso fazer algumas tentativas até conseguir chegar a isto: “Sou gay. Como é que deixo de gostar do meu melhor amigo hétero?”.

– O que você tá fazendo, Tretch?

Dou um pulo e derrubo o celular de Joe na cama. Não ouvi o chuveiro desligar.

– Ahh, só pesquisando uma coisa. – Pego o celular outra vez e rapidamente fecho a busca. – Mas não é nada importante.

– Recebi alguma mensagem da Melissa?

– Acho que não. Não apareceu nada na tela.

Jogo o celular para ele, que o segura e o encara. Ele pestaneja algumas vezes, então pergunta:

– Você já está pronto para ir lá ver *A felicidade não se compra*?

– Sim – respondo. – Sim, sim, sim.

Todo ano, na véspera de Natal, assistimos a *A felicidade não se compra* como uma família – minha mãe, meu pai, Joe, minha vó, meu vô e eu – e todo ano, quando o filme termina, minha vó acaba nos contando a história de como ela conheceu o Jimmy Stewart, na época em que era guia turística no *Compton*.

Este ano não é diferente.

– Foi a coisa mais engraçada – minha vó fala. – Eu fiquei dizendo: “Paizinho, tenho certeza de que aquele é Jimmy Stewart, o homem

de *A felicidade não se compra* e *A mulher faz o homem*", e ele só me olhou e sacudiu a cabeça, "Nãão, não pode ser", mas claro que era. E eu peguei o autógrafo para provar.

– Onde está o autógrafo, vó? – Joe pergunta. – Eu queria ver.

É engraçado. Agora que o Joe mencionou é que me dou conta: ouvimos falar tantas vezes disso, mas nenhum de nós jamais viu de fato o autógrafo de Jimmy Stewart.

Meu vô começa a gargalhar, e minha vó o fuzila com olhinhos apertados.

– Que foi? – pergunto. – Por que você está rindo, vô?

Ele sacode a cabeça:

– Ela perdeu. Não acha em lugar nenhum.

Minha vó dá um tapa no braço dele.

– Ei, olha aqui. Não é só porque não o vejo faz um tempo que eu o perdi – ela diz. – Deve estar em algum lugar dentro daquele baú de cedro, com todas aquelas velharias.

– Ih, caramba – meu pai diz. – Vai levar *anos* pra achar alguma coisa ali dentro.

– Uma ova! – Minha vó faz sinal negativo com a mão. – Aposto que consigo achar *hoje à noite* se eu quiser.

– Eu te ajudo a procurar, vó – me ofereço.

– Vamos lá, Júnior Júnior.

O sofá suspira quando minha vó se levanta. Eu a sigo pelo corredor, alguns passos pela cozinha escura, até o quarto. Em todos esses anos, nunca vi o que tem dentro do velho baú de cedro. Ele fica ao pé da cama dos meus avós e, pelo que posso me lembrar, sempre permaneceu trancado.

Quando eu era criança, costumava subir nele e me meter em confusão por causa disso. Não podia subir no baú, pois em alguns lugares dele a madeira já estava lascada, e cada pisada dos meus sapatinhos de criança a lascava ainda mais. Hoje o baú já perdeu lâminas inteiras de madeira, o castanho-dourado do cedro brilha arranhado e revela sua casca interna. Dou uma esfregadinha de leve com meu indicador, arriscando soltar alguma lasca.

Minha vó remexe na gaveta de seu criado-mudo e tira uma chave. Ela a enfia na minúscula fechadura prateada e gira. Imagino a sensação de receber uma luz dourada emergindo de um tesouro escondido. Mas é só imaginação. Quando minha vó levanta a tampa, a única coisa que vejo é papel. Folhas de caderno, partes de jornal, alguns recortes com fotos, envelopes selados. Caos. Minha vó afunda sua mão ali, escavando, então levanta a cabeça.

– Tretch, você pode acender a luz? – ela pergunta.

– Claro.

Vou até a parede e ligo o interruptor. O quarto se ilumina, e as paredes assumem uma suave cor de pêssego. As pilhas de papel dentro do baú refletem certo brilho, e já não tenho tanto medo de enfiar minha mão ali. Eu me ajoelho ao lado da minha vó, e juntos arrastamos nossas mãos por aquela lama seca. Não consigo deixar de me imaginar despejando um jarro cheio de cola branca à mistura e fazendo um tonel gigante de papel machê.

Olho para o papel que está na minha mão. É um artigo de jornal: “O rei morre”, está escrito. Debaixo da manchete, Elvis está de pernas estendidas e quadril inclinado, segurando um microfone, com sua boca bem esticada.

– Nossa! – observo.

Minha vó acena com a cabeça.

– Não tem um dia que eu não pense nele – ela confessa.

Encontro vários artigos sobre a integração racial nas escolas e um sobre outra morte. A morte de outro rei, na verdade. Ele parece sério na foto. A manchete diz: “Uma nação em lágrimas”. Mostro para ela. De novo, ela acena com a cabeça.

– Você sabe, meu paizinho não suportava o Martin Luther King. Odiava o que ele representava. É claro que o meu pai foi um racista na maior parte da vida. – Ela faz uma pausa. – O doutor King morreu uma semana antes dele.

Minha vó larga um amontoado de cartas abertas e envelopes rasgados. Minhas próprias mãos atingem algo pesado sob uma

grossa pilha de cadernos espiralados. Bato os nós de meus dedos contra aquilo. Minha vó suspira.

– Mas, sabe, fiquei ao lado dele quando ele morreu… Meu paizinho, não o doutor King… E, de alguma forma, ele começou a falar sobre isso tudo. Sobre como era lamentável que o doutor King tivesse morrido. Eu disse: “Paizinho, o que fez você mudar de ideia tão de repente?”, e ele sorriu. Falou: “Acho que andei me dando conta de que somos todos humanos, Teeney. Nós todos temos que criar nossos filhos, ver as pessoas que amamos envelhecer e partir. Nós todos somos feitos pelo mesmo Deus, não somos?”.

Observo minha vó enquanto ela lembra tudo aquilo. Sei que o pai dela faleceu após um derrame. Ele sofreu vários, um após o outro, bem rápido, e morreu no hospital. Procuro por algumas lágrimas nos olhos dela, mas não avisto nem uma gotinha.

– Eu disse para ele que concordava. – Ela tira o frágil jornal da minha mão. – Cá entre nós, acho que o paizinho teve uma conversa com Deus enquanto esteve ali no hospital. – Um sorriso se espalha pelo rosto da minha vó.

Ela coloca o artigo de volta no baú, e assisto a ela acrescentá-lo à mistura. Ele se torna só outra folha de papel, flutuando ali ao lado de Elvis, recortes do meu pai, fotos do Joe e de mim, anúncios de casamento, cardápios de restaurante, tudo que tenha algum valor para minha vó. E em algum lugar ali, talvez, esteja um pedaço de papel assinado pelo Jimmy Stewart.

– Você lembra o que ele escreveu no autógrafo, vó?

Ela ri.

– Sei lá eu, Júnior Júnior.

Depois de um tempo, minha vó está quase desistindo. Continuo procurando debaixo do monte de cadernos espiralados. Eles formam agora uma grande pilha ao meu lado.

– O que são todos estes?

Abro um e olho para um rabisco em caneta azul que cobre toda uma página pautada. A letra é pequena, mas bonita.

– Ah – minha vó diz. Ela pega um da pilha. – Eles eram do seu tio-avô. Diários que ele escrevia. Foi algo que o médico pediu para ele fazer. – Ela o pesa na mão, e por um instante parece que vai abri-lo. – Seu vô leu todos eles depois que o Dennis morreu. Não sei por quê. No fim das contas isso só o torturou. De certo modo, eu acho, foi um jeito de mantê-lo por perto, como se assim a gente pudesse lhe perguntar por que ele tinha feito aquilo, sabe? Por que escolheu pôr um fim em tudo.

Ela devolve o caderno ao topo da pilha.

– Mas acho que ele jamais conseguiu alguma resposta. – Minha vó se apoia no canto do baú e se levanta devagarinho. – Melhor colocar de volta onde estavam, Júnior Júnior. Seu vô me disse pra jamais jogá-los fora, mas, se dependesse de mim, eu já teria feito isso. – Ela endireita as costas.

– Posso continuar procurando no baú um pouco mais? – pergunto. Não sei se ela vai se importar ou não.

– Claro, meu querido – ela diz. – Mas não demore muito. A gente ainda tem casas de biscoito para montar.

Puxo o caderno do topo da pilha e o enfio debaixo da camisa.

– Não vou demorar – digo.

Como sempre, Joe e eu vencemos o concurso de casas de biscoitos de gengibre.

Ganhamos duas bengalas doces caseiras, sobre as quais minha vó comenta eufórica:

– *Essas*, sim, foram uma aventura para fazer!

Meu vô dá um tapa na própria testa.

– Só espero que estejam boas de gosto – ele admite.

Joe e eu damos uma lambida em nossos doces quando subimos a escada e voamos direto para o banheiro.

– Blergh! – Cuspo. – Que azedo!

Jogamos no cesto de lixo.

Joe gargareja com um pouco de água da pia.

– Acho que vale a intenção – ele diz, com água ainda represada no fundo da garganta.

Enquanto Joe cospe, me certifico de que as bengalas foram parar no fundo do cesto. Quando me levanto, ele está encostado na pia, mandando uma mensagem.

– Acho que agora vou tomar meu banho – eu o aviso.

– *Ceeeerto* – Joe responde.

A cabeça dele está em outro lugar. Ele sai pela porta com seus polegares ainda se movendo pelo tecladinho minúsculo do iPhone.

Fecho a porta e pego minha bolsa de viagem, onde escondi o diário do tio Dennis. Então puxo a cortina e abro o chuveiro. Não posso demorar muito, eu sei, mas assim ganho algum tempo.

O diário fica estendido nas minhas mãos. Não sei se começo pelo início ou se escolho uma página ao acaso. Sua capa vermelha brilha à luz do teto. Estou paranoico com a possibilidade de molhá-lo.

Abro o diário na primeira página. A entrada data de *12 de agosto de 1976*.

> *Pois é, estou de volta do médico. Como eu já esperava, ele não me ajudou muito, mas tudo bem…*

Isso parece errado. Parece errado estar lendo isso.

> *Ele falou uma coisa que, de certa forma, me fez pensar. Sobre viver e estar vivo. Ele disse: "Você sabe, senhor Farm…", e então falei para ele me chamar de Dennis. "Você sabe, Dennis", ele disse. "Você não tem que se sentir culpado por estar vivo depois disso tudo. Algumas pessoas se sentem culpadas por terem sobrevivido. Na verdade, algumas pessoas se sentem tão culpadas por estarem vivas que, no fim das contas, acabam dando um jeito de não estarem mais." Achei que ele fosse começar a conversar sobre suicídio, mas não. Em vez disso, ele falou: "Eles se forçam a passar a vida como zumbis. Eles nunca se permitem sentir nada. Eles não aceitam amor nem gentileza. Nada além de raiva e medo. É assim que você quer passar o resto de sua vida, Dennis?". Dei a resposta que ele queria ouvir: "Não, doutor". Então ele*

acenou com a cabeça e disse: “Portanto, você precisa se perdoar”. Perguntei: “Me perdoar pelo quê?”. E ele respondeu: “Por ter sobrevivido”. Então acabou o tempo e eu tive que ir embora…

Folheio rápido algumas páginas, correndo os olhos por elas. A maioria das entradas parece relatos do tio Dennis sobre suas visitas ao psiquiatra. Algumas vezes ele menciona os remédios que estão dando para ele. Em uma passagem, uma palavra chama minha atenção, uma palavra incomum.

Bear.
Então contei ao doutor uma lembrança boa que eu tenho do Bear.

Volto um pouco e leio a página toda.

Hoje, pela primeira vez, falei do Bear para o doutor. Ele disse que já tinha ouvido falar dele pelo Richard. Pelo visto, Richard falou alguma coisa a ele sobre eu ter perdido um amigo em batalha e como isso em parte causou o meu problema. No entanto, não falei nada sobre a morte do Bear. Nem vou escrever sobre isso. O doutor disse para eu não me apressar para pensar esse tipo de coisa. Tudo isso, toda a dor e todo o resto levam tempo para serem processados. Isso vai acontecer por si só, ele diz. Então contei ao doutor uma lembrança boa que eu tenho do Bear. A vez em que eu e ele saímos do acampamento para uma caminhada até o topo da montanha do Som e acabamos em apuros. Nós não pensamos no tempo que levaria para chegar ao topo, e no momento em que voltávamos já estava escuro e chovia. O sargento ficou furioso. “Da próxima vez que vocês quiserem sair por aí pra ficar de mãozinha dada, façam isso um pouco mais perto do acampamento”. Aquilo nos deixou bem sem graça. Ficamos um tempo sem sair para outra aventura, mas aquela tinha sido uma das boas.

Minha melhor lembrança daquela caminhada foi quando o pé do Bear escorregou de uma pedra onde estava apoiado e afundou com bota e tudo na lama. A lama era tão funda. Ela o engoliu quase até a panturrilha. Quando ele enfim conseguiu sair, sua bota fez um barulho igual a de uma ventosa, e nós dois rimos. O Bear ficou doido de raiva porque provavelmente a bota ia ficar irritando sua pele na volta.

Viro algumas páginas mais para o fim. Tem um bom pedaço sobre esse tal Bear, embora o tio Dennis nunca mencione nada sobre a morte do amigo – tirando o fato de apontar que o seu amigo está morto e que isso o deixava triste.

Hoje o doutor me disse: "Dennis, o Bear está morto, e não há nada que você possa fazer a respeito agora, e também não havia nada que você pudesse fazer na época". Respondi: "Eu sei, doutor. Não sou idiota". E ele disse: "Mas isso não quer dizer que você não vai vê-lo outra vez". Eu falei que esperava que ele estivesse certo, mas que eu não ia contar com aquilo.

Em alguns trechos, ele deixa de fazer qualquer menção ao Bear.

Hoje à noite, devo escrever a respeito de algo que eu adoraria fazer e que nunca fiz. Ordens do doutor. Andei pensando, já que agora está fazendo frio e que a lagoa está congelada, em como gostaria de descer pelo bosque em uma noite clara, sentar em cima daquele gelo e olhar para as estrelas. Fico imaginando como isso seria perfeito. Isso faria tudo parecer estar bem, eu acho. Mesmo que fosse só por um segundo, tudo ia parecer em ordem. Talvez eu faça isso uma noite dessas, se tiver oportunidade.

Este é um trecho esquisito.

De certa forma, todos esses trechos são esquisitos.

Este só parece especialmente estranho porque o tio Dennis parece feliz. Toda vez que ouvi falar dele, o pouco que meu pai contou, ou mesmo o muito pouquinho que minha vó comentou (meu vô nunca fala sobre ele), foi o suficiente para me fazer imaginar que ele era incapaz até de pensar em felicidade. Mas aqui está ele, a imaginando. Aqui, parece que existe alguma esperança.

Só que o tio Dennis já está morto, assim como aquele garoto de Samsanuk. Mesmo que tenha havido esperança em algum momento, agora não sobrou mais nada.

Fecho o caderno e entro no chuveiro, pensando que talvez eu tenha feito algo ruim.

Nesta noite, vamos todos dormir felizes. Igual a toda véspera de Natal de que eu tenha registro. Subindo a escada, meu pai grita para mim e Joe:

– Boa noite, rapazes!

Minha mãe diz:

– Boa noite, meninos. Amo vocês!

– *Boa noite!*

– *Boa noite!*

Meus avós já foram para cama faz tempo. Por último, dou boa--noite para o Joe. Estou deitado no colchão debaixo da antiga bicama do meu pai. Nós dois costumávamos lutar para decidir quem ia ficar na cama. Mas o Joe sempre ganhava, então acho que acabou virando tradição eu ficar com o colchão e ele com a cama. Tudo bem, eu gosto mesmo do colchão.

– Fe-liz Natal, senhor Potter! – Joe fala para mim lá de cima.

– Rá! – eu rio. – Feliz Natal, Joe.

dezesseis

No dia seguinte, estamos todos sentados na sala da árvore de Natal abrindo presentes. Ganho uma calça jeans e uma camisa polo da minha vó, que é a exatamente o que Joe ganha, tirando que a dele é verde-escuro e a minha é rosa-choque com umas listras brancas.

– *Ô*, vó! – digo. – Adorei!

Também ganho um novo desenho do meu vô. É de uma mulher de saia curta de babadinho e com um chapéu enorme de penas, caminhando em uma corda bamba. Ela segura um guarda-chuva bem acima da cabeça enquanto levanta uma perna, demonstrando seu equilíbrio impecável para a multidão de espectadores do circo. Joe ganha um desenho também. O dele é de um elefante carregando uma mulher (acho que é a mesma mulher da corda bamba no meu desenho). Ambos estão enquadrados, para garantir que nada possa manchá-los. Quando abro esse presente, aperto-o forte contra o meu peito.

De Joe, ganho um diário com capa de couro.

– Uau, Joe – falo para ele, abrindo em leque as páginas em branco. – Obrigado.

Joe encolhe os ombros.

– Você lê tanto, Tretchito. Acho que devia tentar começar a escrever.

Sei que o tipo de escrita que ele está falando não é a mesma que o meu tio Dennis usou em seu próprio livro em branco. Mas não consigo deixar de pensar em nosso tio-avô e em como ele ganhou um diário em circunstâncias tão diferentes. Sou o sortudo aqui.

Aí vem o grande presente, da minha mãe e do meu pai: um iPod. Eu o tiro da caixa e seguro com cuidado, com medo de esmagá-lo de tanta empolgação.

– Minha nossa – eu falo. – *Obrigado*.

– Feliz Natal, Tretch – minha mãe diz, sorrindo.

Olho para o meu pai, e ele pisca.

Quando chega a hora de a minha vó abrir o presente que ela ganhou do meu vô, prendo a respiração. O álbum com capa de couro surge debaixo de um embrulho de jornal. Fico esperando ela gritar e dizer “Ai, Richard!”, ou algo assim, mas ela não diz nada. Ela fica em silêncio. Por alguns segundos, ela o segura nas mãos e continua olhando para baixo. Quando ela ergue a cabeça, porém, seus olhos se encontram com os do meu vô, e eles trocam um sorriso. Isso me deixa tão feliz e tão triste ao mesmo tempo, porque quero que seja assim para sempre. Mas não vai ser, não dá para ser, e eu sei disso.

Sinto o pensamento sobre um fim me cutucando, me puxando para fora do agora. “Agarre-se firme ao que é bom, Tretch. Agarre-se firme ao agora.”

Bem agora, minha vó está olhando para cima.

– Bom, que tal isto? – ela fala. – Que bonitinho, Rich.

Meu vô ri.

– Aham.

Ele provavelmente imaginou que ela não fosse mostrar muita emoção. Esse não é o jeito da minha vó. Ele provavelmente sabia que ela iria recebê-lo como se fosse outro presente qualquer – com uma palavra simpática e um sorriso. Mas ele também deve saber que isso significa muito para ela. Ele entende isso, ela entende isso, e eles apenas sorriem um para o outro e riem, e dizem coisas como “Que bonitinho” e “Aham”.

Acho que assim deve ser estar apaixonado e há tanto tempo.

Comemos as sobras da véspera de Natal, assinalando o fim da Maratona do Banquete de Natal, e deixamos os papéis de presente espalhados pela sala da árvore de Natal. Vamos arrumar mais tarde, assim que passar o barato, e minha vô vai terminar dizendo:

– Então é isso. Tanto tempo para preparar e de repente já acabou.

Por enquanto estamos comendo, rindo e conversando, e nin-guém que estivesse nos vendo poderia dizer que meu vô está doente, ou que qualquer um está preocupado, porque, neste exato instan-te,

não estamos sentindo nada ruim. Está tudo bem, mesmo, simplesmente maravilhoso.

Meu vô até nos surpreende ao contar uma história sobre o tio Dennis que faz todos sorrirem. Uma sobre como certa vez, na época em que eram crianças, eles foram explorar no bosque atrás da casa deles. Meu vô levou sua espingarda de chumbinho e o tio Dennis não levou nada.

– Achei que eu podia caçar um esquilo ou coisa do tipo – meu vô diz para nós. – Mas Dennis tinha outra coisa em mente. Ele tinha passado a manhã olhando por um daqueles estereoscópios View-Master. Richard, ocê se lembra deles?

– Lembro – meu pai acena com a cabeça. – Os meninos também.

– É aquele negócio que parece um binóculo em que você aperta um botão pra trocar de foto? – Joe pergunta.

– Isso! – meu vô responde. – Dennis tinha clicado e olhado todas aquelas fotos. Havia uma que ele amava: a foto de uma cachoeira. E o Dennis estava louco pra ver uma coisa como aquela, uma coisa que não fosse uma foto, entende? Ele queria ver uma de verdade, uma cachoeira ao vivo e em cores. Normalmente, quando ia para o bosque, ele não me levava junto, não. Ele odiava me ver atirando em qualquer coisa, mesmo que fosse só um esquilinho ou coisa do tipo. Mas tinha chovido no dia anterior, e Dennis achou que podíamos conseguir ver uma cachoeira de verdade se procurássemos no lugar certo. Ele disse: “Aposto que a valeta está cheia, Rich. Se estiver, a água vai ter que escoar para algum lugar”.

– Então saímos para procurar o desaguadouro. No caminho, vi alguns esquilos, mas não atirei em nenhum, porque sabia que o Dennis não ia gostar de assistir àquilo. Andamos por um tempo, seguindo aquela longa valeta por toda a nossa terra. Dennis estava certo: ela estava cheia por causa da chuva, e havia água correndo por ela. Eu estava torcendo tanto para que a gente pudesse chegar a algum tipo de depósito em algum lugar e que o Dennis pudesse ver uma cachoeira de verdade. Andamos e andamos. Rastejamos debaixo de arame farpado, percebendo que já nem estávamos mais

nas terras do meu pai, e continuamos caminhando. Até que finalmente o Denis se virou pra mim e disse: “Tá ouvindo, Rich?”. Eu me pus a escutar e, sem dúvida, ouvi. Som de água caindo. Então o Dennis foi-se embora! Ali o terreno começava a ficar inclinado de repente, e acho que o Dennis deve ter tropeçado. Ele disparava à frente a todo vapor, atravessando todo tipo de arbusto espinhoso, e, quando o alcancei, ele estava com as mãos e o rosto cortados.

– Mas ele havia encontrado. Lá estava. Bem na nossa frente, uma cachoeira ao vivo e em cores. Não era grande coisa, é claro, mas estava ali. E ficamos olhando aquilo, sentindo a água esguichar do fundo da valeta. Naquele momento, não podiam existir no mundo duas pessoas para quem aquilo significasse mais do que pra mim e para o Dennis, nem mesmo dois homens morrendo de sede em um deserto iam sentir o mesmo, juro.

Meu vô junta as mãos. Minha vó estica o braço e envolve as mãos nas dele. Penso no diário do tio Dennis, ainda escondido na minha bolsa de viagem lá em cima no quarto. “Preciso dar um jeito de devolvê-lo”, penso.

Naquela noite, demolimos as casas de biscoito de gengibre e as mastigamos ruidosamente, até não aguentarmos mais mastigar. Joe tem glacê em cima dos lábios, só que eu não falo para ele. E morro de rir toda vez que olho em sua direção.

Ele só percebe na hora em que vamos escovar os dentes.

– Tretch, seu palhaço, por que você não me *avisou*?

Ele me dá um cutucão no ombro com o cotovelo, espremendo a pasta de dente sobre sua escova.

Então o telefone toca.

Olho para o Joe.

– Que horas são?

Ele dá de ombros.

– Umas dez? Não sei.

– Meio tarde – digo.

Cuspo espuma na pia e enxaguo minha boca.

– Tretch! – minha mãe grita da escada. – Telefone pra você!

Joe ergue as sobrancelhas para mim. Minhas bochechas queimam e meu coração começa a bater forte. Eu não quero, realmente não deveria, criar falsas esperanças.

Mas quem mais podia ser?

Desço a escada aos pulos, parecendo um pouco feliz demais. Minha mãe está no pé da escada.

– É o Matt. Ele está ligando de Nova York e quer te desejar um feliz Natal. – Ela sorri. – Você vai ter que conversar na cozinha. Não estou achando o sem fio.

Sinto um aperto no peito e me pergunto se vou desmaiar com essa empolgação toda e essa tentativa simultânea de "ficar de boa".

"É só um amigo ligando", lembro a mim mesmo.

"Ele é só um amigo."

"Fazendo uma coisa que os amigos fazem."

Corro até a cozinha. O telefone repousa no chão, ao final de seu longo e enrolado fio. Eu o pego e falo, um pouco alto no começo:

– *Alô?*

– Ei, Tretch!

Basta o som da voz dele para dissipar qualquer calma que eu possa ter juntado. Não consigo aguentar. Tudo se arrebenta e sai de dentro de mim.

– *Matt! E aí? Saudade! Feliz Natal!*

Ele dá risada, e tenho impressão de estar ouvindo o trânsito ao fundo. Trânsito de cidade grande. Trânsito de Nova York.

– Tudo tranquilo, Tretch. Nós, ahn, acabamos de ir ver a árvore do Rockefeller Center.

Então ouço um barulho, um som de movimento confuso.

– Matt? – chamo. – Está me ouvindo?

– Eu… – ele diz. Então tem um corte.

– Argh!

Enrolo o fio do telefone ao redor dos dedos. Espero. Mais ruídos, até que por fim…

– O.k.! Está me ouvindo *agora*?

– Estou! – grito. – Estou ouvindo.

– Tá, que bom, a gente está no táxi agora.

– Ah, certo, *legal*. – *Um táxi*. – Como é que é a árvore? É tão grande quanto parece na tevê?

– Ah, Tretch, é incrível. Você ia ficar louco se visse.

– Sério?

Percebo que estou acenando com a cabeça furiosamente, então paro. Mas talvez Matt esteja fazendo isso também.

– Verdade, é um negócio *magnífico*.

– Maneiro.

– Isso aí.

– Bom… – Reparo que o fio do telefone está prendendo a circulação dos meus dedos. – Como é a vida na cidade?

– In-*cril*-vel.

Olho pela janela da cozinha. Tudo escuro e quieto na frente da Fazenda Farm. Nada de trânsito. Nada de gente. A vida que há ali se move no ritmo de melaço congelado.

– Aposto que sim – digo.

– É… – Matt dá uma risadinha discreta. – Engraçado eu ainda ter o telefone dos seus avós desde o verão passado.

Isso me faz sorrir.

– Verdade. Acho que você ligava quase toda noite. Estou surpreso que você ainda não tenha memorizado.

Estou brincando, e ele sabe disso. Ele ri por alguns segundos, e, nesse tempo, meu coração parece flutuar no meu peito. Minha respiração fica pesada. Parece que faz *tanto tempo*, mas na verdade não passou nem uma semana.

Admito, fiquei uma boa parte desse tempo só pensando nele.

E acho que ele também andou pensando em mim. Talvez não tanto. Mas pelo menos um pouquinho.

– Então, Tretch – ele diz. – Tenho uma novidade.

– Ah, é? – pergunto. – Qual?

– Adivinhe qual foi meu presente de Natal?

– Achei que fosse o ingresso pra ver *Hedwig e o centímetro enfurecido*.

– Não, tem mais. Bem mais.

– O que, Matt? Fala!

– Vamos nos mudar de volta pra cá!

De repente, os nós dos meus dedos começam a pinicar. Olho para baixo e vejo o fio do telefone bem apertado outra vez. Dolorosamente.

– Quê?

– Pra Nova York! Paps, Paiê e eu! Vamos voltar!

– Q-qu…? – Não consigo fazer sair. Não sei o que dizer. – Q-que, Matt? Fala de novo.

– Ah, desculpa, Tretch. A ligação está cortando de novo? Esse serviço de celular é muito instável.

– É, pois é… – falo. – Você pode…?

Sei que preciso limpar minha garganta, ou fechar meus olhos, ou qualquer *outra coisa*. As lágrimas estão vindo com tudo. Mas a necessidade que eu sinto, mais do que tudo isso, o que eu realmente quero, é silêncio.

– Tretch?

Ainda não consigo falar.

– Tretch?

Engulo em seco.

– Tretch, acho que eu estou perdendo o seu sinal.

"Não, Matt. Eu que vou perder o seu."

Pigarreio.

– Não, não. Isso, ahn… isso é uma baita novidade, Matt! – Pigarreio outra vez. – Isso é emocionante, mesmo. Isso é mesmo… – Minha voz vai sumindo.

Só há silêncio do outro lado da linha.

– Matt, você está aí?

Silêncio.

– *Matt?* – Isso sai com engasgo. "Ah, não. Por favor, não."

– Tretch?

– Oi? Ei!

– Desculpa de novo. É esse sinal…

– Não, tá *tudo bem*. – Respiro. – Tá *tudo bem*, Matt…

– Céus! Tretch, estou perdendo sinal de novo. Isso é tão…

De novo, silêncio.

Fico ali esperando que ele consiga voltar. Fico ali segurando o telefone por um bom tempo, um bom tempo até começar a perceber que ele desligou. Desistiu.

– Perdi a ligação – falo. – Eu o perdi.

Afrouxo o fio emaranhado. Depois, liberto minha mão; as juntas ficaram todas marcadas de vermelho, e os dedos, brancos. Tento colocar o telefone de novo na base da parede, mas ele não para quieto e fica caindo, batendo no meu ombro e se chocando contra o piso duro da cozinha.

– Tretch? – minha mãe me chama da sala. – Está tudo bem?

– Tudo certo – digo. – Acho que vou pra cama.

– Tá bom – ela responde. – Tudo certo com o Matt?

– Tá, ele está adorando Nova York – conto para ela. – Como sempre.

Isso é tudo o que posso admitir neste instante para ela, ou para qualquer um.

dezessete

Tarde da noite. Já não é mais Natal. Joe está dormindo na cama acima de mim, mas eu não consigo pregar o olho. Por fim, percebo que não faz mais sentido tentar.

Preciso de ar.

Preciso de espaço.

Preciso de um lugar onde eu possa gritar ou chorar sem que ninguém me ouça, sem que ninguém me faça perguntas.

Desço a escada sorrateiro, sem querer acordar ninguém, e saio pela porta de trás. Antes que consiga me dar conta, estou vagando pelo bosque com meu casaco de lã apertado na minha barriga. O zíper dele quebrou, por isso preciso segurá-lo para fechar. O vento arranha meu rosto enquanto mergulho por entre galhos baixos e salto sobre partes congeladas do caminho de terra, mas não me importo; sinto que é algo que mereço. Continuo andando, mesmo quando minha calça se enrosca em alguns arbustos espinhosos. Sigo em frente até eles se soltarem e eu sentir as feridas que deixaram. Eles não machucam; pelo menos, nada que seja assim tão ruim.

Tudo parece diferente no escuro.

Nem sinto mais o bosque. Ele já ficou para trás. O céu noturno se abre com estrelas e uma lua resplandecentes, com algumas poucas nuvens empoeiradas entre elas. Aperto o casaco com mais força e ando rápido, alongando minhas pernas, com o terreno ficando gradualmente mais íngreme enquanto caminho. Quando enfim ele se aplaina, dou uma olhada pelo campo.

“Matt, você precisa ver isto.”

Posso ver algumas vacas lá longe, dormindo agachadas e imóveis. Posso ver o celeiro, meio vazio de feno nesta época do ano. Então, enquanto inclino meu rosto para a frente, seguindo o declive do terreno, encontro o que vim procurar. Ela está piscando o reflexo do luar para mim. Luto contra a gravidade, descendo a ladeira íngreme que me leva até ela. Fico ali, diante das suas

margens congeladas, examinando sua superfície completamente congelada.

"Seguro", penso. "Com certeza seguro."

Deslizo um pé sobre a superfície escorregadia. Estou com medo de abandonar a margem. O que foi que o tio Dennis falou mesmo? Tento lembrar exatamente. "Deitar sobre o gelo e olhar para as estrelas". Algo assim. "E então você vai saber que tudo ficará bem."

Eu quero saber isso.

Eu quero ter certeza disso.

Sento minha bunda sobre o gelo e começo a me empurrar para a frente com as mãos. O gelo gruda na palma delas, me fazendo removê-lo.

"Eu devia ter colocado luvas", penso. Então de repente sinto algo ceder. O gelo debaixo de mim treme, e percebo uma parte dele se derreter entre os meus dedos. Sinto uma umidade tiritante embaixo da calça. Reconheço que não há nada que eu possa fazer.

O gelo está cedendo.

Eu me movo, apenas um leve impulso com os calcanhares de volta à margem. É o bastante. O gelo debaixo de mim se parte, me joga para a frente, e eu caio de pé na água, como se tivesse ensaiado. As palavras de Dennis. As palavras de Matt. Meus atos. Estou no meio da respiração quando a água bate na minha cara. Engulo um tanto, o gosto podre e congelante na minha garganta. Mais intenso do que eu imaginava que seria.

Há algo martelando no meu peito. "É o seu coração", penso, "despedaçado, mas batendo mesmo assim. Ele está tentando te salvar. Sinta só, Tretch. Sinta o seu coração se esforçando como nunca". Está se esforçando para me salvar, e todo o resto está se esforçando para salvá-lo. Posso sentir o meu sangue deixando minhas mãos e pés e correndo em direção a ele. Tudo para protegê-lo. Meu corpo está se anestesiando, mas penso: "Isto é o certo, era mesmo para acontecer assim. Tudo está correndo como deveria". Mas eu ainda estou aqui embaixo. Ainda estou congelando. E vou mesmo morrer se não me esforçar para sair daqui.

Faço uma tentativa, mas não dá certo. Não tenho força. Estou pesado.

Respiro ofegante, e meu corpo se enche de mais água. Estou lutando e perdendo. Olho para cima e lá está. A luz do Céu no céu noturno. Em frente a ela, porém, como um obstáculo que preciso enfrentar antes de chegar lá, vejo a estátua de William Griggers, o soldado de Warmouth, aquela que fica em frente ao tribunal de justiça. "O que ela está fazendo aqui?". Só que – espera aí – não é nada disso o que estou vendo. É o garoto de Samsanuk, aquele cujo nome me recusei a ler no jornal, aquele que se matou porque as coisas ficaram grandes demais, pesadas demais para ele.

Então o garoto de Samsanuk se transforma e vira um homem adulto que reconheço de cara. Com ombros caídos e um sorriso triste, barba falhada no queixo, um nariz comprido, cabelo escuro.

Tio Dennis.

Quero gritar para ele: "SOCORRO!". Mas não sai nada.

"SOCORRO, POR FAVOR! ESTOU ME AFOGANDO!"

Então a figura se transforma outra vez, e ouço o som de água espirrando, e sinto dois braços me envolvendo. Sou puxado para cima e solto um ar que faz arranhar minha garganta como se eu estivesse cuspindo rochas glaciais. Olho para cima e vejo o Céu sumir outra vez. Agora é somente o céu noturno. Com as estrelas e a lua resplandecentes. Alguém me segura. Percebo que estou sendo carregado.

– Quem? – pergunto.

Mas a figura não para de falar meu nome.

– Tretch – ela está dizendo –, Tretch, Tretch, Tretch, Tretch…

– Quem… – Tento outra vez.

– Tretch, Tretch, Tretch…

– *Quem?*

– Tretch, Tretch, Tretch…

Meu pai me carrega até a casa escura. Ele me coloca no chão do banheiro, onde me ajuda a tirar minhas roupas molhadas e me cobre de toalhas. Assim que estou seco e um pouco aquecido, ele

enche a banheira e me faz entrar nela. O corpo dele está tremendo inteiro.

– Você está com frio? – pergunto.

Ele olha para mim, seus olhos cansados.

– Não – ele responde. – Tretch, por que você… O que você estava… Você estava…?

De repente ele começa a tremer com mais força, um tremor enorme que o sacode, subindo pelas suas costas e estalando entre seus ombros. Até o pescoço dele estremece.

– Eu… – começo a dizer. Mas o que eu posso falar? – Vou te mostrar.

Sei que vou ter que dizer a ele sobre o diário do tio Dennis, sobre o roubar e o ler. Assim que salto da banheira, com a temperatura do corpo de volta ao normal, ando na ponta dos pés até o meu quarto e tiro de lá minha bolsa de viagem. Não sei como encontro a entrada exata, mas encontro. Acho instantaneamente. Leio alto para ele.

– Ouve o que está escrito aqui, pai. Diz: “Andei pensando, já que agora está fazendo frio e que a lagoa está congelada, em como gostaria de descer pelo bosque em uma noite clara, sentar em cima daquele gelo e olhar para as estrelas. Fico imaginando como isso seria perfeito. Isso faria tudo parecer estar bem, eu acho. Mesmo que fosse só por um segundo, tudo ia parecer em ordem”.

Ele fica em silêncio por um instante, então alcança o caderno. Eu o deixo pegar.

– Filho – ele diz, correndo o dedo pela espiral de metal. – Acho que você deveria ir para a cama.

– Pai, eu estou bem – digo. – Juro.

– Acho que você precisa descansar.

Lágrimas brotam nos meus olhos.

– Pai, eu estou *bem*.

– Tretch. – Ele cobre o rosto com a mão. – Por favor… – Ele engole em seco. – Vai descansar um pouco.

Quero ir embora antes de vê-lo chorar. Estou com medo de vê-lo chorar. Ele não entende que eu vou ficar bem de verdade. Claro, fiz

um uma loucurinha, mas foi mais um acidente.

– Desculpa, pai. Foi idiotice.

– Tretch.

Estou cansado de ouvir meu nome.

– Pai, eu não estava tentando… – Não sei como terminar a frase. “Eu não estava tentando me matar”? Mas não estava mesmo. Ele agita o braço, fazendo sinal para eu ficar quieto.

– Vai – ele diz, olhando para baixo. E aponta em direção às escadas.

Olho para trás, depois volto para ele. Não quero deixá-lo ali sentado no chão do banheiro se perguntando, preocupado comigo agora mais do que com qualquer coisa. Eu me viro e vou andando em direção à escada, com uma sensação dolorida debaixo dos braços, por onde ele me ergueu. E enjoado do estômago pelo que estou sentindo. No andar de cima, deixo a porta do antigo quarto do meu pai aberta enquanto me posiciono no colchão de um jeito que me permite ver a luz do banheiro apagar. Se ela se apagar, vou saber que meu pai está indo dormir. Se ela se apagar, posso ficar tranquilo.

Mas ela fica acesa.

Até onde sei, ela fica acesa pelo resto da noite.

dezoito

Quando me levanto da cama, depois de parecer não ter dormido nada, vejo meu pai sentado no sofá da sala. Ele está ao lado da minha mãe, bebericando seu café, e dá para ver de cara que ele não contou nada para ela.

Tenho de levar em conta que às vezes a gente precisa esquecer certas coisas.

Meu pai não vai dizer nada para minha mãe, e eu não vou contar nada para o Joe. E o que aconteceu demais, afinal? Se o amor é uma forma moderada de obsessão, e a obsessão é uma forma de loucura, então, *sim*, eu fiz uma maluquice. Mas nunca passou pela minha cabeça, nunca quis… Eu já expliquei isso para ele, né? "Eu só queria sentir que tudo vai ficar bem."

Será que ele entende isso?

Quando entro na sala, meu pai ergue os olhos. Mesmo sabendo que ele escondeu isso da minha mãe, posso ver que ele está preocupado.

– Bom dia, Tretch.

– Bom dia, pai.

Minha mãe está lendo o jornal. Ela vira uma página e me dá bom--dia também. Tudo está normal. Por enquanto, está tudo bem. Sim, meu vô está doente, Matt vai embora, eu quase morri, e meu pai provavelmente está se perguntando se eu sou um suicida. Contudo, minha mãe está lendo o jornal, Joe ainda está dormindo e imagino que minha vó esteja na cozinha prestes a despejar café na xícara. Pouco depois, meu vô chega de sua volta matinal de rotina para anunciar que Mary ainda não teve o seu bezerrinho.

– Não sei quando é que ela vai ter – ele nos conta. – Eu tinha certeza de que ia ser por agora…

Não quero partir. Porque partir vai fazer minha história avançar. Partir vai me deixar mais perto do último dia de Matt em Warmouth. Partir vai colocar mais um Natal da Fazenda Farm para trás. Mas o que se pode fazer para deter isso?

Por volta das 11 horas, depois de o Joe acordar e colocarmos as coisas no carro, é hora de se despedir.

– Boas festas, querido – minha vó diz, me dando um beijo na bochecha.

– Boas festas, vó – respondo.

Meu vô fica de lado. Ele levanta a mão para eu bater e, quando bato, ele diz:

– É isso aí!

Eu me jogo no banco de trás ao lado de Joe. Meu pai olha de relance pelo retrovisor.

– Tretch, você precisa do seu CD player? – ele pergunta. – Eu o enfiei aqui no porta-luvas.

– Ah – digo. – Não, senhor. Estou bem.

– Katy, passe o CD player pra ele.

Minha mãe vira a cabeça.

– Tretch, você quer?

Agito a cabeça em sinal negativo.

Meu pai, porém, não se dá por vencido.

– Mas é claro que ele quer a música dele… Ele é o Tretch, não é? – Ele estica o braço até o porta-luvas e o abre com um puxão.

– Tá bom, tá bom – minha mãe fala. Ela tira o CD player dali e passa para mim. – Vai ser bom poder começar a usar o seu iPod, né, Tretch?

– Vai, sim – respondo.

Coloco os fones de ouvido e aperto play, mas nada acontece. Tento de novo.

– Acho que acabou a pilha – digo, tirando os fones.

Já estamos descendo a entrada da garagem. Meu pai vira a cabeça.

– A gente pode parar em algum lugar no caminho e comprar.

Sacudo a cabeça negativamente.

– *Não*, pai.

– Tem certeza? – ele pergunta. – É rapidinho. – Ele pisa no freio.

– Pai – digo, olhando firme para ele. – Eu estou bem. Juro.

– Richard, ele está *bem* – minha mãe reforça. Mas os olhos do meu pai estão presos aos meus, me examinando.

"Mesmo", mexo os lábios, sem emitir um som.

Meu pai faz que sim com a cabeça. "Abra", ele mexe os lábios em resposta. Então ele se vira e tira o pé do freio. O carro sai em movimento. Espio Joe de relance; os olhos deles estão fechados, sua testa descansa contra o vidro.

Abro o CD player.

Dentro dele há um papelzinho dobrado. Parece com a mensagem de um biscoito da sorte. Eu o abro e encontro um recadinho escrito em tinta azul.

Tretch, vai ficar tudo bem. Prometo. Eu te amo.
Pai

Espreito pelo retrovisor e, claro, meu pai está olhando. Aceno com a cabeça. Ele dá uma piscada e vira o rosto. Fecho meus olhos e inclino minha cabeça no encosto do banco. Uma única lágrima desliza do canto do meu olho e abre caminho por minha bochecha. Penso na minha vó e no meu vô, provavelmente agora sentados de volta à mesa da cozinha terminando de tomar seus cafés. Penso no Matt e nos seus pais; talvez eles estejam patinando no gelo no Rockefeller Center ou fazendo alguma coisa do tipo. Por um momento, me pergunto sobre vovó e vovô, sobre o Natal em Dallas com meus primos por parte de mãe. Penso naquele DVD idiota de *O calhambeque mágico*, na minha nova camisa polo, no quadro da equilibrista na corda bamba, no meu diário. Estou animado para usar meu iPod. Eu me pergunto se Lana Kramer recebe algum presente no dia 25 de dezembro como prêmio de consolação, considerando que a Chanuca já passou a esta altura.

Penso por um instante no baile de Ano-Novo da Amy Sinks, em como eu ainda meio que estou ansioso por ele, mesmo que tudo tenha mudado.

Parece que os dias seguintes não chegam a acontecer. Ou talvez estejam tão vazios que sequer contam como dias. Cumpro todas as

minhas rotinas de pós-Natal. Baixo músicas para o meu iPod. Jogo videogame com o Joe, quando ele não está com a namorada. Eu não saio de casa a não ser que esteja com outro membro da família. Não tenho notícias do Matt.

Estou perto de me convencer que aquele lance todo no gelo nunca aconteceu. Sinto como se aquilo fosse um sonho, um sonho ruim, muito provavelmente causado por notícia ruim em cima de notícia ruim.

Por fim, vejo que meus pais começam a se preocupar por eu não estar saindo de casa, então decido ir até a Lanchonete da Mabel. Eu me pergunto se Amy sabe que Matt vai embora, e esse me parece um jeito de saber.

Ela aparenta estar feliz em me ver, e não parece estar triste nem nada, então acho que ela ainda não sabe. Eu não digo muito mais que um oi para ela. Depois me enterro no meu livro.

Perco a noção do tempo até Amy chegar e despejar mais café na minha caneca.

– Uau, não sabia que você lia assim – ela comenta. – Nem que tomava tanto café assim, por sinal.

Estou apenas na terceira xícara.

E estou a uma página de terminar *Uma ilha de paz*.

– Ah, *sim*. – falo. – Tomo café. E leio. Tomo café e leio. – Levanto os olhos para ela. – Basicamente é só isso, Amy.

– Ei, não se esqueça da dança – ela fala, abrindo um sorriso. – Mal posso esperar para ver você arrasar na pista amanhã na festa.

A porta da Mabel se abre com o som da sineta, e Amy saracoteia até o balcão para pegar um cardápio. O cliente é um velho, de visual meio desleixado e calça rasgada. Ele usa um gorro largo que lembra o do Landon, só que o dele tem cara de nunca ter sido lavado. Sua jaqueta, no entanto, parece boa: lustrosa, o que deve repelir a chuva, e grossa o suficiente para mantê-lo aquecido. Ele me lembra o senhor Thumb, embora pareça mais jovem. Dou um puxãozinho no meu cachecol em volta do pescoço, enfiado por baixo da minha camisa.

O velho caminha pesado atrás de Amy enquanto ela o conduz até uma mesa do outro lado da minha. Ele se senta me encarando. “Que esquisito”, penso, baixando a cabeça tão rápido para voltar ao meu livro que acabo estalando o pescoço. Ouço Amy perguntar:

– Quer pedir algo para comer, senhor?

– Não, senhora. Obrigado – o velho responde. – Só um café mesmo.

Até Amy voltar com a caneca e o café dele, termino a leitura. Fecho o livro e os olhos. “Deus”, penso.

– É uma porrada, né?

Levanto os olhos.

O velho está olhando para mim. E é só aí que me dou conta de que ele é o Papai Noel do restaurante do Jim Cho. Ele sorri, suas bochechas ainda estão rosadas por conta do frio. Seus dentes são amarelos.

– Ah – falo. – É, eu odiei.

– *Sério*? Por quê?

– Triste demais.

O Papai Noel do Jim Cho acena, concordando.

– É essa a lembrança que tenho dele.

– Você leu *Uma ilha de paz*?

Estou surpreso. O Papai Noel do Jim Cho não me parece o tipo de cara que se interessaria pela história de dois garotos (melhores amigos) que praticamente arruínam com a vida um do outro.

– Muitos anos atrás. – O Papai Noel alonga os braços. – Mas ainda lembro alguns pedaços. Lembro que era triste.

– Não é um livro ruim – falo. – É só que… hum… – Não consigo encontrar a palavra exata para descrevê-lo.

O Papai Noel agita a cabeça.

– Ele te deixou indignado!

– É – falo. – Talvez isso.

– E não tem problema algum – o Papai Noel me garante.– É bom ter reações fortes em relação às coisas. Especialmente livros. – Ele espia o outro título da minha pilha. – Qual é esse aí?

– *On the Road*.

– A-rá! – Ele assente, fechando seus olhos como se estivesse meditando. – Agora *esse* sim é um livro maravilhoso.

– Sério?

– Ah, é. Um dos meus favoritos. – Ele abre os olhos. – Sim, senhor. Cruzei o país pela primeira vez viajando de carona depois que li esse livro. Larguei a escola, disse para minha família que eu os amava e estiquei o polegar. Algumas semanas depois eu estava lá, com os olhos marejados, de frente para o oceano Pacífico.

Estou um pouco chocado. Quem iria pensar que, fora de temporada, o Papai Noel do Jim Cho fosse um caronista profissional?

– Isso é… – começo – … uau!

– Rá-ráááááá! – O Papai Noel arrasta a metade final da sua risada. – Qual é o seu nome, meu amigo?

– Tretch… Ou, bem, Richard. Richard Farm Terceiro.

– Prazer em conhecê-lo, Richard Farm Terceiro. Gosta de viajar?

– Bom… – Inclino minha cabeça de lado, tentando pensar. Para onde eu já fui, fora Warmouth e a Fazenda Farm? – É, acho que gosto de viajar, sim.

O Papai Noel ergue sua caneca e toma um gole.

– Excelente. Parece natural se você gosta de ler. Afinal, a leitura é só outra forma de viajar.

– Você viaja de carona sozinho?

– Na maior parte das vezes, sim. Mas não me importo. Um tempo atrás, meu filho viajava comigo, mas agora ele é adulto, tem mulher e filhos. Minha mulher morreu uns dez anos atrás. Eu e ela costumávamos ir juntos.

Por um instante, o Papai Noel parece pensativo, como se estivesse lembrando algo específico. Ele só volta à realidade quando comento:

– Sinto muito.

– *Sente muito*? Caramba, rapaz, sente muito *pelo quê*?

– Sua, ahn… – Engulo em seco. – Sua esposa, quero dizer.

– Ah. Bom, você sabe como é. – Ele fica de novo em silêncio por um momento. – Você talvez ache que é uma história triste… Um viúvo inconsolável que pega a estrada e pede carona pelo país para fugir da sua dor, mas, vou te dizer, senhor Farm, não é o caso. – Ele se inclina para a frente. – Você sabe, todo o amor que minha mulher me deu durante a vida dela permaneceu no mesmo lugar onde ela deixou. Mesmo depois de ter partido. Ele ficou bem aqui comigo, e eu o sinto, vivo pra caramba, *todo santo dia*.

Fico pensando a respeito. De certa forma, parece exatamente como o que todo mundo sempre te diz. Mas, de alguma maneira, parece diferente vindo do Papai Noel do Jim Cho.

– Você vai descobrir que viver é acumular coisas boas, senhor Farm – ele me conta. – Se é amor, você pega. Se é uma lembrança, você pega. E, quando você partir, o que vai deixar para trás é…

Ele gira a mão no ar para que eu termine o seu pensamento.

– Ahn… mais coisas boas? – experimento.

– *Tcherto*, garoto! Exatamente! Você entendeu! – Ele estala os dedos e vira o resto do seu café.

A sineta da porta soa de novo. Um homem entra na lanchonete, esfregando as mãos. Ele não parece *tão* esfarrapado quanto o Papai Noel do Jim Cho. Ele não tem a longa barba branca, mas imagino que eles tenham a mesma idade. Ele fica parado à porta.

– Ei, Quaker! – o homem grita. – Você está pronto?

– Ops – o Papai Noel diz, levantando-se. – Não vi o tempo passar, senhor Farm. – Ele enfia a mão no bolso. – Espera aí, preciso pagar a mocinha – ele grita para o homem que acabou de entrar.

Amy sai de trás do balcão. O homem fica parado ao lado da porta e arranca suas luvas, resmungando algo sobre “dinheiro jogado fora” e o fato de “elas não esquentarem nada”.

O Papai Noel olha para mim.

– Ele está bravo porque eu o fiz comprar um par de luvas antes de deixarmos a cidade. – O Papai Noel vira sua carteira, fazendo cair algumas moedas na mesa, e coloca uma nota de um dólar por cima delas.

– Bom, senhor Farm. – Ele estende a mão para mim outra vez e a aperta. – Foi um prazer conversar com você.

– O prazer foi meu, ahn, “Quaker”?

Ele acena positivamente.

– Sim, esse é meu nome de *estrada*.

Aperto sua mão e, como não sei o que dizer, falo:

– Então, boa aventura pra você.

Ele sorri.

– Pra você também, senhor Farm.

Ele solta minha mão e vai até a porta. Seu amigo ainda está criando caso sobre as luvas.

– Eu podia muito bem ficar sem elas – ele está dizendo.

Então a porta se fecha, tocando outra vez a sineta.

Amy aparece para limpar a mesa.

– Quem era *aquele*? – ela pergunta.

– Era o Papai Noel do Jim Cho – explico.

Abro meu exemplar de *On the Road* na página um. “Encontrei Dean pela primeira vez pouco tempo depois que eu e minha mulher nos separamos”. Amy despeja o troco na mão e conta.

– Bom, ele só deu um centavo de gorjeta.

Levanto os olhos.

– Vou te dar uma boa gorjeta, Amy. Não se preocupe.

Ela sorri.

– Tretch, você é o cara mais gentil que existe. Alguém já te falou isso?

Encolho os ombros.

– Pois você *é* – ela diz. – Muito, muito mesmo.

Ela carrega o dinheiro e a caneca do Papai Noel para trás do balcão e então volta e enche minha caneca. Fico sentado lendo até escurecer.

Nenhum de nós toca no nome de Matt.

dezenove

Não tenho notícias de Matt até a véspera da véspera do Ano-Novo. A essa altura, já são três dias de silêncio.

– Tretch! – minha mãe chama. – Telefone pra você!

Sei que é ele. Eu me sinto estranho… E naturalmente ajo assim também.

– A-loooou – coaxo baixinho.

– Nossa, Tretch, esse foi o "alô" mais macabro da história. Como é que você tá? Tudo bem?

– Ah, tudo, tudo – digo, ainda débil.

– Ah, beleza… Bom, agora estou em casa. Liguei pra falar do baile de amanhã. Você vai querer passar pra pegar a Lana antes ou depois de me pegar?

– Ahn, tanto faz. Isso faz diferença pra você?

– *Entãããoooo*, que tal você pegar a Lana primeiro? Assim vocês dois podem ter um bom momento a sós antes de eu aparecer.

Não faço ideia de como fazê-lo entender que *realmente* tanto faz para mim. Achei que tivesse manifestado essa minha concordância/ambiguidade, mas pelo jeito não consegui transmitir isso de jeito nenhum.

– Tretch? Você está aí?

O telefone fica mudo. Tenho um flashback da nossa conversa no Natal. O sinal instável. Prendo minha respiração por um instante, deixando a linha muda. Talvez seja vingança. Sei lá.

– Tretch? A-*lô*?

– Estou aqui. Desculpa, o sinal está um pouco instável aqui dentro de casa.

"Mentira."

– Ah, tá. Então, você vai pegar a Lana primeiro? Pode ser lá pelas nove, já que a festa começa às nove, mas não precisamos ser os primeiros a chegar, lógico.

– Tá, parece bom. Vou avisar a Lana.

– Beleza. Maravilha! Estou bem animado. Vai ser muito maneiro! E posso dormir aí depois?

– Claro – respondo. Falo bem rápido, como um robô sem senso de padrões de inflexão de voz.

– Tá tudo bem, Tretch? Você tá meio esquisito, velho.

– Tá tudo bem. Mesmo, mesmo, *mesmo*. – Às vezes, quando você declara algo com muita veemência, é sinal de que não está dizendo bem a verdade. – Estou bem, cara. – Mas é claro que Matt não percebe isso.

– Ah, beleza – ele diz. – Só pra saber.

– É, talvez eu esteja um pouquinho nervoso, só isso.

"Mentira."

Não estou nem um pouco nervoso. Na verdade, é o oposto. Estou meio apático. Não estou ligando muito para nada disso. Estou quieto no carro, a caminho de pegar a Lana, e minha mãe pergunta:

– Você não está ficando enjoado de novo, está?

Respondo:

– Não, mas não estou me sentindo muito bem.

Aperto o cachecol entre os meus joelhos. Eu o tinha colocado mais cedo, quando estava me arrumando. Mas o arranquei assim que entrei no carro. Acho que ele me deixa com cara de bobo.

Minha mãe batuca no volante com o polegar.

– Ei, talvez um pouquinho de interação social não seja mal, hein? Não acredito que você não tenha chamado o Matt pra vir em casa nesses últimos dias. Ele já não está de volta desde…

– Mãe, às vezes eu gosto de ficar quieto.

– Ah. – Ela se cala de repente, como se estivesse assustada ou coisa assim, como se eu tivesse a intimidado.

Caramba, acho que vou chorar. Eu me sinto o rei da estupidez. Eu não quis dizer neste sentido: "Mãe, pare de falar. Agora quero ficar quieto, na minha". O que eu quis dizer foi: "Mãe, às vezes eu não *quero* ser sociável ou interagir. Às vezes eu não *quero* que Matt venha em casa". Mas quando eu começo a explicar, ela me corta: –

Ah, não. Agora vamos ficar quietos pra valer. Vamos começar bem o ano.

Pelo restante do caminho, ela fica com a cara fechada, e eu fico mal. Não abrimos a boca. Nem mesmo ligamos o rádio. Quando chegamos à casa da Lana, uma casa térrea com parede de tijolos e uma porta azul-claro, salto do carro.

– Tá, volto logo – digo, mas a essa altura Lana já abriu a porta azul, a fechou, e começou a andar em direção ao carro.

– Ahn, oi – digo.

– *Ahn, oi* – ela me imita, sorrindo.

– Lana, você se lembra da minha mãe? – digo. – Ela estava comigo aquele dia lá na Livros, sem querer trazer à tona um tema doloroso…

Estou falando da discussão sobre o Gatsby, não de ela ter perdido o emprego. Mas Lana responde:

– Ai, Tretch, não é doloroso. Não estou nem aí pra isso. – Então percebo que não fui claro.

Ela abre a porta de trás do carro e entra.

– Oi, senhora Farm! Está lembrada de mim?

– Oi, Lana – minha mãe a cumprimenta, agora com um sorriso gigante. – Sim, claro que me lembro de você. Como é que você está?

– Estou bem, obrigada.

Quando chegamos à casa de Matt às nove e pouquinho, permaneço ali no banco da frente. Depois de alguns segundos, minha mãe sugere que eu vá lá bater na porta, então ele aparece. Ele está carregando uma travessa de legumes para petiscar.

– Tretch, você precisava levar alguma comida? – minha mãe pergunta com a voz cheia de pânico.

– Não, tá tudo bem – eu respondo.

– Você quer vir aqui atrás comigo? – Lana pergunta.

– Não, tá tudo bem.

Sim, é verdade que eu estava me sentindo bastante apático, mas não tão apático assim para não perceber que é bem idiota da minha

parte não ir me sentar lá atrás com ela. Ela nunca trocou uma palavra com Matt na vida.

"Bom…", reflito. "Pelo menos a Lana não é tímida."

– Fala aí, *pessoal*! – Matt fala enquanto coloca a travessa de legumes no banco entre ele e Lana. Minha mãe responde com um "oi, Matt". Lana também dá oi.

Dou um meio giro com a cabeça.

– E aí? – respondo, e depois disso há uma pausa, durante a qual minha mãe alcança o dial do rádio e o liga.

– Eu não entendo essas estações que tocam músicas natalinas depois do Natal. Você quer achar alguma coisa? – ela me pergunta.

– Claro – respondo, contente porque agora tenho uma desculpa para passar um bom pedaço do caminho focado no rádio e em nada mais.

Depois de sintonizar uma estação, me ocupo enfiando o cachecol da minha vó dentro do bolso. Matt e Lana conversam educadamente no banco de trás.

Ou melhor, o Matt fala, e suponho que é educado.

– É o seu primeiro baile também?

Capturo pelo retrovisor o olhar arregalado de Lana.

– Ah… – ela balbucia, enquanto minha mãe vira à esquerda na Barrow Street. – É, sim. Acho que não sou muito boa em dançar.

– Bom, então você escolheu o par certo. Não é, Tretch?

Respondo rápido.

– É.

Essa é a única palavra que compartilho até chegarmos à festa.

A Sinks Jovem em Forma é um prédio grande com paredes de concreto do lado de fora. Não tem janelas, só uma porta dos fundos com uma escada de incêndio e duas grandes portas duplas na frente.

Minha mãe entra com o Accord no estacionamento.

– Você querem que eu entre junto…

– *Não*, mãe!

– Estou brincando, né, Tretch? Minha nossa. – Ela freia e nós desatamos o cinto. – *Diviiirtam*-se! – Agora ela está tentando bancar a engraçada. – Te amo, Tretch, meu jovenzinho. Espero que você se divirta muito… – Ela faz barulhos de beijo.

– *Para*, mãe!

Eu me levanto do banco e bato a porta. Quando ela baixa o vidro, tento lhe lançar um olhar de "vai embora", mas ela não entende ou simplesmente ignora.

– Tretch, eu estou só te enchendo. Você sabe que eu preciso te encher. Vocês três, aproveitem muito. Volto mais tarde pra pegá-los.

Aceno com a cabeça:

– Valeu, mãe.

– Te amo, Tretch.

– Te amo também, mãe.

Ela sobe o vidro e pouco depois o Accord está deixando o estacionamento. Por uma fração de segundo, sinto que queria ir embora com ela, fazer alguma coisa divertida e tosca para passar o Ano-Novo, igual fizemos ano passado – jogando Monopoly (na esperança de fazer fortuna!) e assistindo aos fogos pela tevê.

Matt segura sua bandeja de legumes com orgulho, como se fosse seu ingresso para entrar na festa. Lana encosta no meu braço com seu ombro. Ela está nervosa, dá para ver. Mas faz sentido. Afinal, ela é um pouco estranha.

Ela agarra meu braço.

– Tretch – ela diz. – Espera.

Matt para diante das portas duplas e se vira.

– Vocês não vão entrar?

– Ahn. – Eu me viro para Lana. – Um segundo, Matt.

Ele hesita, segurando a maçaneta. Olho para Lana e vejo o pânico tomando seu rosto.

– Vai indo – digo para ele. – A gente já vai.

Ele dá uma piscadinha. E eu penso: "Sério? O que ele acha que vou fazer? Beijá-la?". Ele empurra a porta com as costas. Uma música de rap com graves fortes escapa pela abertura, e ele

desaparece. Eu me pergunto se vou voltar a vê-lo pelo resto do baile.

– Eu… Eu não quero entrar – Lana gagueja. – Eu não quero entrar aí.

– Mas – eu digo. – A gente *tem que* entrar. Já estamos *aqui*.

– Tretch, eu só… – Ela baixa a cabeça. Flagro uma pequena marca de arranhão na parte de cima do seu vestido branco. – Todo… Todo mundo vai estar aí dentro, e…

– E o *quê*? A Amy está aí. Ela é sua *amiga*, Lana.

– Eu não *tenho* nenhum amigo, Tretch! Eu não… eu realmente não *conheço* ninguém, e ninguém nem mesmo *tenta* me conhecer. – Ela puxa a barra da saia. – Quer dizer, o que é que eu estou *vestindo*? – Ela olha para mim, desesperada por uma resposta.

– Lana, você está bonita – falo. – Você está bem bonita.

É aí que ela começa a chorar.

– Ah, é? – ela fala. – Então, se eu estou tão bonita, como é que… – Suas narinas tremem como as de um touro em um desenho animado. – Como é que você não sentou no banco de trás comigo vindo pra cá?

– Quê?

– Como é que você não gosta de mim, Tretch?

– Lana, eu…

– Quer dizer, é porque minha família é judia e vocês são cristãos? Porque se é isso…

– *Lana*. – Coloco a mão no ombro dela. – Lana, por que *raios* ia ser isso?

– Essa foi a explicação do Andy McRae! – Ela vira o rosto e limpa o nariz. – Foi isso que ele disse quando dei a ele um cartão de dia dos namorados no sétimo ano.

– No sétimo ano? Lana, você agora está no *ensino médio*.

– É a mesma coisa, Tretch. – Ela sacode a cabeça em negativa. – Todo mundo diz que é diferente e que todos agem mais como adultos e coisa do tipo, mas isso é mentira. É exatamente a mesma coisa.

Ela enxuga o rosto com as costas da mão e dá uma boa puxada de ar pela boca, *Uuuuh*, como se isso trouxesse o alívio de que ela precisa.

– E, Tretch, você não precisa gostar de mim. Eu só… Eu gosto do fato de que você adora livros e de você ser inteligente e se vestir bem e…

Ela olha nos meus olhos. “Ai, não”, eu penso. “Lá vem”. De algum modo, estou preparado, embora nunca tenha acontecido antes.

O rosto e os lábios contraídos de Lana arremetem rápido. Não tenho nem tempo em pensar em desviar.

– Lana… – começo a falar, mas ela atraca.

Meu primeiro beijo.

Tão rápido quanto acontece, ele termina.

– … eu sou gay.

Lana recua.

– O *quê*?

A expressão no rosto dela não é de choque total. É de outra coisa.

– Eu… Eu… – Agora é a minha vez de gaguejar. – Eu, pois é, então, como eu disse…

– Ah. – Ela fica em silêncio por um instante, me observando. – Sério?

Aceno que sim.

– Bom – ela tenta –, acho que isso explica sua teoria para *O grande Gastby*, né?

Dou uma risada nervosa.

– É. Pode-se dizer que o meu “radar gay” é bem preciso, e que o Nick Carraway fez soar o meu sinal alerta.

Ela tenta sorrir, mas sem sucesso.

– Eu sou a última a saber disso? Todo mundo já sabe? Isso quer dizer que estou fazendo papel de idiota?

– Ninguém sabe – confesso. – Quer dizer, meu irmão sabe. Ninguém mais. Portanto você não está fazendo nenhum papel idiota. Sério.

– Ah – ela diz, tentando absorver toda essa informação.

É estranho, mas não estou preocupado que ela saiba. Bom, talvez só um pouquinho.

– Então – ela fala –, acho que isso muda as coisas um pouquinho, né? – Ela ri no final, deixando um sorriso aparecer.

Mas sinto que preciso desafiá-la.

– Isso muda o quê? – pergunto, olhando incisivo para ela. – Me fala.

– Ahn… Isso quer dizer, ué, lógico que a gente nunca poderia sair.

– Ah, *isso* – falo. – Falando sério, o que isso *muda*?

Lana ergue uma sobrancelha.

– Ahnnn…

– *Nada!* – respondo por ela. – Isso não muda absolutamente nada. Não é ótimo? Eu continuo sendo Tretch Farm, e você continua sendo Lana Kramer, e nós dois continuamos sendo os desajustados de Warmouth, parados do lado de fora da nossa primeira festa do ensino médio, que está destinada a ser uma horrível experiência pra nós dois. *Mas*, mais importante que isso, você gosta de mim por quem eu sou, e eu gosto de você por quem você é, e sabe o que isso quer dizer pra mim, Lana Kramer?

Ela agita a cabeça em sinal negativo.

– Pra mim, isso quer dizer que somos amigos.

Bem nesse momento um jipe branco chega, e nós olhamos um para o outro. Eu me viro de lado e estendo meu braço para ela segurar.

– Mas não pense nem por um segundo – digo – que, se eu *fosse* hétero, não iria tentar laçar a lua pra você. – O rosto dela fica rosa--choque. – Você merece a lua, Lana Kramer. E muito mais.

Ela sorri e, olhando para baixo, fala baixinho:

– Nós dois merecemos.

Posso confiar nela. Sei que posso. Meu segredo está a salvo com ela. E, melhor ainda, não precisa mais ser um segredo. Não com ela.

Será que ela entende isso tudo? Não sei.

Só sei que ela segura meu braço, e juntos atravessamos as portas duplas com “Teenage Dream”, da Katy Perry, martelando pelo corredor escuro. “É isto”, penso. “Este é o *sonho adolescente*. ” Viramos em um canto e contemplamos a pista de dança.

Totalmente vazia.

Eu me aproximo de Lana e sussurro:

– Isto aqui não deveria ser um baile?

As pessoas estão encostadas nas paredes, só esperando alguém dar o primeiro passo. Avisto Matt tirando a tampa de plástico da sua bandeja vegetariana e pegar um palito de salsão para petiscar. Amy está parada ao lado dele.

Dou um passo para trás e seguro a mão de Lana. Ela ergue o queixo.

– Primeiro você – digo, fazendo um gesto com minha mão livre.

– Tretch, *não*… – ela começa a declinar, mas eu a giro mesmo assim.

As palavras de Lana (“*Nós dois merecemos*”) ecoam na minha cabeça enquanto ela rodopia.

– Bom, já que você *insiste* – ela diz depois de parar de rodar. Seu rosto está todo vermelho e sorridente – Uh! Agora fiquei tonta! – Ela está rindo, não uma risada de constrangimento, mas uma de verdade.

– Eu não estou nervoso com toda essa gente olhando… Você está, Lana Kramer?

– Deixe que olhem, Tretch Farm.

– Foi só pra saber – digo, e, como se essa fosse a deixa, começa o refrão. – *Nós dois merecemos!* – grito.

É como se eu estivesse indo para a guerra, o que não é o que estou fazendo – ou será que é, simbolicamente? A guerra para salvar esta festa? Lana está fazendo uns movimentos espetaculares com os braços, abanando-os para os dois lados e os juntando-os acima da cabeça com as mãos curvadas em concha. É quase como se ela estivesse se coroando. Seus olhos estão fechados, e eu entendo. Dançar é espiritual. Dançar é pessoal. Há pessoas que

olham para alguém dançando e dizem “que exibido”. Elas estão apenas reparando no corpo desse alguém que está dançando. As pessoas estão só olhando para o jeito como os cotovelos dele, ou dela, se projetam para fora, para a forma como seu quadril balança e como seu pescoço se curva. Elas criticam todas essas coisas, dizendo: “Essa pessoa aí não devia estar dançando. Essa pessoa aí não tem ritmo!”.

Mas quem dança é imune a tudo isso.

– Ei, Tretch – alguém atrás de mim fala.

Giro o corpo.

– Oh, ei, Amy!

– Sei que já te falei isso antes – ela diz, apertando seu quadril contra o meu –, mas você mágico, sabia?

Amy se afasta com uma pirueta, seus dedos tremulando, e eu juro que aquela garota é metade pássaro pelo jeito que ela voa. Ela voa até os braços de Matt, claro, e eu viro o rosto. Alguns casais estão na pista agora, e estou girando por ela toda à procura de Lana.

No entanto, não consigo evitar. Olho para trás outra vez. Matt e Amy estão se balançando sem sair do lugar, e fico com a sensação de que Amy gostaria que Matt dançasse melhor, embora ele esteja se entregando para valer. Seus olhos estão fechados. Sua cabeça está se agitando. Ele está curtindo. É demais.

“Bom”, penso. “Bom pra você, Matt.” Rodopio outra vez e vejo Lana. Há duas pessoas do seu lado, Anna McCreigh e Paul Goodroe, e dá pra ver que ela foi parar dançando no meio deles sem querer. Não consigo deixar de sorrir. Ainda não estou sem fôlego, mas minha garganta já está seca.

– Ei, Lana – eu a chamo.

Ela está de costas para mim. Seus braços estão no alto quando toca o refrão final. Ela se coroa de novo.

– Lana!

Abro caminho até ela quando Paul e Anna saltam de lado, erguendo os punhos como a maioria das outras pessoas na pista.

Ela se vira.

– Ah, oi, Tretch – ela diz, sorrindo. – Isto aqui está demais.

– Verdade, está mesmo. Hum, você quer ir tomar uma água?

– Claro. – Ela sorri, e nos juntamos à massa de punhos erguidos, pulando até chegarmos em segurança às portas duplas.

– Acho que fomos nós que começamos, Lana – digo enquanto saímos no corredor escuro da Sinks Jovem em Forma.

Se fosse uma cena de um seriado, e Lana e eu fôssemos o típico casal de adolescentes em uma festa de Ano-Novo, então talvez estivéssemos fazendo alguns passos de dança só nós dois, bem aqui na escuridão do corredor. Então começaria a tocar uma música lenta e ficaríamos bem agarradinhos, balançando.

Em vez disso, porém, Lana vai até o bebedouro e volta com a testa pingando de suor.

– Uh! – ela diz. – Você tem razão, isto é incrível! Eu não sabia que você dançava tão bem!

– Bom, tenho bastante prática. – Aproveito minha vez no bebedouro e sorvo a água com barulho.

Começa a tocar uma lenta. A água fica entalada na minha garganta.

– Ah, não.

É aquela música "Desperado", dos Eagles. E, sem querer ofender – adoro os Eagles; ano passado, durante um mês inteiro, o Joe tocou o álbum *Hotel California*, repetindo sem parar no carro dele –, mas essa música? Em uma festa de Ano-Novo?

Os olhos de Lana se arregalam, e um sorriso atravessa seu rosto.

– O que é *isso*?

– Vai estragar total o que a gente começou – digo. – Com uma música, esse DJ vai matar a festa.

Ficamos sem falar nada por um instante. Os olhos dela disparam para o canto do corredor e voltam para mim. Tomo outro gole de água do bebedouro…

– Então você está apaixonado por ele? – ela pergunta.

… e começo a engasgar.

– *Quê*? – Levanto para conseguir respirar, batendo no meu peito. – *Quem?*

– Ah, para com isso. Você sabe quem.

– O "travessa vegetariana"?

– Esse mesmo.

Olho para Lana. Sei que posso ser honesto com ela. Ela não é do tipo sacana. Tá, ela roubou alguns livros da loja do primo e foi despedida, mas quem se importa com isso?

– Sim – falo para ela. – Acho que estou.

Lana acena com a cabeça.

– Uau. Isso acaba comigo.

– Como assim?

– É que é tão… *triste*.

– Ei – digo. – Não sei você, mas eu estou ótimo.

– Tretch! – Lana sorri. – Você é…

– O quê?

– Um herói total, cara.

Faço uma dança de zoeira para aquela música chorosa vindo da pista.

– E aí, é impressão minha ou essa música já está acabando? – Pisco e pego Lana pela mão. – Vamos lá fazer um pedido para o DJ. Vamos ser heróis de verdade se conseguirmos salvar este baile.

Ela me segue pelo corredor e cruzamos a pista. Outra vez, todos estão parados no canto como girafas diante de um laguinho. O DJ fica na ponta da pista, atrás de uma grande mesa com todos seus equipamentos espalhados nela. Ele é grande, tem cabelo comprido e barba, e usa óculos escuros com fones de ouvido. Eu o observo digitar alguma coisa em um pequeno laptop prateado e me pergunto que outras canções favoritas dos nossos pais ele acabou de planejar para tocar em seguida. Será que ele não consegue ver que ninguém está se divertindo?

– Ei – eu digo.

Ele afasta um dos fones de ouvido da cabeça.

– Fala, garoto.

– Você tem alguma da Ellie Goulding aí? – pergunto. – Aquela música “Anything Could Happen”?

– Claro, tenho sim. Você quer ouvir?

– Isso aí, chefia. – Imagino que, se ele pode me chamar de “garoto”, posso chamá-lo de “chefia”.

– Espera aí. – Ele olha para a tela do computador. – Pronto. Tá aí, garoto. – Ele mexe em alguns botões de um painel na mesa de equipamento e *voilà*!

Os conhecidos *ih-ih-ihs* explodem pelas caixas de som. Eles me empurram até o meio da pista. (Eu juro, estes *ihs* têm vontade própria, e essa batida é mágica.) Eu me sinto como Dean Moriarty do *On the Road*. Eu me sinto como ele quando escuta um bom jazz. É como se tudo estivesse gritando para mim “Vai! Tretch! Vai! Vai!” e, antes que eu me dê conta, estou me balançando para cima e para baixo, batendo meus braços, trabalhando os passos que pratiquei em casa. E pensar que, em todo o tempo que passei me preparando, nunca imaginei que a razão disso seria este momento. Este momento. E nada mais. Na minha cabeça só há espaço para duas coisas: a música e os meus passos.

Não me lembrei de trazer a Lana para a pista comigo. Desta vez, estou sozinho. Jogo meu quadril de lado e tiro o cachecol do bolso. Eu o seguro firme acima da cabeça. A batida constante do primeiro verso vai se elevando, já vem subindo há algum tempo, quase no pico, aí vem o refrão – “*Anything could happen, anything could happen*” –, então ela chega lá.

A batida faz mais que faísca.

Ela explode.

Olho para o teto com a cabeça caindo para trás e o pescoço esticado, chacoalhando os ombros e agitando os braços. Olho para o chão e sacudo os cotovelos, o quadril. Olho para todos os lados enquanto me mexo, para todos os lados, menos para Matt Gooby. “Não olhe pra ele.” O pensamento vem com clareza. “Esqueça-o.” Eu me mexo feito doido, com mais força do que jamais me mexi, e estou suando. Sinto o suor na minha testa e dentro da minha

camisa. Eu o sinto descendo pelas pernas da minha calça. Em um pedacinho rápido da coreografia, deito e rolo no chão e, quando me levanto, tem poeira grudada nos meus braços. A pista não tinha sido varrida, o que ajuda quando faço o *moonwalk* (eu só tinha conseguido fazer antes de meias), o que arranca aplausos.

Ouço gritarem "*vai, Tretch!*" e "*arrasa, garoto!*". Mas isso não importa. Não estou dançando para eles.

A música está quase acabando… Só faltam alguns passos.

– *Anything could happen, anything could happen*.

Dou tudo de mim, focado.

– *Ih-ih-ih-iiiiih.*

Salto. "Está quase acabando, está quase acabando", digo para mim mesmo. Olho para a esquerda, olho para a direita, vem o último verso da música, e o rosto de Matt aparece na minha frente. "*But I don't think I need you*" – "Mas acho que não preciso mais de você" – … e então ela termina.

– Tretch! Tretch! – Ele está gritando e sacudindo meus ombros. – Isso foi *incrível*! Nunca imaginei que…

Eu me volto para ele, mas estou sendo arrastado por todo mundo ao nosso redor. Mãos me puxam pelos braços e ombros até a multidão acalorada. Todos estão entoando:

– Tretch! Tretch! Tretch! Tretch!

É como um sonho bom.

Eu me sinto valente como nunca antes, e acho que todo mundo também está se sentindo assim. Porque, na música seguinte, não tem uma alma viva que não esteja ali dançando. Somos todos nós, todos nós juntos, e, vou te dizer, isso é um milagre.

vinte

Depois da festa, encontramos minha mãe com o carro estacionado do lado de fora da Sinks Jovem em Forma. Estamos todos exaustos e felizes, e, assim que desço do meio-fio para o estacionamento, juro que sinto poder voar.

É algo que minha mãe percebe.

– *E aí?* – ela pergunta, toda empolgada – Como é que foi?

Matt se manifesta imediatamente.

– Caramba, senhora Farm, foi *demais*. Você sabia que o Tretch sabe se *mexer* desse jeito? Nossa!

– Verdade? – Minha mãe me observa enquanto me sento no banco da frente. – Quer dizer que você tem o gingado, Tretch?

– Ele tem mesmo, senhora Farm – Lana concorda. Ela está radiante, seu rosto ainda corado.

– Olha só, muito bem. – Minha mãe me cumprimenta, batendo na minha mão. – Vai, Tretch!

– É, foi legal – digo. – A gente se divertiu bastante.

Levamos Lana até a casa dela. Ela sai pela porta de trás.

– A gente se vê, Tretch – ela diz. – Passe lá na Mabel alguma hora dessas. – Então, como se tivesse acabado de lembrar que Matt estava ali também, ela acrescenta: – E você também, Matt.

– Pode deixar, Lana.

– Pode deixar.

Minha mãe acena da janela enquanto partimos.

– *Feliz Ano-Novo, Lana!* – Ela se vira para a gente. – Eu *gosto* dessa garota. Ela é uma fofa.

– Está vendo, Tretch? O que foi que eu te falei? – Matt comenta do banco de trás. Ele me cutuca no ombro.

– Ela é uma boa amiga – digo. Viro para encarar Matt. – Só uma amiga. E honestamente não quero que seja mais do que isso.

– Talvez não *agora* – Matt provoca.

– Ou talvez *nunca*. – Isso sai com um pouquinho mais de intensidade do que o planejado. Matt se afunda para trás no banco.

– Tretch! – minha mãe fala no seu tom de “tá tudo bem mesmo?”.

– Quer dizer, *argh*, desculpa. Isso soou péssimo, foi mal. – Viro minha cabeça para a janela. Um cemitério passa voando na noite, e eu fico nessas: “Que foi que eu fiz? A primeira noite boa desde o Natal e estou estragando tudo”. – Quer dizer, não tenho nada contra a Lana, de jeito nenhum. É só, sou só *eu*, sério…

– Como? – Matt pergunta. – Vocês gostam das mesmas coisas.

“Agora chega”, decido. Estou de saco cheio desse argumento “vocês gostam das mesmas coisas”. Eu me viro para trás.

– Matt, é *possível* gostar de coisas *diferentes* e ainda assim se apaixonar, sabia?

– Eu…

– Na verdade, há quem defenda que quando duas pessoas que gostam de coisas diferentes se apaixonam, isso traz todo tipo de coisas boas e emocionantes pra relação. Para os dois lados!

– É, é, eu sei – Matt fala. – Eu não quis dizer…

– Tretch – minha mãe diz, desta vez com a voz de “o que foi que deu em você?”.

Sinceramente, o que foi que deu em mim? Estou sendo um idiota com o Matt.

– Desculpa insistir tanto. Sei que é irritante.

“É irritante mesmo!”

– Eu só quero que você… – ele começa a falar.

O quê? Ele só quer que eu… o quê?

– Eu só quero que você tenha alguém. Sabe, tipo, pra depois que eu for embora de Warmouth. Mas, quer dizer, se você e a Lana vão ser amigos, isso também é legal. Desde que você tenha alguém depois que eu for embora. Amigo, namorada, seja o que for, não importa. Desde que você não esteja sozinho.

“Que magia teria Ellie Goulding lançado esta noite?”. Esse não é o Matt Gooby que conheço. Esse não é o *meu* melhor amigo. Esse é um *legítimo* melhor amigo. É isto que ele está dizendo: “Eu me importo com você, Tretch Farm, e vou continuar me importando mesmo depois que tiver partido”.

– Você se preocupa tanto com os outros – ele continua. – Mas receio que, depois que eu partir, não vai haver ninguém na escola que se preocupe com *você*.

Estou olhando pela minha janela. Não quero ver a expressão na cara da minha mãe enquanto Matt diz essas coisas e não quero que ela veja a minha de jeito nenhum. Não quero que ela olhe enquanto absorvo, enquanto percebo que Matt me ama *mesmo*.

Ele me ama, e ele só conhece metade de mim, a metade que eu mostro para ele. O mesmo vale para minha mãe, meu pai, minha vó e meu vô. Para todo mundo, na verdade, exceto Joe e Lana. Durante todo esse tempo, tenho imaginado meu segredo como algo que mantenho para protegê-los, para fazer com que seja mais fácil para os outros me amarem. Em vez disso, porém, eu só tenho roubado… roubado deles a chance de me amar por inteiro.

Tenho tornado mais difícil para eles.

– Hum – digo. – Bom, não esquenta comigo, Matt. Eu vou… – Percebo que preciso contar a ele. – Eu vou ficar bem. De verdade. Quer dizer, não me entenda mal, vou sentir sua falta e tudo mais.

– Também vou sentir sua falta – ele diz. – Meu melhor amigo.

Eu me viro para vê-lo. Minha mãe não abriu a boca por esse tempo todo, e sou grato por isso. Seus olhos estão focados na estrada. “Vou precisar contar a eles todos”, penso. “Mas quando?”

– Matt – eu digo. – Caso ainda tenha dúvida, você também é o meu melhor amigo. E todo mundo sabe que, na vida, você nunca vai encontrar alguém com o mesmo significado que o seu primeiro melhor amigo tem pra você. Simplesmente não é assim que funciona.

Volto a me sentar direito no banco.

– Você deve ter lido isso em algum lugar – ele diz, rindo.

Assim que chegamos na minha casa e no meu quarto, Matt começa a fazer aquela coisa de tirar toda a roupa na minha frente, antes de entrar no chuveiro. Ele ainda está falando sobre a festa.

– Sério, *Tretch*, você precisa ensinar aqueles passos. Você viu como estava todo mundo ali te cercando? Foi genial, cara.

– Matt – digo. Ele está desafivelando o cinto, e eu penso: “Bom, essa parece uma boa ocasião”. – Eu sou gay – falo. – Ahn, desculpa ter demorado tanto pra te contar.

Os cotovelos de Matt caem de lado, mas suas mãos continuam segurando a fivela do cinto. A expressão em seu rosto é afetuosa e, por um instante, chego a pensar que ele vai confessar também.

“Então é isso”, penso. “Se vai rolar algo em algum momento, a hora é agora, é agora que ele vai me contar que também é gay, e que todo aquele seu papo de ser louco por garotas era uma farsa, porque, assim como eu, ele também estava sem graça pra dizer a verdade.”

– Tretch – ele diz. – Que maneiro. Quer dizer, você sabe que pra mim isso é tranquilo e tudo mais, já que eu é que *tenho* dois pais gays, mas… – Ele sorri. – Valeu por me contar.

Balanço a cabeça.

– De nada.

Quero sair do quarto antes que Matt tire a calça. Sinceramente, eu nem sei mais se ele vai tirar a calça, agora que contei para ele. Isso ia ser falta de respeito, não? Ou será que seria desrespeito se ele não tirasse, já que normalmente faria isso? Sei lá.

– Vou correndo lá pegar um saco de dormir para usar hoje à noite. Ah, e depois que você sair do banho, a gente pode ir lá embaixo assistir aos fogos pela tevê.

– Me parece uma boa – ele diz.

Eu me viro para sair.

– Ah, e, Tretch…

– Oi? – Minha mão já está na maçaneta.

– Sério, valeu, ahn… – Ele hesita. – Ahn, valeu por ter me contado. Eu sei que é… Bom, sei que não é fácil. É um negócio importante.

– Aah, pff… – Agito a cabeça negativamente. Ele nunca vai saber quanto está certo. – Foi bem mais fácil do que eu fiz parecer. Acredite.

Ele ri.

– Bom garoto.

Lá embaixo, no armário da sala, estou para desencavar – debaixo de um aglomerado de papel de presente e de materiais de artesanato da minha mãe – o antigo saco de dormir do Joe da época do ensino fundamental, quando começo a pensar no que estou fazendo.

Antes desta noite, eu e Matt sempre havíamos dormido na mesma cama, sem hesitar. Mas agora que me assumi para ele, estou dentro de um armário surrupiando um saco de dormir para que a gente não tenha mais que fazer isso.

Matt não me pediu para fazer isso.

"Tem alguma razão para eu estar fazendo isso?"

Possíveis respostas:

a) Não. Nada mudou; você continua o mesmo amigo devotado, compartilhador de lençóis e que rola pouco na cama, *igual* a antes de ter se assumido.

b) Sim. Nada realmente mudou; *pelo amor de Deus*, *você continua apaixonado por ele!* E dormir na mesma cama que ele iria apenas provocar ideias equivocadas e infundir esperanças, difíceis de serem arrancadas, de que um dia, certo dia, talvez… esse tipo de coisa pudesse ser real.

c) Não. Alguma coisa *mudou*; você não está mais apaixonado por ele. Então, vá em frente, durma com ele.

c) Sério, Tretch. Pense a respeito…

c) Na festa, certo? Lembra aquela parte da música, durante o refrão, em que a Ellie grita: "*Mas acho que não preciso mais de você!*" – "*But I don't think I need you!*". Você olhou na cara dele! Foi como se fossem suas próprias palavras, cara!

c) Eu não sei, Tretch. Talvez seja melhor não me dar ouvidos. Você ainda *está* apaixonado por ele? Se estiver, sugeriria alternativa (b), ou talvez (a).

d) Não. Não há motivo para você achar que não pode dormir na mesma cama que o seu amigo, Tretch. Não seja

ridículo.

c) *Ah!* E mais uma coisa! O que foi que você sentiu, Tretch? Quando você ouviu aquelas palavras, "*Mas acho que não preciso mais de você!*"? Você sentiu como se tivesse acabado de soltar um balão que estava segurando por tanto tempo que você já estava quase desistindo e o deixando te levar para cima, bem para o alto, e longe, até que você ou (a) se asfixiasse, (b) se desintegrasse na atmosfera ou (c) tanto (a) quanto (b)? *Ou! Talvez!* Foi a mesma sensação que você tem quando larga um saco de dormir – um que você estava carregando, pesado com todos aqueles significados extras – e o vê cair no chão do armário… mas talvez sem aquele prazeroso som abafado no final.

"Foi isso que você sentiu, Tretch? Foi isso?"

Eu amo Matt. Sei que amo.

A questão é que, pela primeira vez, parece que nosso amor é… o mesmo. E o amor de um não é mais forte, mais profundo, mais desesperado ou mais honesto que o do outro.

"Ainda estou apaixonado por Matt Gooby?"

Talvez. Mas o que eu sinto agora é diferente.

Sinto isso sem a dor.

No andar de cima, Joe está escovando os dentes no banheiro do corredor. O zumbido da escova elétrica me faz lembrar do meu vô, do seu projeto de solda, as asas de anjo. Talvez ele tenha conseguido um belo progresso nos últimos dias, sem me aguentar entrando e saindo de sua oficina.

– Ei, Joe. – Enfio minha cabeça no canto da porta do banheiro. Joe já está com sua roupa de dormir, uma calça xadrez e uma camiseta do Ramones. – Feliz Ano-Novo – digo.

– *Feliz Ano-Novo, senhor Potter!* – ele responde com sua boca fazendo formas engraçadas ao redor da escova. Ele enche a mão com a água da pia, e o zumbido da escova para.

– Sua noite foi boa? Joe cospe.

– Foi, tirando que eu comi, sei lá, uns dez pedaços de pizza…

– Vixe.

– Pois é. – Joe enxuga o rosto com a toalha de mão sobre a pia. – Foi legal passar o Ano-Novo com a Melissa e uns amigos dela. Uma coisinha bem intimista. Uma amiga dela, a Becky Ambrose, lê cartas de tarô, e ela tirou nossas cartas e leu em voz alta. E você sabe qual foi a *primeira* que saiu pra mim?

– Qual?

– A carta da Morte. Quase tive um ataque de pânico. Mas a Becky explicou que não significa morte, tipo, *literalmente*. Só quer dizer mudança, se livrar de uma coisa velha e mergulhar numa nova.

– Ah – falo. – Interessante.

– É! Por isso acho que ela devia estar falando sobre a faculdade e sobre eu me mudar e coisa e tal, mas, de cara, quando vi que era a carta da Morte, pensei…

– No vô? – pergunto.

– Exatamente! Então você também pensou nisso.

– No começo, sim.

Joe encolhe os ombros.

– Acho que a gente sabe qual o nosso maior medo do momento. – Ele se vira do espelho para mim. – E como foi a sua noite?

– Boa – respondo. – Eu, ahn, me assumi pra algumas pessoas.

– Uau, isso é… Na festa? Pra quem?

– Matt e Lana. Matt depois da festa. Ele está aqui agora.

Joe inclina seu quadril contra a pia.

– Isso é demais. – Ele cruza os braços e sorri. – Foi tudo bem?

Assinto.

– O que foi que te fez decidir fazer isso? Simplesmente um surto de coragem?

Eu rio. Talvez a dança? A sensação de ter todas aquelas mãos debaixo de mim, me levantando. Falo para Joe:

– Não sei ao certo. Quer dizer, se você não consegue se assumir para o seu melhor amigo na noite de Ano-Novo, quando é que você vai conseguir?

Joe abre um sorriso.

– Hum. Ano novo, vida nova. Continuo achando que é preciso ter muita coragem, Tretchito. Vai saber? Este ano agora pode ser o mais corajoso da sua vida.

– O seu também – digo. – Com a faculdade.

– É, talvez. Vamos ver, né?

– Isso aí. – Reparo em mim no espelho. Engraçado, nem tinha me dado conta de que estava sorrindo antes, mas agora vejo. Não é um sorriso de orelha a orelha, mas ele está ali, sem esforço e sincero. – Vamos ver.

Quando entro no meu quarto, Matt não me olha procurando o saco de dormir nas minhas mãos. Na verdade, ele não procura por nada. As luzes estão apagadas, e ele está estendido na minha cama, com seu cabelo molhado do banho, em uma camiseta cor de pêssego e calça de pijama xadrez que ele pegou no meu armário. Seus olhos estão fechados.

– Matt? – pergunto.

Então eles se abrem tremulantes.

– Hum?

– Você já está dormindo?

– Quê? Ahn, não, não… – Ele se esforça para se sentar. – Eu só, ahn, nossa, não me diz que já é de manhã.

– Rá! Não, não. Meu Deus, você estava mesmo dormindo. Esse foi o caso mais rápido de alguém caindo no sono que eu já vi…

– O que eu posso dizer? Nós pegamos pesado na pista.

– Pode crer.

As mãos de Matt desabam no seu colo e ele sorri. Posso ver seus olhos pestanejando no escuro, e quando ele sorri… Posso ver isso também.

– Feliz Ano-Novo, Tretch.

– Feliz Ano-Novo, Matt. Agora chega pra lá e me dá um pouco de espaço.

vinte e um

Às 4h30 da manhã, o telefone toca. Matt está dormindo de barriga para baixo, com suas mãos enfiadas entre o quadril e o colchão. Sua cabeça está inclinada de lado e sua boca, escancarada. Ele continua dormindo profundamente, mesmo com o telefone gritando.

Por fim, escuto meu pai atendê-lo.

– Alô – ele diz.

Não consigo distinguir o resto. Saio da cama, abro a porta e desço a escada.

As luzes da cozinha estão acesas. Meu pai está fazendo café, suas pálpebras estão inchadas.

– O que aconteceu? – pergunto.

– A Mary – meu pai me conta. – Um pouco mais tarde do que se esperava, mas finalmente ela está tendo aquele bezerro.

– Ah – digo. – Ele está…?

– O bezerro está virado.

– Xiii…

– Melhor ir lá acordar o Joe.

– Tá bom. – Vou saindo da cozinha.

– Você acha que consegue ir nos ajudar?

Eu me viro.

– Ah, claro. – Falo, embora a última vez que isso aconteceu tenha sido traumático de verdade. – Mas, se todos nós vamos, é melhor eu acordar o Matt também.

– Bom… – Meu pai assente com a cabeça. – No mínimo, acho que vai ser uma nova experiência para ele.

– Verdade – digo, e me viro para subir a escada.

A casa da Fazenda Farm está acesa quando chegamos ali. Minha vó preparou pãezinhos doces, que já estão assando em uma forma, com manteiga derretendo no meio de cada um deles. Meu vô está andando de um lado para outro na sala.

– Melhor pegar uns pães pra eles levarem – ele fala.

Ele olha para Matt de cima a baixo, mas não se apresenta. Acho que Matt está cansado demais para notar isso. Minha vó coloca dois pães nas mãos dele, dois nas minhas e dois nas de Joe.

– Obrigado, vó – agradeço.

– Não tem de quê. – Minha vó faz um aceno com a mão. – Eu sabia que vocês não iam ter tempo para comer.

O relógio no micro-ondas marca que agora é 5h37.

– Tá todo mundo *pronto*? – A voz do meu vô carrega um tom de ansiedade. – Não estou *achando* a Mary de jeito maneira. Estava com ela um bocadinho mais cedo, mas agora não estou conseguindo encontrar. Ela deve estar com medo.

– O bezerro já está aparecendo? – meu pai pergunta.

– Tá. – Meu vô acena uma única vez. – Um tantinho. – Ele entorta a boca.

Fazer o parto de bezerros não está entre as atividades favoritas do meu vô. Ele fica todo enjoado quando assiste um nascimento. Sem contar o seu estado de nervos. Eu nunca tinha o visto tão tenso na vida como no último ano, no parto de um bezerro que também estava virado no útero da vaca. Aquele foi o primeiro nascimento que eu acompanhei, e ocorreu durante o dia.

E não estava assim tão frio.

– Você acha que esse ainda está vivo, vó? – pergunto.

O último nasceu morto, e eu nem tive coragem de olhar para ele.

Minha vó sacode a cabeça negativamente.

– Joe, vai pegar a camionete – meu pai fala. – Você e o Matt vão e tentem achá-la. Tretch, seu vô e eu vamos caminhando com um laço…

Meu vô ergue a mão.

– Olha, Richard. É melhor ocê ir lá com eles, para o caso de a acharem. Se eles encontram a Mary assim sem laço, vão só fazer a bichinha fugir com medo. Não quero ela mais nervosa. Quanto mais ela correr por aí assustada, mais difícil vai ser com o bezerro. Eu e o Tretch vamos a pé. Vou lá pegar a corda para nós.

Engulo em seco.

– Ahn, a corda?

– Para o laço. – Meu pai pisca para mim. – Não se preocupe – ele sussurra. – Vai dar tudo certo.

Fico me perguntando o que o Matt está achando disso tudo… Laços e bezerros virados. Acho que ele nunca ouviu falar em problemas de partos bovinos.

Essas são coisas que ele não vai precisar saber em Nova York.

– Às vezes o bezerro fica mal posicionado dentro da mãe – explico. – Você sabe que a cabeça deve sair primeiro, né?

– Sim – Matt responde.

– Bom, quando ele está virado, as patas saem antes. Por isso que o meu pai precisa tentar colocar o braço todo lá dentro e desvirá-lo.

Falar de partos difíceis de bezerros sempre me deixa um pouco enjoado. Minhas mãos começam a suar. Enfio um dos pãezinhos na boca. Matt está mastigando um também.

– *Ei*, Tretch, *vamos*!

Meu vô já saiu pela porta de trás. Vejo a corda balançando sobre seu ombro. “Deus, por favor não me faça ter que usar essa corda na Mary.” Mordo a parte de dentro do meu lábio, engolindo o pão.

– Estou indo, vô! – grito e o sigo pela porta de trás.

Imagino que o Matt não vê problema em se juntar ao meu pai e Joe. Sinceramente, eu queria ter ficado lá com ele. Quando esse tipo de coisa acontece, esses partos complicados, é provável que haja mortes. Nesse caso, sua esperança é de que somente o bezerro venha a morrer, e não a mãe também. Esse tipo de coisa perturba o meu vô. Às vezes ele fica possesso.

Ele está à minha frente agora, entrando no bosque. Corro para alcançá-lo. Ele me ouve chegando e me repreende:

– Não *corre*, Tretch. Ela vai ficar assustada se estiver por perto.

– Ops – digo. Reduzo a velocidade.

Meu vô caminha com passos cuidadosos. Folhas secas se esmagam e galhos quebram. Tudo está em pleno silêncio e *frio*. Está tão frio. Consigo enxergar as nuvens de fumaça da respiração do meu vô, mesmo ele estando a uma boa distância de mim. Ele

está com uma lanterna, apontando para fossos, atrás de moitas espessas, todos os lugares onde ele já viu vacas deitadas com seus recém-nascidos antes. Deve ser serena a visão de uma vaca deitada com seu bezerro recém--nascido, o limpando, com o parto tendo ocorrido suave, sem precisar da ajuda de nenhuma pessoa para acontecer.

Mantenho meus olhos bem abertos, embora seja difícil enxergar sem uma lanterna comigo. Na maior parte do tempo, me sinto um inútil. Conheço o truque: é preciso tentar flagrar a luz da lanterna refletindo nos olhos da mamãe vaca. É assim que você a encontra no escuro.

– O pelo preto dela também não ajuda – meu vô comenta.

Saímos da trilha e nos embrenhamos em um matagal. Em uma noite de luar, tudo brilharia branco em consequência da geada. Mas estamos cobertos por um teto de copas de árvores, e a Lua parece bem distante. O bosque parece maior e mais assustador no escuro. Mais folhas se esmigalham debaixo de nós, e a fumaça da nossa respiração forma nuvens como balões de fala em branco. Nós não abrimos a boca, e quero saber o que meu vô está pensando. Sei que por dentro a cabeça dele está zunindo. O seu medo, o seu nervosismo, e principalmente sua esperança. Ele arrisca tudo em nome da esperança. E, se não der certo como ele espera, bom, aí isso se transforma em desespero.

“O seu temperamento artístico”: essa era a explicação.

Acho, contudo, que isso nunca me ajudou a compreendê-lo. Ainda estou o conhecendo, passados todos esses anos da minha vida até hoje. Sei quando ele quer ficar quieto. Sei quando ele quer fazer graça. Sei que sou mais parecido com ele do que qualquer outra pessoa da minha família.

– Tretch – ele respira fundo. Com a lanterna, ele ilumina um declive se erguendo diante de nós. – Está vendo?

Olho bem, seguindo a luz que se espalha e que com a distância se enfraquece. E então, sem dúvida, lá está o brilho no olho. É a Mary, e ela está de pé.

– A gente tem que chegar mais perto – meu vô sussurra. Ele se agacha. – Segure aqui a luz.

Pego a lanterna e a mantenho apontada firme sobre ela. Meu vô começa a se arrastar devagar para a frente. Ele se afasta quando a calça do seu macacão se enrosca em um arbusto espinhoso. A planta faz barulho. Ao perceber isso, vejo que Mary fica tensa. Ela vai sair correndo.

A corda escorrega ainda enrolada do ombro do meu vô até o braço dele. A ponta com o laço toca o chão antes de ele erguê-lo. Ele o segura como um caubói, então o atira longe.

Cai direto ao lado de Mary, e ela imediatamente vira e dispara longe. Meu vô grita como se estivesse com dor, e vislumbro algo que não quero ver balançando por trás de Mary. Fico parado, em choque. Um segundo depois, ela some.

Meu vô põe as mãos nos joelhos e se agacha.

– *Ai, porqueira!* – ele grita. Quando fica reto, ele resmunga: – Que lerdeza, não consigo mais fazer nada.

Ele volta, caminhando na minha direção, seus braços entendidos para a lanterna.

– É esse câncer, Tretch! – ele grita. – É esse câncer que está me atacando.

O laço balança no chão enquanto ele o recolhe de volta.

– Toma, talvez ocê consiga – ele diz, jogando a corda para mim.

Eu a pego e a seguro por um instante.

– Vô, eu… – começo a falar, mas ele passa por mim.

É o momento em que você desiste. O momento em que você sente a esperança ir embora, e tudo que você consegue pensar é no seu fracasso.

– Vô – falo de novo, mas ele já está longe demais para me ouvir.

Quero entrar na camionete com meu pai, Joe e Matt e voltar para casa, depois acordar como se fosse um dia normal de Ano-Novo. Nada desse negócio de parto de vaca.

Alcanço meu vô na trilha:

– Espera.

– Vai que o Rich consegue achá-la.

– Talvez sim – eu falo. – Ela parecia estar indo em direção ao campo. Era para lá que eles estavam indo com a camionete, né?

– Acho que é.

– Bom, vamos seguir então naquela direção.

Eu o faço dar meia-volta.

Andamos pela trilha, fora da mata e rumo à clareira. Foi bem estranho. A última vez que eu tinha visto a terra cultivada se estendendo à frente, sob a escuridão da noite, eu estava meio fora de mim. E agora a vejo outra vez, com toda aquela gelidez ardendo sob a grande lua branca. Isso me dá náusea.

Do que eu estava com medo naquela noite?

Matt desaparecendo.

Meu vô desaparecendo.

Todo mundo…

Ouço o ronco baixinho da velha picape andando devagar pelo campo. Não vamos precisar subir o declive, então. Não vou precisar olhar na direção da lagoa congelada.

– Você ouviu isso, vô?

– Hein?

– A camionete.

Ficamos parados e apertamos a vista, e então eu vejo as lanternas traseiras emanando a luz vermelha, dois pontos de luz na escuridão. A camionete para apontada para o bosque, as luzes do farol se perdem em algum lugar lá dentro. Começamos a cruzar o pasto, meu vô com esperança outra vez, dizendo:

– Acho que encontraram a Mary.

Também tenho esperança.

Tenho esperança de que meu pai tenha conseguido laçar a Mary e a acalmado. Tenho esperança de que ele já tenha conseguido fazer o parto do bezerro na hora em que conseguirmos chegar lá. E tenho esperança de que o bezerro não tenha morrido.

Matt está inclinado contra a tampa traseira. Ele se vira quando nos aproximamos.

– Tretch – ele diz –, eu a lacei. Acredita nisso?

A voz dele soa empolgada, mas o rosto dele parece tomado de preocupação. Como se ele não soubesse dizer se tinha feito algo errado.

– Bom trabalho – sussurro. – Cadê o meu pai e o Joe?

– Eles entraram no mato. – Matt aponta. – Você precisa seguir os faróis. Acho que eles estão lá no fundo. Mas me disseram pra ficar aqui. Acho que seu pai não queria que eu visse, caso…

– Você acha que a acalmaram? – meu vô o interrompe com a voz pesada pela falta de fôlego. Ele coloca uma mão na traseira da camionete ao lado de Matt.

– Não sei não, senhor – Matt responde. – Pode ser que sim. Acho que o Joe estava segurando a corda da última vez que eu vi…

– Tretch, é melhor você entrar aí.

Afasto alguns galhos mais baixos e entro no bosque outra vez. Estou com receio do que vou ver quando chegar lá. Da última vez, meu pai me fez virar o rosto. “Tretch, não olhe”, ele disse, mas eu já havia o escutado fazendo força para tirar, e tinha me dado conta. Penso nisso. Penso no meu avô gritando: “É esse câncer, Tretch”. Não quero ir mais adiante. Não quero olhar o que está por vir. É tudo difícil demais. Nunca mais vou conseguir sair dessa.

Pelas árvores, ouço meu pai gritar:

– Segure-a, Joe!

Ando rápido. O Joe é o primeiro a me ver.

– *Tretch*! – ele grita. – Vem cá me ajudar a *puxar*!

Joe segura firme o laço enquanto Mary torce frenética o pescoço, estressada, lutando para se livrar dele. Ela tenta ir para trás, e os pés de Joe escorregam. Meu pai tomba atrás dela, e penso: “Ela vai esmagá-lo. Não vai fazer de propósito, mas ela vai esmagá-lo”. Pulo para alcançar a corda e, quando a pego, puuuxooo. Mais forte do que qualquer coisa. Eu puxo. Mais forte do que já tentei puxar qualquer coisa na vida. Puxo porque acho que pode ser a única coisa capaz de salvar meu pai, a única coisa que pode salvar Mary e o bezerro, e o meu vô. Eu puxo como se fosse também a única

coisa capaz de salvar minha vida, e a vida de todo mundo que conheço. Eu puxo como se fosse a única coisa que vai nos manter todos unidos.

Um jato de ar gelado explode das narinas de Mary, e ela se inclina para a frente, se assentando sobre suas patas dianteiras. Eu e Joe estamos segurando a corda firme, embora a luta tenha terminado. Ela não está mais resistindo. Ela está calma. Falo com ela.

– Boa garota. Fica aí calminha.

Ela curva a cabeça. Vejo os contornos do meu pai trabalhando atrás dela.

Da última vez, ouvi o som dele puxando o bezerro.

Fecho os meus olhos. “Esteja vivo”, penso. “Esteja vivo.” Uma mão roça a minha e agarra forte a corda. Quando abro os olhos, vejo que é meu vô. Ele segura firme a corda entre mim e Joe.

– Tá tudo bem, menina – ele fala para Mary. – *Vambora*, que vai dar tudo certo.

– Ufa… – A voz do meu pai emerge.

Ouve-se então uma pancada abafada contra o chão duro.

Mary levanta o pescoço.

– Ele está…? – começo a perguntar.

– Tretch, espera – escuto Joe dizer.

Mas eu preciso olhar. Largo a corda e dou um passo para a frente. Atrás de Mary, meu pai está largado no chão com o bezerro em seu colo completamente imóvel.

– Oh…

Ele está pegajoso e molhado, seu pelo é da mesma cor de Mary. Preto retinto, sem uma única pintinha branca.

Uma poça no chão espirra quando piso nela.

– Tretch – meu pai avisa outra vez.

Mas quero que ele saiba que está tudo bem, que eu sei o que é a morte e não tenho medo dela, porque a morte é parte da vida. “E não tenho medo da vida, não mesmo, mesmo que ela possa ser difícil e tenha algumas partes tristes. Ainda assim existem coisas boas. Sempre vão existir as coisas boas.”

E então ele se mexe. O bebê se mexe.

– Pai!

Os olhos do bebê se abrem e ele olha para cima. Ele treme.

– Tretch? – meu pai se move irrequieto. O bezerro balança a cabeça para a frente e para trás, e meu pai faz o que pode para acalmá-lo. – Aqui, Tretch! – ele diz. – Pega! A gente tem que…

Meu vô me dá um empurrão.

– *Limpe o nariz dele!*

Eu desabo de joelhos e me curvo sobre o recém-nascido.

– Fica *quieto*! – grito enquanto seguro o focinho molhado.

Por sorte, isso chega ao fim antes que eu tenha tempo de pensar a respeito.

Afasto minha mão com os dedos pingando um ranho claro e nojento, e lembro da sensação de desmaiar. Mas mantenho a calma.

Que é mais do que posso dizer do meu vô.

– Carambolas, Tretch! – ele grita. – Quando um trem desses acontece, sinto que eu podia viver *pra sempre*! Acho que a gente vai ter que chamar esse aí de Sortudo!

Quando enfim voltamos para a casa, meu vô se afunda em sua poltrona. Pouco depois, já está roncando. Eu rio e vejo Matt também dormindo no sofá. O cheiro do café da manhã está vindo da cozinha, mas não sei quem vai estar de pé para ir tomá-lo. Meu pai está ferrado de sono na cadeira de balanço, e Joe está esparramado no chão da sala. Eu, porém, não estou cansado. Na verdade, estou me sentindo muito bem. Acho que vai ser legal tentar pegar o amanhecer.

Não é todo dia que você pode ver o sol nascer em um Ano-Novo.

Então saio pela porta de trás e cruzo o quintal. E é aí que eu as vejo, penduradas no grande carvalho. As asas do tio Dennis.

Meu vô as terminou.

vinte e dois

Depois de dormirmos por toda a manhã e depois tomar parte do banquete anual de Ano-Novo da Fazenda Farm (feijão-fradinho, folhas de nabo, papada de porco, cozido de batata-doce e um lombo), eu e Matt estamos praticamente recuperados no que se refere à energia.

Agora são quatro da tarde e estamos prontos para colocar as coisas no carro e voltar para a cidade, mas Matt quer dar uma última olhada no Sortudo antes de irmos embora.

Com o sol da tarde, agora não está tão congelante, mas ainda assim há uma pitada do frio que sentimos às seis da manhã. Tentamos avistar o Sortudo, mas até agora só conseguimos ver uma vaca.

– Quando você vai dizer pra Amy que vai se mudar de volta pra Nova York?

– Ah – Matt diz. – Eu já contei pra ela. Contei ontem à noite.

"O baile", lembro. "Isso aconteceu só ontem à noite mesmo?"

– E o que foi que ela disse?

– Ah, ela não falou muito. Quer dizer, ela ficou triste. Mas, sinceramente, você salvou geral, Tretch. Assim que você começou com aqueles passos irados, foi como se ela tivesse se esquecido de ficar mal. Ela só queria saber de dançar e se divertir. Acho que está tudo bem com ela. A gente nunca teve a chance de se conhecer de verdade, mas… – Matt sacode a cabeça em sinal negativo. – Eu ainda não consigo acreditar naqueles passos, cara. Quer dizer, você tem o gingado.

"O gingado."

– Você não para de falar isso, como se fosse uma baita surpresa e tal. Você acha que só porque eu sou ruim nos esportes vou ser ruim dançando também? – Dou um soquinho no seu ombro, e ele sai pulando como tivesse machucado de verdade.

– Pô, Tretch é tão fooooorte – ele fala. – Ele nem tem noção da força que tem.

Sorrio.

– Droga, vou sentir sua falta – penso. Mas aí me dou conta que não foi um pensamento. Eu realmente falei isso. Eu realmente disse isso para ele.

Matt coloca seus braços ao redor dos meus ombros, e começamos a voltar para casa. Nenhum sinal do bezerro, mas tudo bem. Outra hora a gente acha o Sortudo.

– Vou sentir sua falta também – ele diz. – Quer dizer, provavelmente você vai ser a única coisa de que *vou* sentir falta. Se bem que não. Vou sentir falta de coisas assim. Das férias de inverno, e de ver você dançar, e de subir no telhado com você e a Amy. – Ele ri. – Vou sentir falta de não poder ver você se assumindo.

Eu bufo.

– Quê? – Não sei o que ele quer dizer. Eu já me assumi para ele, não?

– Você sabe, tipo, quando você contar para os seus pais e tal.

– Ah. – Eu suspiro. – Bom…

– Quer dizer, eu fui o primeiro para quem você contou, né?

– Bom, na verdade, mais tipo o terceiro ou quarto…

– Sério? Você esperou tudo isso? – Ele deixa seu braço cair e se vira para mim. – Por quê? Quer dizer, deveria ter sido fácil contar para mim. A gente conta tudo um para o outro.

E o que é eu deveria dizer para ele?

“Matt, a razão de eu não ter te contado antes foi porque eu estava apaixonado por você desde o dia que você foi à igreja com a minha família. Nós nos demos as mãos durante a oração. E, de alguma maneira, eu estava com medo que, se te contasse, você saberia, e todas as peças começariam a se encaixar, e aí…”

– Porque eu tinha uma queda por você.

“… E aí você ia pirar.”

Matt fica parado me olhando. Ele põe as mãos nos bolsos.

– Sério?

Faço que sim com a cabeça.

– Quer dizer, já superei isso, mas… – Será que é verdade? A última vez que chequei essa questão, eu ainda estava em cima do muro. – Mas, por um tempo aí, sim. Eu gostava de você.

Ele não fala nada, então eu continuo.

– Quer dizer, você era tipo o meu *protetor*, Matt. Você me defendeu e tal, na frente do Bobby Handel, na frente de todos aqueles babacas…

– Ué, isso é o que os amigos fazem, Tretch.

– Eu sei. Agora entendo isso. Como já disse, não gosto mais de você daquele jeito. Isso foi… Quer dizer, já faz um tempo… – Agora estou mentindo mesmo, porque definitivamente não "faz um tempo".

A verdade é, enquanto estou ali parado olhando para ele, tentando me explicar, não estou me sentindo do jeito que me sentia antes com ele.

– Quer dizer, só para jogar limpo – digo. – Essa paixonite só durou, tipo, uma semana…

– Uma semana?

– Talvez um mês, no máximo.

Ele aperta os olhos.

– Quando foi isso?

– Hum… No oitavo ano. – "Ontem".

– Ah, pff… – ele diz. – Isso foi então no jardim da infância.

Não consigo deixar de rir. "Com certeza."

Começamos a voltar pela trilha do bosque, e Matt faz graça chutando o pedaço congelado de uma árvore caída. Ele toma uma boa dianteira e chuta com toda a força para ver a distância que atinge. Então corre até ele e o faz voar outra vez.

– Acho que eu devia tentar virar *kicker* no time de futebol.

Então ele se esconde dentro do tronco oco de um enorme carvalho.

– Matt, pode ter morcego aí dentro – eu o aviso, e quase imediatamente ele grita.

– Ahhhh!

Um morcego sai voando de trás dele, roçando sua cabeça. Ele cai no chão com a mão no peito, como se estivesse tendo um ataque de pânico, e eu rio alto. Eu me curvo, coloco as mãos no joelho, e gargalho com toda a força por um longo tempo. Por fim, ele também não consegue segurar. Sua risada jorra em jatos de fumaça contra o ar gelado.

– Então, é *disso* – ele fala. – É *disso* que vou sentir falta.

Antes de deixarmos a Fazenda Farm, ainda tenho uma coisa para fazer. Preciso dar à minha vó o cachecol. Afinal de contas, já faz quase três semanas.

Eu o dobro em um quadrado e o enfio na gaveta da cozinha, do lado do baralho dela. Mais tarde, ela liga para o meu pai e diz a ele que o encontrou.

– …o Tretch deixou o bilhete mais lindo! – ela diz.

É claro, eu não sei exatamente como tudo aconteceu. Digo, de como ela encontrou o cachecol. Mas é assim que imagino.

Vejo minha vó abrindo a gaveta da cozinha para pegar o seu baralho. Eu a vejo olhando para o cachecol, o erguendo, encontrando meu bilhete preso nele, e o lendo pela primeira vez.

Eis o que está escrito nele:

> *Ei, vó*
> *Encontrei com o senhor Thumb outro dia, e ele me deu isto. Ele disse que estava o usando desde que a senhora Thumb faleceu. Mas ele me disse que estava na hora de dá-lo para a pessoa para quem a senhora Thumb o fez. Ela fez pra você, vó. Ela queria agradecer pelo picles de quiabo. E eu não quero roubar a cena dela, vó, não mesmo. Mas eu também queria agradecer. Por ser a pessoa mais corajosa no mundo inteiro.*
> *E tudo mais. Eu te amo.*
> *TRETCH*

Então eu a imagino abrindo seu cachecol, segurando-o na sua frente, e sorrindo. Eu a vejo dizendo algo para o meu vô, talvez perguntando:

– Como é que você está se sentindo hoje, amor?

– Muito bem – ele responde, enfatizando o “bem”.

– Que bom – ela diz. – Acho que a gente devia celebrar à noite.

Nesse momento, meu avô levanta a cabeça.

– Você está querendo dizer que já não celebrou o suficiente?

Finalmente, eu a imagino fazendo sinal negativo com a cabeça e sorrindo.

– Não, meu bem – ela responde. – Nem de longe.

vinte e três

Às vezes, quando eu amo um livro, preciso sair de casa para terminá-lo. E quero dizer *sair* – tipo, ir para outro lugar onde eu sinta que o final vai ser ainda mais memorável.

Agora está caindo a noite, véspera do último dia de férias de inverno. Restam dez páginas de *On the Road*.

Meus pais não gostam que eu saia e fique andando na rua quando está perto de escurecer. Mas não vai levar muito tempo. Afinal, são só dez páginas.

Por isso, nem falo para eles; simplesmente saio.

E sei para onde quero ir.

O gramado no pátio da escola está coberto de gelo. As barras de metal do trepa-trepa estão congeladas; isso faz parecer que, se eu tocar minha língua ali, vou ficar colado até sabe lá Deus quando… Eu me pergunto quanto este inverno está mais frio comparado ao anterior em Warmouth. Não nevou nem nada, mas há um frio constante. Nos últimos anos, estava estranhamente quente na época do Natal. Em uma véspera de Natal, eu lembro até de estar vestindo só uma camiseta de manga comprida.

Mas no inverno eu prefiro o frio; parece melhor assim. Mais marcante.

Vou até um balanço e o viro para cima, escorrendo o acúmulo de água de garoa congelada. A luz do sol não vai durar muito mais que isso, e se eu quiser terminar o livro aqui preciso começar já. Eu o abro na página, exalo uma nuvem de fumaça e começo ler.

É aí que sinto o cheiro.

Cigarro.

Viro minha cabeça em direção ao grande carvalho na esquina do pátio. Há dois bancos ali, dispostos em um ângulo estranho ao redor das vastas raízes da árvore.

Ninguém ali. Nenhuma fumaça ondulada subindo de nenhum lugar que eu consiga ver.

Então ouço atrás de mim um barulho alto de algo descendo raspando, seguido de um:

– Farm! O que você está fazendo aqui?

Eu me viro. E, ali, saindo daquilo que chamávamos de "escorregadorzão" quando crianças, está o Bobby Handel.

– Bobby? – digo. – O que você…?

– *Ei*, não faça perguntas!

Bobby está cruzando a enorme caixa de areia cheia de brita, onde estão todos os trepa-trepas. Ele tem alguma coisa dentro da mão fechada.

Isso ou ele está só com o punho cerrado.

Ele para a meio caminho de mim e se curva para baixo como se estivesse prestes a vomitar ou algo do tipo. Mas ele não vomita. Em vez disso, cava um pequeno buraco entre as britas, joga algo ali dentro, então cobre o buraco outra vez.

Ligo os pontos.

– Você está *fumando* aqui, *Bobby*?

Ele olha para cima, seu rosto todo contorcido e vermelho – de frio ou raiva ou acne, não tenho certeza.

– *Farm*. Eu disse *sem perguntas*.

– Você é *idiota*?

Isso o tira do sério. Bobby vem correndo com tudo na minha direção.

Não sei o que fazer. Não sei se devo tentar me esquivar e fugir correndo. Só uma coisa é certa: eu não vou tentar brigar com o Bobby Handel.

Bobby se atira com tudo em cima de mim e me joga para fora do balanço. Consigo agarrar o *On the Road* enquanto ele me derruba, e o seguro na frente do rosto.

– Bobby! Bobby! – grito – Para!

Ele recua o punho.

– Farm idiota. Com certeza vai lá contar para o seu pai e me ferrar…

– Bobby, que saco! – Eu o empurro, empurro para valer. De algum jeito eu o faço sair de cima de mim. Ele cai de bunda na grama molhada.

– Nossa, Farm – ele diz.

Eu me sento.

– Que saco, entendeu?

Jogo o livro no meu colo e reparo que a capa está rasgada.

– Aaaarrrrrhhhh! – urro. – Você rasgou meu livro!

Bobby olha perplexo.

– Eu… – ele começa a falar, mas o detenho.

– Você rasgou meu *livro*, Bobby. E a única coisa que o que eu queria era vir aqui e ter paz e tranquilidade, como sempre, mas não, é impossível eu pisar na escola em busca de paz e tranquilidade se *você* está por perto! – Jogo o livro, não em Bobby diretamente, mas meio que nele. O livro voa por cima do ombro e cai com um doloroso som de amassado.

– Nossa, Farm – ele fala outra vez.

– E, sério, você está *fumando* aqui? Pelo amor de Deus! Sua mãe morreu de *câncer*. Lembra? Quando a gente tinha cinco anos? Você quer ter *câncer*?

Bobby franze o rosto.

– Claro! – ele diz. – Claro que eu quero!

– Sabe, meu avô também está com câncer. E adivinha? *Provavelmente ele vai morrer disso!* E sabe o que mais? Ele *não* fuma! E minha vó também não fumava quando *ela* teve câncer, e nem a sua mãe!

– E *daí*?

– E daí que eu estou *dizendo* que existe uma *possibilidade* bastante real pra ter a droga do câncer até quando você não *faz* droga nenhuma pra ter.

Bobby salta na minha direção outra vez.

– E *daí*, Farm! E *daí*?

Eu empurro seus ombros.

– *Para*, Bobby! – grito. – Se *controla*, cara!

Ele me prende com os braços e dá um soco nas minhas costas, embora não tão forte a ponto de machucar. Na verdade, Bobby está amolecendo; posso sentir. No final, é como se eu estivesse segurando uma barra de manteiga.

– Bobby – eu digo, sem fôlego.

Sinto que ele está tremendo. Naquele instante virou uma chavinha. Bobby Handel está chorando, e estou o abraçando, e talvez fosse isso o que eu gostaria de ter feito por ele quando a gente tinha cinco anos. Quando ele tinha cinco anos de idade e perdeu sua mãe e não podia entender aquilo; ele provavelmente ainda não entende, porque como é que se pode de fato *entender* algo assim?

Dou uns tapinhas nas suas costas.

– Bobby – eu digo. Sinto algo molhado cair na minha mão e me dou conta que também estou chorando. – Bobby, eu… – Um soluço escapa dele e reverbera no meu peito. – Bobby, eu *sinto muito*.

Eu o abraço forte por alguns minutos, embora nem mesmo horas teriam sido o bastante. Nem mesmo se eu pudesse tê-lo abraçado ao longo de todos os anos de nossa infância, não teria sido o bastante. O bastante para preencher o vazio que Bobby sente.

– Você ficou com uma cicatriz? – Bobby pergunta. Estamos atravessando o estacionamento do lado de fora da escola. – Daquela vez. Você sabe, da vez em que te empurrei no armário e você se cortou?

Sacudo minha cabeça em sinal negativo.

– Não, por quê?

Estamos andando tão perto um do outro que até sinto Bobby encolher os ombros.

– Foi o Gooby que disse.

– O Matt? – Eu me viro para olhá-lo. O rosto dele ainda está vermelho, mas provavelmente mais do frio que de qualquer outra coisa. – Hum, queria saber por quê.

– É, ele falou que você tinha uma cicatriz, e que se eu encostasse a mão em você outra vez, ele iria fazer o pai dele ligar para o meu.

– Rá! – Tento imaginar a cena. O super de boa Landon ou o mega-ansioso Ron. Qualquer um deles falando ao telefone com Tim Handel parece, para mim, parte de um esquete de comédia. – Eu me pergunto qual dos dois.

Bobby abre um sorriso. O jeito como seus lábios estão rachados nos cantos me faz pensar no Coringa.

– Como é que eles são? – ele pergunta. – Os Gooby.

Penso um pouco a respeito.

– Bom, o senhor Landon é ultrarrelaxado, e ele tem uma barba toda irregular, que é ótima. E o senhor Ron… – Eu me lembro da vez em que me sentei à mesa para tomar café com eles na manhã em que eles partiram. – O senhor Ron é mais tenso, eu acho. Mas ele é legal também. Quer dizer, tem um bom equilíbrio entre os dois. – Pauso. – E Matt é…

"Como é que eu começo?"

Meu cadarço soltou e eu paro para amarrá-lo, colocando no chão o meu recém-esfarrapado exemplar de *On the Road*.

– Desculpa – eu digo. – Preciso amarrar aqui. – Eu me enrolo com os cadarços, meus dedos estão bem vermelhos e contraídos pelo frio. – Nossa, como é difícil fazer isso quando está frio desse jeito.

Bobby para alguns passos à frente e se vira. Ele olha o livro por um segundo, então entorta a cabeça para ver o céu noturno. O luar captura a sua respiração.

– Desculpa pelo seu livro – ele diz.

Depois de algum esforço, consigo dar um laço no meu tênis.

– Ah, pff… – Eu me levanto. – Esquece.

– Posso te comprar um novo, você sabe. Eu…

Eu o alcanço e começamos a caminhar outra vez.

– Sério, não é nada demais.

– Mas eu gostaria de fazer isso, se você deixar.

– Desculpa – eu falo, fazendo sinal negativo com a cabeça. – Mas esse exemplar é especial.

Bobby para e vira o rosto para mim. Ele coloca as mãos nos bolsos.

– Puxa, agora eu me sinto mal *pra valer* – ele diz.

– Não! – Agito a mão no ar. – Não, não, é *especial* porque agora eu tenho uma lembrança para levar com ele.

Ele aperta os olhos para mim, sem entender. E então eu rio.

– Estou falando da lembrança da noite em que viramos amigos.

Ele tira as mãos dos bolsos e olha para cima outra vez. Então cruza os braços.

– Verdade – ele diz.

Não falamos mais nada até chegarmos ao estacionamento do Antiquário Yarborough alguns minutos depois.

– Bom – digo a ele –, eu vou por aqui. – Aponto com a cabeça na direção de casa.

– Tá certo – ele diz. – Acho que te vejo daqui a dois dias.

– Argh. Mas já? Cara, como é que essas férias passaram tão rápido assim?

Bobby dá de ombros.

– Com certeza, eu nem vi passar.

Ele olha para trás na Barrow Street, com toda as luzes de Natal ainda acesas e iluminando a fachada de cada loja. Não interessa que já esteja escuro do lado de fora. A rua ainda está clara como se fosse dia.

– Parece que a cada ano que passa eles deixam as luzes acesas por mais tempo – eu digo. – Quer dizer, pelo amor de Deus! Nem Ano--Novo mais é.

– É – Bobby concorda. – Se bem que eu sempre sinto falta depois que eles tiram.

Sigo o olhar dele por todo o caminho até o gramado do tribunal de justiça. As luzes da grande árvore de Natal deixam a estátua de William Griggers na sombra. *Os bravos não conhecerão a morte.*

Pigarreio.

– É, eu também – falo para Bobby.

vinte e quatro

No último dia de férias, estou sentado no meu quarto. Quero ouvir “Anything Could Happen” de novo, mas por algum motivo o CD de Joe está pulando. É como se ele tivesse sido arranhado ou coisa assim, o que não pode ter acontecido. Eu guardei essa coisa com a minha vida.

Já terminei *On the Road* também, portanto isso já não está mais na minha lista. Gostei pra caramba do livro. Especialmente do jeito que acaba, com aquele verso: “Penso em Dean Moriarty, penso em Dean Moriarty, penso em Dean Moriarty.” Amo o jeito como isso soa na minha cabeça.

Então estou aqui, sentado no meu quarto no último dia de férias, e pela primeira vez na minha vida estou tentando escrever. Estou tentando escrever um diário, já que o Joe me deu um bacana de Natal.

Começo: “Bom, até que essas férias de inverno foram boas”. Então minha mãe me chama:

– Ei, Tretch!

– Oi?

– O que você está fazendo?

– Estava tentando começar aquele diário que ganhei de Natal.

– Ah, tá.

Passa-se um tempinho.

– Quer ir fazer compras comigo?

– Aham – eu digo.

Da última vez que saí para fazer compras, me assumi para o Joe.

Olho para as palavras que escrevi na folha. Uma frase bem sem graça, para falar a verdade. Não é bem como eu gostaria de começar.

– Me dá um segundo.

Pego a caneta e rabisco aquilo. Então penso um pouco, só olhando para a página, até que minha mãe me chama:

– Tretch? Você vem?

– Sim, senhora – digo.

Então decido. “Penso em Matt Gooby, penso em Matt Gooby, penso em Matt Gooby”. Depois disso, acrescento: “Mas agora não penso mais nele tanto assim”.

Coloco minha caneta ao lado do caderno e balanço minhas pernas para fora da cama. Minha mãe está em frente à escada. Ela está com a sua bolsa e suas chaves, pronta para sair.

– Vamos pegar a rodovia? – pergunto.

– Na verdade estou pensando em ir por dentro.

Sorrio.

– Legal.

Na loja, minha mãe vai fazer devoluções, e eu me vejo na seção de CDs. Tenho uma nota de dez dólares na carteira e umas moedinhas perdidas no bolso. O CD da Ellie Goulding, um álbum chamado *Halcyon,* está só 9,99 dólares. Dou uma olhada na contracapa: “Anything Could Happen” é a terceira faixa.

– *Halcyon* – leio em voz alta.

O preço final é 10,69 dólares. Tenho exatamente 10,75 dólares, por isso fico liso. Tiro o plástico enquanto minha mãe dirige de volta para casa. Ela trocou a caixa de DVDs de *As panteras* que eu e Joe demos para ela de Natal por um crédito na loja. Agora ela está usando esse suéter laranja que, preciso dizer, é bem mais bonito que aquela blusa de gola rolê rosa chiclete que ela costuma usar.

– O que significa *Halcyon*? – pergunto a ela, através de um bocado de plástico.

– Hã? – Paramos no sinal vermelho, e ela enfia a mão no bolso para pegar o seu iPhone em sua capinha roxa. – Procura aqui.

A esta altura, já sou um profissional para procurar coisas no iPhone. Aciono o teclado e digito as palavras “halcyon definição” na barra de busca.

O que aparece é o seguinte:

> halcyon: (adj.) calmo, tranquilo; rico, opulento; feliz, alegre
> (subst.) alcíone: um pássaro mitológico que se reproduz durante o inverno em um ninho que flutua sobre o mar.

A segunda parte da definição está destacada em azul, o que significa que eu posso clicar nela se eu quiser. Aperto a tela com o meu polegar, e a página desaparece por um segundo. Quando volta, exibe a imagem de um alcíone, o tal pássaro.

– “Se reproduz durante o inverno em um ninho que flutua sobre o mar” – leio em voz alta.

– O quê?

Mostro para minha mãe a definição completa.

– Hum – ela diz. – Uma boa palavra de inverno.

– É – eu digo. – Uma boa palavra de inverno.

Viro a cabeça e olho para ela. Ela tem o olhar fixo para a frente, batucando seus polegares no volante, cantarolando a música da Taylor Swift que sai pelos alto-falantes. Por uma fração de segundo, penso em contar para ela. Penso em contar para ela…

– Eu tenho uma coreografia pra essa música – falo.

– *Mesmo?* – Minha mãe parece surpresa.

– Hum.

Vejo a expressão do rosto dela mudar. Algo como uma confusão mental dando lugar a um sorriso e depois uma risada.

– Então o Matt e a Lana não estavam brincando? Você realmente *tem* o gingado?

– É sim, mãe – eu digo. – Tenho o gingado.

Então encolho os ombros e balanço minha cabeça. Por cerca de vinte segundos, eu sou um Michael Jackson no banco do passageiro. Minha mãe continua batucando o ritmo no volante, rindo tanto que até fica com lágrimas no canto dos olhos e ela precisa enxugá-las.

Sentado no chão ao lado do aparelho de som, tiro o antigo CD gravado para mim e o substituo pelo *Halcyon*. Eu me esparramo ali e escuto da faixa um até a 13. Então começo outra vez.

No final, “Anything Could Happen” é só um *aperitivo* da mágica da Ellie Goulding.

Do lado de fora, o céu está ficando escuro. Estou na faixa seis pela segunda vez quando Joe coloca a cabeça pela porta.

– Curti isso aí – ele diz.

Concordo, acenando com a cabeça. Estou de pé e me mexendo de um lado para o outro, meus ombros balançando, meus braços abanando.

– Essa chama “Halcyon” – eu digo. – É demaaaaais.

Joe sorri.

– Olha, odeio ter que cortar o seu barato, mas a mãe tá chamando pra jantar.

– *Legal!* – digo. – Me dá só um minuto. Só quero terminar esta música.

Fecho meus olhos e giro. Ouço o Joe rir, mas, quando abro meus olhos outra vez, ele sumiu, e, em meu quarto, sou só eu e meu som outra vez. “Eu, meu som e minha dança”, penso. Apuro meus ouvidos para o refrão, este é bem diferente do refrão de “Anything Could Happen”. Neste aqui, em vez simplesmente de um monte de *ih-ih-ihs*, Ellie repete uma única frase. “*It’s gonna be better*” – “vai melhorar” –, ela canta, de novo e de novo. “*It’s gonna be better, it’s gonna be better, it’s gonna be better…*”

E quer saber?

Acredito nela.

Acredito que as coisas vão melhorar para mim, mesmo que às vezes isso pareça difícil. Mesmo nos momentos em que fecho meus olhos e tento imaginar isso acontecendo com *toda a força*, e às vezes não consiga.

A questão é que, se as coisas realmente forem melhorar, então está ótimo.

Porque, neste momento, dançando sozinho no meu quarto, sabendo que tenho uma vida inteira para se desdobrar à minha frente e um milhão de coisas para aprender com isso, só consigo sentir uma coisa.

As coisas já estão bem.

Já estão mesmo.

Mesmo, mesmo.

Sua opinião é muito importante!
Mande um e-mail para **opiniao@vreditoras.com.br** com o título deste livro no campo “Assunto”.

Conheça-nos melhor em:
vreditoras.com.br
facebook.com/vreditorasbr
twitter.com/vreditorasbr
instagram.com/vreditoras